



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DANIELA MEDEIROS DA SILVA

NA TRAMA DO ARQUIVO:
A TRAJETÓRIA DE EDVALDO DE SOUZA DO Ó (1929-1993)

João Pessoa
2021

DANIELA MEDEIROS DA SILVA

**NA TRAMA DO ARQUIVO:
A TRAJETÓRIA DE EDVALDO DE SOUZA DO Ó (1929-1993)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Stricto Sensu), no Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa.

**João Pessoa
2021**

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

S586t Silva, Daniela Medeiros da.

Na trama do arquivo : a trajetória de Edvaldo de Souza Ó / Daniela Medeiros da Silva. - João Pessoa, 2021.

127 f. : il.

Orientação: Jean Carlo de Carvalho Costa.Tese
(Doutorado) - UFPB/CE.

1. Educação superior - Campina Grande (PB). 2.
Sociabilidades. 3. Microclima intelectual. 4. Ó, Edvaldo de Souza
do. 5. Trajetória intelectual. I.Costa, Jean Carlo de Carvalho. II.
Título.

UFPB/B

CDU 378(813.3)(043)

DANIELA MEDEIROS DA SILVA

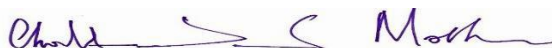
**NA TRAMA DO ARQUIVO: A TRAJETÓRIA DE EDVALDO DE SOUZA DO Ó
(1929-1993)**

Tese avaliada em: 28 /Julho /2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



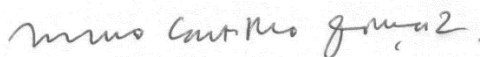
Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa
Orientador – UFPB



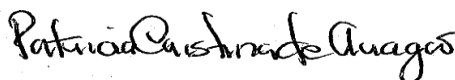
Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
UFPB / Examinador Interno



Profa. Dra. Regina Coelli Gomes do Nascimento
UFCG / Examinadora Externa



Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
PUC-SP / Examinador Externo



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
UEPB / Examinadora Externa

Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo De Barros

UFPB / Suplente Interna

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior

UFRN /Suplente Externo



Dedico essa tese à memória de Edvaldo de Souza do Ó.

AGRADECIMENTOS

Estou persuadido de que, como tudo, cada um nasce bem antes de seu nascimento, que o percurso a realizar, uma espécie de desígnio anterior que o sangue conhece, decide sobre ele.

(Hector Bianciotti, O que a noite conta para o dia, p.07).

A escrita é um ato solitário onde encontramos o outro. E esse outro é sempre uma parcela importante de nós porque nos preenche de devires e incertezas, condições para que possamos sempre seguir adiante. E assim, ao final de mais uma travessia, é preciso reconhecer que não seria possível chegar ao final se não estivesse de mãos dadas com inúmeros colaboradores, sejam familiares, professores e amigos. Sendo assim, agradeço hoje e sempre:

A Deus, a Nossa Senhora, ao meu anjo da guarda e aos protetores espirituais, por terem incansavelmente estado junto de mim nessa jornada que, de tão humana, necessita de proteção e defesa.

Aos meus pais, Arnaldo e Socorro, que sempre sonharam junto comigo e sempre lutaram para que eu e meus irmãos tivéssemos uma educação escolarizada, sinônimo de crescimento pessoal e de um porvir melhor.

Ao meu esposo e companheiro, Jair Moisés, que mesmo nos momentos mais difíceis segurou a minha mão e me fez acreditar que era possível chegar cada vez mais longe, mesmo nessa trajetória difícil de se escrever uma tese, na qual se mergulha em caminhos de incertezas, dificuldades, silêncios, mas nem por isso foi impossível de viver afetos e cumplicidades. Obrigada pelos desabafos, pelo cuidado, carinho, dedicação e por muito, muito mais.

Ao meu filho Daniel Moisés, que na doçura de sua infância e inocência me conduziu ao amor materno, sempre me ensinando que carinho, afeto e pureza fazem parte do melhor da vida. E a Alice, que ainda no meu ventre me renova como mulher, me alimenta de sabedoria e discernimento para concluir essa tese. Amo vocês!!!

Aos meus irmãos, Adriano e Rafaela, por todo apoio e alegria de viver esse momento de doutoramento, nas idas à rodoviária de Campina Grande para me pegar ou para minha partida a Patos ou a João Pessoa. Nossa fraternidade e união nos mantêm em pé, principalmente ao saber que podemos contar com alguém quando precisamos de auxílios.

Aos demais familiares, meus sogros: Antônio e Socorro, cunhados e cunhadas, que sempre estiveram me apoiando e vibrando boas energias para esse momento.

Nas diversas instituições por onde transitei durante o doutorado tive inúmeros aprendizados, contribuições acadêmicas e lições de vida. Na Universidade Federal da Paraíba agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa, pela amizade, confiança, dedicação, apoio aos caminhos dessa tese e pela contribuição a minha formação acadêmica. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, pelos debates e provocações das aulas, leituras e indicações sugeridas. Ao Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado e à Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes, pela leveza e pelo diálogo em momentos decisivos da minha trajetória no universo da biografia e trajetórias. À Secretária do PPGE, pela cordialidade e compromisso com a pós-graduação.

À Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, onde realizei como discente disciplina no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, em 2017, sob a orientação do Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira, agradeço pela generosidade e atenção na interlocução de leituras e possibilidades de escrita, assim como ao Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó, a quem agradeço a pertinência dos comentários críticos e sugestões de pesquisa; à Prof. Dra. Regina Coelli Gomes do Nascimento, agradeço pela alegria de compartilhar esse momento de regozijo e aprendizado com sua fala doce e cheia de inspiração. À Universidade Estadual da Paraíba, pelo acesso à Biblioteca Átila Almeida e à Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão, por ter se tornado uma grande interlocutora desse trabalho e sobretudo pelo modo gentil de suas intervenções, minha gratidão. Ao prof. Dr. Mauro Castilho, pelo aceite do nosso convite de participar desse momento de defesa de tese, com sua leitura e contribuição intelectual que muito engrandecem esse momento.

À Fundação Edvaldo de Souza do Ó, onde realizei a maior parte da pesquisa, não poderia deixar de agradecer o apoio incondicional dos seus colaboradores, me dando total acesso aos arquivos da Fundação e da Granja Solidão. Agradeço ao Presidente da Fundação na pessoa de Raimundo Yasbeck Asfora Neto, e à secretária da instituição, Meire, e ao caseiro da Granja Solidão, Evandro. A abertura da Fundação foi de fundamental importância para a pesquisa desta tese, assim como a total confiança e liberdade de pesquisa nos arquivos de Edvaldo do Ó, que sempre estiveram disponíveis para a pesquisadora e contribuíram substancialmente para a realização deste trabalho.

A produção de uma tese de doutorado necessita de um diálogo intenso com outros pesquisadores. Desse modo, gostaria de agradecer a contribuição dos historiadores Danilo Alves, Bruno Gaudêncio, Rafael Ribeiro, Damião Lima, Arthur Rodrigues de Lima, Ajanayr Michelly Sobral Santana, José Valmi Torres, Fábio Silva e Ramon de Alcântara Aleixo (in memoriam) na interlocução desse trabalho, seja por meio das suas próprias teses, dissertações e livros, seja pelas conversas profícuas e a alegria dos encontros. As suas produções historiográficas inspiraram os caminhos percorridos.

Agradeço também aos meus colegas de turma de doutorado, nos encontros de sala de aula, na Praça da Alegria da UFPB; fica aqui minha gratidão pela amizade e acolhida de cada um nas pessoas de: Betânia Dantas, Enoque Bernardo, Juliana, Alexandro, Regina Silveira, Regina Brito, Cecília, Stella, Jerusa, Ana Cláudia e Silmara, pelo prazer da convivência e aprendizados.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Patos (PB), pela liberação de minhas atividades docentes, possibilitando-me a dedicação aos meus estudos, a pesquisa e a escrita desta tese.

Para finalizar meus agradecimentos, sou grata a todos os indivíduos que conheci ao longo das viagens Patos – João Pessoa – Campina Grande – Patos, com suas experiências de vidas, que muito me ensinaram, tendo sido trocas afetivas de histórias, tão importante para alguém que viajava toda semana mais de 300Km.

Só se pode pensar Edvaldo do Ó em ritmo de trabalho. Um gênio de fazer e como fazer, entre sonho e a mágica de construí-lo. Só imaginação, em termos de criatividade administrativa, em meio tão pobre como o nosso, pode-se conceber esse prodígio. [...] Não casou. Não quer deixar descendentes. No silêncio do seu coração, talvez reflita, como Zaratustra, na loucura de uma doce melancolia: “Só poderia ter filho de uma única mulher, que és tu, Eternidade!”

*Raimundo Yasbeck Asfora – Trecho retirado da publicação da Gazeta do Sertão –
1º de setembro de 1981.*

RESUMO

Esta tese tem por objetivo central dissertar sobre o itinerário do economista paraibano Edvaldo de Souza do Ó e suas redes de sociabilidades construídas ao longo de sua trajetória no contexto da Educação de Ensino Superior da cidade de Campina Grande (PB), nos anos 1950, 1960, 1970 e 1980. O caminho investigativo percorreu seus arquivos pessoais, encontrados na Fundação Edvaldo do Ó e na Granja Solidão, estando neles incluída sua biblioteca, na qual está depositado todo o seu acervo particular, desde documentos, livros e fotografias, até anais do periódico Gazeta do Sertão. Tomam-se Sirinelli (1998; 2003) e seus conceitos sobre sociabilidades, redes e microclima intelectual como fundamentos a partir das tramas e teias discursivas por onde Edvaldo do Ó passou, deixando marcas e contribuições enquanto intelectual campinense a partir das relações que construiu. Nessa esteira, procura-se tecer interpretações quanto à participação deste personagem enquanto intelectual campinense atuante no meio educacional, fazendo uma relação com o desenvolvimento da cidade. As relações de sociabilidade eram marcadas pela elite urbana e intelectual campinense, formadas não só pelos graduados, mas também por comerciantes, descendentes de oligarquias rurais e políticos. Era nesse cenário que Edvaldo do Ó estava inserido e idealizava projetos voltados para a urbanização, com o intuito de incentivar uma rápida industrialização e posteriormente de reconhecer e transformar a cidade de Campina Grande em um polo educacional. Diante disso, a presente tese enuncia como Edvaldo do Ó se consolidou como intelectual engajado, empenhado no desenvolvimento de sua cidade nos aspectos da realidade educacional campinense a partir de sua trajetória de produção intelectual.

Palavras-chave: Educação Superior. Campina Grande (PB). Sociabilidades. Microclima Intelectual. Edvaldo de Souza do Ó. Trajetória Intelectual.

RESUMÉ

L'objectif principal de cette thèse c'est discuter sur l'itinéraire de l'économiste né à Paraíba Edvaldo de Souza do Ó et de ses réseaux de sociabilités construits tout au long de sa trajectoire dans le contexte de l'enseignement supérieur dans la ville de Campina Grande (PB) dans les années 1950, 1960, 1970 et 1980. Le parcours d'investigation est passé par ses archives personnelles, trouvées à la Fondation Edvaldo do Ó et à *Granja Solidão*, y compris sa bibliothèque, dans laquelle est déposée toute sa collection privée, à partir de documents, livres et photographies, même les annales du périodique *Gazeta do Sertão*. Sirinelli (1998; 2003) et ses concepts sur les sociabilités, les réseaux et le microclimat intellectuel sont pris comme fondements des intrigues et des réseaux discursifs par lesquels Edvaldo do Ó est passé, laissant des marques et des contributions en tant qu'intellectuel né à *Campina* basées sur les relations qu'il a construites. De cette façon, nous cherchons à tisser des interprétations concernant la participation de ce personnage en tant qu'intellectuel de Campinas travaillant dans le domaine de l'éducation, faisant une relation avec le développement de la ville. Les relations sociales étaient marquées par l'élite urbaine et intellectuelle de Campinas, formée non seulement de diplômés, mais aussi de commerçants, descendants d'oligarchies rurales et d'hommes politiques. C'est dans ce scénario qu'Edvaldo do Ó a été inséré et a conçu des projets d'urbanisation, afin d'encourager une industrialisation rapide et plus tard de reconnaître et de transformer la ville de Campina Grande en un pôle éducatif. Par conséquent, cette thèse explique comment Edvaldo s'est consolidé comme intellectuel engagé, dans le développement de sa ville dans les aspects de la réalité éducative de Campina, sur la base de sa trajectoire de production intellectuelle.

Mots-clés : Enseignement supérieur. Campina Grande (PB). Sociabilités. Microclimat intellectuel. Edvaldo de Souza do Ó. Trajectoire intellectuelle.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to dissect on the itinerary of the economist Edvaldo de Souza do Ó and his social networks built along his trajectory in the context of Higher Education in the city of Campina Grande (PB), in the 1950s, 1960s, 1970s and 1980s. The investigative path went through his personal archives, found in the Edvaldo do Ó Foundation and in the Granja Solidão, including his library, in which is deposited his entire private collection, from documents, books and photographs, to annals of the periodical *Gazeta do Sertão*. Sirinelli (1998; 2003) and his concepts on sociabilities, networks, and intellectual microclimate are used as the foundation for the discursive webs where Edvaldo do Ó went through, leaving marks and contributions as an intellectual from Campina Grande, based on the relationships he built. In this vein, we seek to interpret the participation of this character as a Campinense intellectual active in the educational environment, making a relationship with the development of the city. The sociability relations were marked by the urban and Campinense intellectual elite, formed not only by graduates, but also by businessmen, descendants of rural oligarchies, and politicians. It was in this scenario that Edvaldo do Ó was inserted and idealized projects aimed at urbanization, with the intention of encouraging a rapid industrialization and, later on, of recognizing and transforming the city of Campina Grande into an educational pole. Given this, the present thesis enunciates how Edvaldo do Ó consolidated himself as an engaged intellectual, committed to the development of his city in the aspects of the Campina Grande educational reality from his trajectory of intellectual production.

KEYWORDS: Higher Education. Campina Grande (PB). Sociabilities. Intellectual Microclimate. Edvaldo de Souza do Ó. Intellectual Trajectory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carta da Mãe de Edvaldo – 1945	42
Figura 2 – Edvaldo do Ó em sua formatura – 20 dez. 1950.....	45
Figura 3 – Granja Solidão	46
Figura 4 – Seções da Biblioteca Raimundo Asfora.....	47
Figura 5 – Caixas organizadas por Edvaldo do Ó.....	51
Figura 6 – Capa do Livro <i>Politécnica</i> (SOUZA DO Ó, [1982a]).....	102
Figura 7 – Capa do livro <i>PETRAI</i> (SOUZA DO Ó, [1982b])	103
Figura 8 – Capa do livro <i>Sanesa</i> (SOUZA DO Ó, 1982c)	103
Figura 9 – Capa do livro <i>História da Universidade Regional do Nordeste</i> (SOUZA DO Ó, 1986).....	104
Figura 10 – Capa do livro <i>Palavras do Presidente da Bolsa</i> (SOUZA DO Ó, 1993)	105
Figura 11 – Capa do livro <i>História da Universidade Regional do Nordeste</i> (vol. II) (LUIZ JR.; CARTAXO, 1994).....	105

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ABM	Associação Brasileira de Bolsas de Mercadorias e Cereais
AID	<i>Agency for International Development</i>
CELB	Companhia de Eletricidade da Borborema
CENITUR	Centro de Iniciativa Turística de Campina Grande
FACE	Faculdade de Ciências Econômicas
FUNDACT	Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica
FURNE	Fundação Universidade Regional do Nordeste
LPM	Laboratório de Produção Mineral
MEC	Ministério da Educação
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TBS	Transportes e Armazéns Gerais Ltda.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
URNE	Universidade Regional do Nordeste

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – MOLDURANDO A PESQUISA	15
1.1 O INTELLECTUAL EDVALDO DE SOUZA DO Ó: O OBJETO DA PESQUISA....	15
1.2 UM DESAFIO BIOGRÁFICO.....	25
1.3 HISTÓRIA DOS INTELLECTUAIS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	31
1.4 AS FONTES DE PESQUISA.....	34
2 ARQUIVANDO A VIDA: DAS MEMÓRIAS À BIBLIOTECA RAIMUNDO ASFORA – REDES DE SABERES QUE TECEM TRAJETÓRIAS.....	40
3 MAPEANDO A REDE DE AMIGOS: O INTELLECTUAL E SUAS REDES DE SOCIABILIDADES	55
4 TEMPLOS DA CIÊNCIA, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA CAMPINENSE: A UNIÃO UNIVERSITÁRIA E O REITORADO.....	75
5 DAS CIÊNCIAS À ARTE: EDVALDO DE SOUZA DO Ó – INTELLECTUAL	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – GRANJA SOLIDÃO: A GUARDIÃ DA MEMÓRIA	112
REFERÊNCIAS	118

1 INTRODUÇÃO – MOLDURANDO A PESQUISA

1.1 O INTELECTUAL EDVALDO DE SOUZA DO Ó: O OBJETO DA PESQUISA

Estou me propondo a desenhar um esboço do perfil do campinense Edvaldo de Souza do Ó. Para que não se diga mais tarde que a geração de hoje foi omissa com relação à preservação de sua memória. E, para que também sejam lembrados alguns tópicos de sua caminhada, enquanto é cedo, a fim de que adiante se torne mais fácil outros realizarem uma pesquisa mais ampla que seja capaz de abranger, com maior amplitude, toda a fisionomia humana desta marcante personalidade da história dessa terra. (SILVA, 1999, p.19).

Início com as palavras de Itan Pereira da Silva (1999) para apresentar nosso objeto de pesquisa doutoral, Edvaldo de Souza do Ó¹, campinense apaixonado por sua terra, que deixou um legado circunscrito nas tramas e teias discursivas por onde passou; e assim como suas marcas, também lançaremos perguntas e inquietações acerca de sua trajetória, itinerário e contribuições enquanto intelectual para a educação campinense.

Escrever a história envolve sempre o desejo de conhecer, desvendar, desvelar e reconstruir o passado por meio da mobilização de testemunhos que buscam dar vida à narrativa que se produz. Para lidar com o emaranhado de restos de escritos, vestígios, cartas, documentos e memórias, faz-se necessário atuar como detetive, em busca de pistas, indícios e sinais, agindo sempre com uma certa perícia, mas procurando manter o pensamento cuidadoso para dar conta da árdua, porém prazerosa, tarefa de fazer história, tornando, através do método do historiador, o conhecimento do passado possível.

Minha narrativa é tecida ao final dos meus estudos em 2004, quando naquele ano concluo a graduação em licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em meio ao qual meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) faz um estudo sobre a infância como uma construção histórica (SILVA, 2004). Seguindo esse percurso, dou início à Especialização em Ensino de História e Historiografia com projeto de pesquisa dando continuidade à temática já estudada,

¹ Nome completo do nosso personagem de estudo, a qual a partir de agora usaremos Edvaldo do Ó por ser nome mais usual e adotado nos jornais e pelo próprio, desde em anúncios jornalísticos até no meio político. Ademais, a fim de obedecer às normas de citação de autores da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), será usada a forma SOUZA DO Ó nas referências a suas obras escritas.

agora enfatizando a infância escolar campinense e, como prolongamento, a história da educação brasileira (SILVA, 2006).

No mestrado, continuo meus estudos com a educação infantil campinense no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), quando pesquiso sobre os discursos institucionais e curriculares da pré-escola campinense, buscando situá-los dentro da História da Educação. Ainda na minha dissertação de Mestrado (SILVA, 2009) conheci Edvaldo do Ó, personagem interessante, mas como não fazia parte do meu objeto de estudo, deixei de lado e pensei que ficaria para outra oportunidade desvendar seus mistérios. Eis que chegou a hora, depois de oito anos e outras experiências, e estou aqui me aproximando desse enigmático personagem campinense, assim como fazendo também uma aproximação com minha terra natal, sobre a qual há alguns anos não lia, nem sentia essa cidade tão profunda, viva e excitante para se estudar, logo, vamos desvendar no desenrolar dessa tese a trajetória e as contribuições desse cidadão campinense.

Eis que Edvaldo do Ó se torna o roteiro principal a ser descoberto, explicado, narrado nessas linhas através de um percurso de espelhos e máscaras (VENÂNCIO, 2015) que estão em torno e em volta desse personagem; no início do segundo semestre de 2017 começo a disciplina Pesquisa em História da Educação, com meu orientador, Prof. Jean Carlo de Carvalho Costa, a disciplina Seminário em História da Educação, com a Profa. Claudia Engle Cury, e a disciplina Metodologia da Escrita, na UFCG, com o Prof. Iranilson Buriti de Oliveira.

Esse conjunto de disciplinas ampliaram meu campo de visão quanto ao estudo, pesquisa e metodologia na História da Educação, Intelectual e Memória. O somatório dessas três disciplinas me inclinou para a catalogação e busca de arquivos e fontes acerca de e sobre Edvaldo do Ó, tornando meu objeto de estudo executável.

Para tanto, percebeu-se ser necessário transformar a história de Edvaldo do Ó em uma narrativa naquilo que Venâncio (2015, p.15) chama de “espelhos querefletem, que deformam, que informam menos, mais, ou distinto, do que consideramos de nós mesmos”. E que nesse jogo de espelhos possamos construir uma narrativa de como esse sujeito se colocou na rede de sociabilidades e de amizade às quais pertenciam os intelectuais e demais homens públicos envolvidos com o projeto de educação superior campinense.

Para Albuquerque Jr. (2007), os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações. Essa reflexão sugere uma certa familiaridade, até

mesmo uma empatia do historiador com o tema que elegeu, entre tantos, para ser o seu objeto de investigação. O tema seria, em verdade, um enigma a ser decifrado, sendo necessário, para a construção de inteligibilidade, além da exposição dos fatos, a combinação entre a curiosidade intelectual e a identificação de categorias que passam orientar pelo sua imaginação do tema.

Dessa forma, esta tese se insere na tradição de um tipo de produção historiográfica que (re)valoriza os vestígios escritos associados aos indivíduos, principalmente aqueles nos quais são registradas suas escolhas, intenções e ações públicas, com vistas a contribuir para o conhecimento do “papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (CHARTIER, 1994, p.97-113), buscando relativizar o que, nas palavras de Bourdieu (2001, p.43), significa a “oposição cientificamente absurda entre indivíduo e sociedade”.

Ao circunscrever o âmbito desta investigação, busquei sobrepor as diversas séries documentais no tempo, de modo a, por exemplo, encontrar-se o mesmo indivíduo em contextos sociais diversos, proposta que acabou por se aproximar daquela realizada pelos historiadores que destacaram como objeto de análise a escrita biográfica. Essa tarefa partiu do encontro das fontes documentais que nos foram apresentadas na pesquisa, quando a cada viagem na Granja Solidão nos deparávamos com documentos, registros e fontes arquivadas para serem analisadas e colocadas nesse debate acerca das redes de sociabilidades nas quais Edvaldo do Ó estava inserido, encontrando assim uma trajetória desse sujeito na educação campinense.

Entrar nesse arquivo é reconstituir a tessitura mais ou menos visível de sua atividade como leitor, professor, administrador, economista e político. Eis um dos desafios desta tese. Como diz Dosse (2015, p.11), “escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender”. E como narrar Edvaldo do Ó?

Assim começamos nosso projeto doutoral. Escrever sobre Edvaldo do Ó é tentar reconstruir sua trajetória, considerando-o personagem intelectual. Nesse sentido, busca-se em Sirinelli (2003) uma melhor compreensão acerca do termo intelectual. Em artigo intitulado *Os intelectuais*, o autor apresenta tanto o caráter polissêmico da definição quanto o aspecto polimorfo do meio intelectual, que acaba por gerar imprecisão no estabelecimento de critérios definidores da palavra, além, é claro, da evolução gerada pelas próprias mutações societárias. Assim defende “uma

definição de geometria-variável, mas baseada em invariantes” (SIRINELLI, 2003, p. 242), apresentando para tal duas acepções do termo intelectual.

A primeira, de caráter mais amplo e sociocultural, abrange os criadores, ou seja, todos os que “participam na criação artística e literária, ou no progresso do saber” e também os mediadores culturais, “categoria composta pelos que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber” (SIRINELLI, 1998, p. 261). A segunda acepção, de caráter mais restrito, refere-se à noção de engajamento na vida da cidade como autor, através da intervenção do intelectual em questões que lhe legitimem ou privilegiem, tomando-as a serviço das causas que defende, e nessa categoria, por óbvio, nosso personagem se insere.

É possível pensar Edvaldo do Ó como um intelectual em consonância com as duas acepções aqui descritas. Com relação à primeira delas, Edvaldo do Ó pode ser definido como um criador, se levarmos em conta critérios como notoriedade e reconhecimento dos contemporâneos. Logo nas suas primeiras atividades como professor, diretor, reitor, administrador, secretário, dirigente, conselheiro, autor e criador de órgãos como: companhias, institutos, escolas, faculdades, universidades, centros, obras e empresas apresentou o slogan “Administrar é ter Coragem”. Outro critério que também precisa ser considerado é o da participação em empreendimentos educacionais para Campina Grande (PB), como escolas de ensino superior, assim como outros serviços trazidos por ele para a cidade ao longo de sua trajetória, companhias de água e energia, Bolsa de Mercadorias, Jornal Gazeta do Sertão, entre outros.

No que diz respeito à segunda acepção, Edvaldo do Ó bacharelou-se em Ciências Econômicas em 1956, tendo sido nomeado Presidente do Conselho em Educação de Campina Grande, Diretor da Escola Técnica de Comércio Municipal, e Diretor de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Campina Grande nesse mesmo ano. Dentre as preocupações com a educação, Edvaldo do Ó e seus amigos – Prof. Lopes de Andrade, Raimundo Asfora, José Luís Júnior, William Arruda, Plínio Lemos e Dr. Austro França entre outros – conferiam grande importância ao ensino superior, que passou a ser considerado fundamental para a viabilização do crescimento e desenvolvimento de Campina Grande, por meio da oferta de cursos instrutivos e necessários para a formação dos cidadãos campinenses.

Como qualquer outro conceito, o de intelectual² é formado por camadas de sentidos que lhe foram sendo impostos em várias temporalidades e espaços diferentes. A expressão *intelectual* remonta aos meados do século XVIII, na França, quando passa a existir a separação entre homem de ciências e homem de letras. Naquele século, o conhecimento tornou-se sinônimo de prestígio e vaidade. Atualmente a figura do intelectual sofreu algumas modificações com relação a sua função na sociedade, no que diz respeito a sua maior influência nas análises que fez, tanto com relação aos seus domínios restritos do saber como da sociedade.

Se antes o *intelectual* era visto como aquele que detinha o saber, a verdade, atualmente sua importância consiste em reinterrogar estes mesmos domínios, em sacudir os costumes e as maneiras de pensar. Embora a polissemia da linguagem com relação ao termo seja grande, existe uma relativa concordância com relação a ser esse uma figura que detém, através do discurso, o domínio sobre algum notório saber e que ambiciona, com isso, reconhecimento e distinção.

Para Sirinelli (2003), a trajetória dos intelectuais remete obrigatoriamente à história política, por isso defende que o termo “intelectual” não seja depurado de sua conotação política, posto que, nas sociedades contemporâneas, a condição política é inerente ao intelectual, seja como testemunha de uma época, seja como homem portador da consciência de seu tempo. Com relação a esse segundo aspecto, o autor afirma que, ainda que o engajamento não seja em sentido estrito, o intelectual é um agente da circulação das massas de ar culturais que determinam a instalação das grandes zonas ideológicas de uma época podendo imprimir marcas na classe à qual pertence com sua visão de mundo além de sua intervenção política. São essas marcas que procuraremos interpretar no que tange à participação de Edvaldo do Ó enquanto intelectual campinense atuante no meio educacional, fazendo uma relação com o desenvolvimento da cidade.

Por certo podemos problematizar acerca da importância desse intelectual educador na construção da história da educação campinense, posto que Edvaldo do Ó exerceu papel fundamental para a formação de uma geração de universitários em Campina Grande. O que se faz necessário é adotar uma metodologia de trabalho que o situe em seu tempo e o faça ser compreendido no contexto político social-econômico em que vivia.

² Sobre a especificidade da figura do intelectual, consultar Albuquerque Jr (2005).

A forma de compreender e construir o itinerário de um intelectual foi empregada por Warde (2003) no estudo sobre *O Itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação*. Ao analisar o arsenal intelectual de Lourenço Filho, a autora aponta para as ferramentas por ele acumuladas, que chama de “Inscrição geracional, pertença a redes intelectuais ou políticas, laços de sociabilidade; para cada um desses marcos, há que se prestar atenção na reconstituição do que se pode chamar de trajetória ou itinerário de formação de um intelectual” (WARDE, 2003, p.145).

Em se tratando de um intelectual, ainda que não estritamente acadêmico, como Edvaldo do Ó, não há como dispensar em meios a esses marcos o papel específico da elite urbana e intelectual campinense, que era formada não só pelos graduados, mas também por comerciantes e descendentes de oligarquias rurais. Dentre esses integrantes da elite, destacaram-se alguns indivíduos por pensarem em um projeto de ensino superior para Campina Grande no decorrer da década de 1950. Eram eles: Edvaldo do Ó, José Lopes de Andrade, José Stênio de Lucena Lopes, Antônio da Silva Moraes, José Marques de Almeida Jr., Giuseppe Gióia, Plínio Lemos e Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque (RIBEIRO, 2016).

Esse grupo destaca-se por planejar e incentivar a criação de uma instituição de ensino superior que pudesse suprir, simultaneamente, duas demandas: a de vagas em graduações para os cidadãos que procuravam uma formação além do ensino técnico e a de formação de profissionais que fossem capazes de atuar em altos cargos nas novas indústrias que chegavam à cidade.

De fato, a cidade é figura que muito influencia a trajetória do nosso personagem. Nas narrativas construídas acerca de Edvaldo do Ó, Campina Grande foi:

Entre as décadas de 1940-1950, depois do Recife, o mais importante empório comercial de toda a Região Nordeste, confirmando sua vocação pretérita iniciada nos séculos XVIII e XIX com a produção de farinha-de-mandioca, como assinala Lopes de Andrade. E, assim, Campina Grande cresceu com base na produção de serviços para serem consumidos pelas regiões vizinhas e, com o tempo, a produção de bens industrializados além de serviços educacionais e reparos de automóveis. (SÁ, 2000, p.187).

Partindo dos enunciados de letrados, políticos, intelectuais e demais das elites de Campina Grande, foram sendo tecidos lugares para a cidade e sua sociedade ao longo de todo o século XX. Pensar a cidade, neste caso, Campina Grande, dentro de

um recorte temporal, tornou possível apreendê-la enquanto produto histórico e social, que se interligou com as relações da sociedade em seu conjunto, e com sua história.

Para Carlos (2009), a cidade se transforma à medida que a sociedade como um todo se modifica. Mudam as relações de interesse, a paisagem urbana, as sociabilidades, e até as representações sobre ela. Assim foi arranjado e articulado um ideário em todo o século XX para e sobre a cidade, qual seja: o de Campina como GRANDE em todos os aspectos.

Trata-se de narrativas³ que tentam produzir a cidade como uma urbe que estaria em processo de desenvolvimento, progresso e modernização, efeito do empreendedorismo, da garra e determinação da sua “gente”. Ao longo do século XX, Campina foi sendo delimitada, constituída por aqueles que ocupavam os lugares das elites, formatando a partir de suas ações, valores, status social, econômico, político e cultural, uma cidade moderna, de maneira que eles e a cidade se confundissem, assim como a história de ambos fosse contada pelo mesmo discurso e no mesmo sentido e direção.

É nesse emaranhado de ideias que as elites locais passam a apresentar a cidade de Campina Grande para aqueles que a habita(va)m e principalmente para os que a visita(va)m, não como uma cidade qualquer, mas como a mais e maior possível, que, a despeito de ser uma cidade do interior, se destacava pela sua ousadia, cosmopolitismo, desenvolvimento, progresso, modernidade e, como resultado de tudo isto, grandiosidade, pois, para as elites “Campina (é) GRANDE até no nome”. Segundo Fernandes (2011, p. 18):

[...] ao longo do século XX, Campina Grande acreditava nos sinais do progresso que o mundo transmitia. O poder público foi contagiado e passou a adotar determinadas práticas em prol do desenvolvimento, não esquecendo de fazer referência aos projetos e atitudes administrativas voltadas para a modernização e a palavra moderno se tornou constante nas matérias publicadas pelo Diário da Borborema quando inaugurada alguma obra e quando decisões foram tomadas sempre em favor das mudanças, que na visão dos empresários, comerciantes, industriais e políticos, trazia aperfeiçoamento para os homens e para a sociedade em que vivem.

Contudo, ao que nos parece, todo esse discurso acerca da cidade nos leva mais um vez e de forma indispensável ao encontro do nosso personagem de estudo – Edvaldo do Ó –, indivíduo que fazia parte dessa elite e que compartilhava igualmente

³ Refiro-me aos seguintes estudos e livros: Agra do Ó (2006); Gurjão (2000); Lima (2004); Santos (2008); e Sousa (2001).

com todo esse conjunto discursivo que fora legitimado e instituído para Campina Grande em torno de um projeto de industrialização da cidade e sua entrada no processo desencadeado pelo capitalismo industrial, a partir dos meados dos anos 1960⁴.

É nesse cenário que Edvaldo do Ó está inserido, e juntamente com as elites locais idealizava projetos voltados para a urbanização e o incentivo a uma rápida industrialização e, posteriormente, o reconhecimento e transformação de Campina Grande em um polo educacional.

De acordo com Sirinelli (2003, p. 255), os processos de transmissão cultural são essenciais para se pensar o intelectual, na medida em que ele se “define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo”, ora através de um fenômeno de intermediação, ora por um processo de ruptura, mas de qualquer forma o patrimônio herdado dos mais velhos é “elemento de referência explícita ou implícita”. Analisar o itinerário de um intelectual nos remete também ao conceito de geração.

Para Silva (2003, p. 22), esse conceito revelou-se “instrumento eficaz no estudo de itinerários e dos movimentos intelectuais”. Isso diz respeito ao pertencimento a uma mesma geração, ou seja, considera-se como pertencentes a uma mesma geração contemporâneos que viveram determinados acontecimentos e foram expostos às mesmas transformações. No entanto, a autora afirma que viver em um mesmo espaço de tempo não significa ter a necessidade de partilhar as mesmas experiências de vida e a mesma forma de pensar.

O conceito de geração ainda privilegia e reforça a ideia de mudança e de ruptura, na qual se pode revelar um instrumento conceitual importante para desvendar a história das representações coletivas, ou seja, a passagem intelectual e moral de um época, os sistemas de valores e as sensibilidades coletivas.

Sirinelli (2003) também destaca a organização do grupo de intelectuais em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural, criadora de uma vontade e um prazer pela convivência, denominada estrutura de sociabilidade. Para o autor, em verdade, o termo comumente utilizado para referir-se a essa estrutura é de “redes”, que pode ser compreendido de duas formas: tanto como redes estruturantes do

⁴ Sobre o tema, consultar também Aleixo (2018).

espaço intelectual como “microclima” característico de um microsomo intelectual bastante específico, como aponta:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de aprender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar [...]. As estruturas de intelectuais estudados [...] mas, em todo caso, é possível e necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de “redes” de intelectuais adultos. (SIRINELLI, 2003, p. 248-250).

Mas a sociabilidade também pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E assim entendida a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular. (SIRINELLI, 2003, p. 252 -253).

Nesse sentido, essa forma de compreender e construir a trajetória de um indivíduo tem se mostrado profícua em estudos sobre trajetórias de vida. Como nos diz Warde (2003), as imbricações dos percursos intelectuais se desvendam por meio de um mapeamento das instituições acadêmicas, das filiações intelectuais e das redes de sociabilidade.

A trajetória, ou itinerário de formação, de Edvaldo do Ó foi atravessada pelas experiências vivenciadas em Campina Grande, inicialmente em torno do Centro Universitário Campinense, quando ele, juntamente com outros universitários, incluindo Raimundo Asfora, Aníbal Porto, William Tejo, Newton Figueiredo, Álvaro Gaudêncio, Aldino Gaudêncio, Amir Gaudêncio, Ivandro Cunha Lima, Antônio Carlos Escorel e Evaldo Cruz, em maio de 1952, criam a União Universitária Campinense, que tinha por objetivo criar as primeiras escolas de nível superior na cidade, com o apoio dos comerciantes locais.

Campina Grande vivia em fase de prestígio econômico, como polo de comercialização de produtos agrícolas, principalmente o algodão e sisal. Assim também a Diocese de Campina Grande colaborou nesse processo, além do Poder Executivo da cidade, na representação do prefeito Plínio Lemos e na participação do Chefe da Casa Civil do Governador José Américo de Almeida, o Professor José Lopes de Andrade (SOUZA DO Ó, 1994). Nessas reuniões não se encontravam apenas

ideias, mas havia a participação dos grupos e das redes onde elas eram criadas, formuladas, debatidas e difundidas.

Entender a união de um grupo, os laços e elos construídos por seus membros nos remete à análise da singularidade das regras que regem as redes intelectuais, que, se por um lado, não são leis impostas aos indivíduos, por outro lado também não são dados ao acaso, fruto do imprevisto e do casual, mas ao contrário, se constituem pelo sentimento de partilha, pertença e inclusão a determinados ideais comuns.

Com esse referencial é que se pretende analisar o envolvimento do grupo em diversas atividades ligadas à educação. Assim, por exemplo, encontramos Edvaldo do Ó lecionando na Faculdade de Ciências Econômicas – FACE. Logo depois com José Lopes de Andrade na criação da Escola Politécnica da Paraíba. Com D. Anselmo Pietrulla e a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Campina Grande. E assim com a Irmã Bernadete Porto, para a fundação da Faculdade de Serviço Social. Juntamente com o Professor Lopes de Andrade viabilizaram o projeto de ensino superior, uma vez que o prefeito Elpídio de Almeida tinha suas preocupações voltadas para o ensino primário.

A compreensão da participação de alguns membros do grupo ganha clareza à medida que se presta atenção a mais de uma dimensão da rede, qual seja, a de se converter em um “coletivo articulado de agências e agente” (SIRINELLI, 2003, p.150), que atua como veículo de acesso a um determinado conjunto de ferramentas mentais, isto é, os pensamentos e as ideias socialmente determinados, dos quais o indivíduo é portador e que instrumentam seu pensar e agir.

Ainda nesse sentido, a rede, ao mesmo tempo em que valida e legitima as ferramentas mentais, também apresenta objeções a outros conjuntos de ferramentas. Assim, de acordo com Warde (2003), ela funciona tanto como base de apoio para as iniciativas individuais de seus membros como filtro regulador e inibidor de novas investidas e arranjos morfológicos.

Aliada a esse quadro teórico e ao entendimento de que Edvaldo do Ó, unido pelo sentimento de partilha e pertença, participou efetivamente da rede intelectual e política que, em meados do século XX, comungava os ideais de desenvolvimento e progresso para Campina Grande, essa tese se constitui a partir desses elementos, que nos darão subsídios para argumentar quanto ao processo de intelectualidade de Edvaldo do Ó nessa rede de sociabilidades.

1.2 UM DESAFIO BIOGRÁFICO

Narrar uma vida, portanto, impõe um desejo de duração para além da pessoa cuja vida é contada, um desejo de lembrança e de memória, e por essa via, articula-se com um projeto de escrita de uma história. (GUIMARÃES, 2008, p.19).

A princípio, a escrita da história de Edvaldo do Ó pode parecer tratar-se de biografia, gênero que desde 1980 tem sido revisitado, a partir de um balanço amplo e detalhado do itinerário da historiografia e pelo alargamento temático, bem como a constituição de novos objetos e a reconfiguração de antigos temas, articulados na fértil interlocução entre os historiadores da educação e a produção historiográfica contemporânea.

A biografia ganha holofotes no campo da história representando o interesse em recuperar o sujeito nas análises e a capacidade de arbítrio, em especial, de pessoas que fogem ao estereótipo dos grandes homens do século XIX, como mulheres, operários, pessoas comuns. No entanto, não exclui de suas análises personagens de projeção mais ampla. Na história política, a biografia histórica contribui para problematizar algumas figuras históricas cuja imagem foi sendo construída e utilizada por partidos e projetos políticos, como o caso de Getúlio Vargas, João Goulart, Juscelino Kubitschek, Leonel Brizola, entre tantos, e sob esse aspecto podemos também inserir Edvaldo do Ó.

Por essas análises, mitos são desconstruídos à medida que esses trabalhos revelam os aspectos humanos presentes em tais figuras. Hesitações, conflitos e contradições presentes nessas trajetórias vêm à tona ao longo da pesquisa sobre a vida desses indivíduos, em especial por meio de fontes como cartas, diários pessoais e registros de memórias. O cenário em que minha investigação transcorrerá será nos espaços vividos por meu personagem, o que colocará à tona suas tramas, teias e remotes discursivos, proporcionando fazer a leitura de quem foi Edvaldo do Ó para Campina Grande, ou Campina Grande para Edvaldo do Ó.

Um registro mais íntimo do indivíduo, compondo o que a historiografia classifica como práticas de escrita de si, permite visualizar as múltiplas dimensões de uma vida: o indivíduo, em seu círculo familiar, sua linguagem e seus problemas podem apresentar-se muito diferentes se comparados aos registros desse mesmo indivíduo referentes a um círculo de amigos mais íntimos que, por sua vez, difere-se de declarações oficiais publicadas em jornais. Cada um desses registros contribui de

maneira significativa para compreensão da trajetória da vida do biografado. Não se pode esperar, portanto, encontrar ao longo da pesquisa uma sequência coerente de acontecimentos e posturas semelhantes em todos os âmbitos, seja no lar ao trabalho.

Essas fontes devem ser constatadas e exploradas de modo a compor as múltiplas dimensões do indivíduo para que não se caia na armadilha da ilusão biográfica, como denominou Pierre Bourdieu (2001), ou seja, aceitar o princípio que supõe a existência de um “eu” que segue uma trajetória linear e coerente, acreditando que determinadas fontes são de fato capazes de traduzir o que realmente aconteceu, como se fosse viável recuperar uma suposta verdade. Segundo a historiadora Vavy Pacheco Borges (2005, p. 215),

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu.

Dessa forma, a biografia detém valor heurístico. Ela se justifica pela contribuição no avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico. Logo “[...] a biografia histórica é, antes de tudo, história, portanto, precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa” (SCHMIDT, 2012, p. 195). Ainda Vavy Pacheco Borges aborda a relação da biografia com outras áreas do conhecimento, por exemplo, concernente à narrativa literária:

[...] O laço mais antigo é com a Literatura. Esta trabalha com a multiplicidade de pessoas que cada um é, interessa-se por qualquer homem (o chamado homem comum) e não apenas pelo “grande personagem”, trabalha de várias formas o papel do imaginado ou do vivido. Assim, a distância entre história e ficção literária é por vezes sutil. (BORGES, 2005, p. 214).

É necessário ressaltar que existem diferenças entre a biografia histórica e a Literatura, pois enquanto a primeira é um trabalho científico baseado em fontes (que deve reconstituir um tecido social e cultural mais vasto), a segunda é uma criação fictícia. Assim, Loriga (2009, p. 24) diz: “Ricoeur salienta [...] o trabalho da história é interminável e perpetuamente aberto, a dúvida é insuperável”. Todavia, é evidente que a subjetividade é inerente à narrativa histórica, bem como devemos observar os limites do saber histórico.

Para Bourdieu (2001), a história de vida pressupõe “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva, de um projeto”, como se o percurso da vida da pessoa fosse constituído por

um deslocamento linear, unidirecional e cronológico, marcado por uma visão de vida como existência dotada de significação e de direção, e neste aspecto acredito que Edvaldo do Ó não se aplica.

Entretanto, a história biográfica não se reduz à história de vida, o que resultaria em uma armadilha, a que Bourdieu (2001, p. 184) denominou de “ilusão biográfica”. Para o autor francês, a história de vida pressupõe “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva, de um projeto”, como se o percurso da vida da pessoa fosse constituído por um deslocamento linear, unidirecional e cronológico, marcado por uma visão de vida como existência dotada de significação e de direção.

Panizzolo (2012) indica que escrever uma biografia significa, pois, narrar uma trajetória, compreendida aqui não no senso comum do termo, que a torna sinônimo de caminho, percurso, estrada a ser percorrida, tendo já sido dada de antemão, restando ao indivíduo apenas uma sucessão de eventos num espaço determinado. A noção de trajetória que ancora esta investigação, ao mesmo tempo em que procura não sucumbir à armadilha da “ilusão biográfica”, parte do pressuposto de que os acontecimentos se definem como alocação e deslocamentos no espaço social, ou seja, se desdobram tanto no tempo e no espaço quanto participam de sua construção (BOURDIEU, 2001).

Aliado a esse quadro teórico e ao entendimento de que Edvaldo do Ó, unido pelo sentimento de partilha e pertença, participou efetivamente da rede intelectual e política, escrever sobre a trajetória de Edvaldo do Ó remete à discussão acerca de sua singularidade biográfica. Nesse sentido, caberia interrogar se Edvaldo do Ó seria um sujeito mecanicamente determinado pelas condições subjetivas, como, por exemplo, se sua trajetória seria fruto exclusivo de seu talento pessoal?

Para responder a essa questão, recorreu-se a Bourdieu (2001), que afirma, com absoluta pertinência, que o trabalho biográfico deve ser investigado como resultado e produto de uma estrutura social, ou seja, através da mediação entre indivíduo e sociedade. Parte-se, portanto, do princípio de que todo e qualquer indivíduo é constituído por uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui alguns componentes objetivos, que são externos ao indivíduo e que podem vir a ser postos a serviço do sucesso escolar. Constituem essa bagagem o capital econômico, o capital social e o capital cultural institucionalizado.

Para isso, a pesquisa sobre um intelectual deve necessariamente reconhecer que o pensamento de um autor adquire inteligibilidade à medida que o cotejamos frente a sua própria história, ou seja, quando relacionamos o conteúdo histórico do texto ao contexto de sua produção, buscando assim imbricar a forma do discurso ao social:

Negar a redutibilidade da História ao texto não significa, por outro lado, admitir que haja uma história independente do texto. A História é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a História poderá o historiador realizar o seu trabalho. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378).

Para os que pesquisam intelectuais, faz-se necessário buscar nos “restos de escritas que emanam do fundo das eras” (DUBY, 1993, p. 28) os discursos que expressam a História. Permanecem os desafios da renovação do corpus documental, da necessidade de estudar os “autores menores”, visto que desde meados do século XX encontra-se superada a compreensão de que somente as grandes obras de autores renomados merecem ser estudadas, mas, sobretudo, da necessidade de sedimentar as práticas de reflexão historiográfica capazes de produzir os contornos teóricos e metodológicos da História Intelectual.

Sobre isso, Warde (2003) esclarece que a opção de trabalhar trajetórias de vida se apresenta como vantagem, pois não trata o intelectual como um homem à frente de seu tempo, responsável, único e exclusivo por sua própria formação, o que acarretaria seguramente um equívoco, tanto por não considerar os constrangimentos sociais a que qualquer intelectual está sujeito, quanto por atribuir ao intelectual um saber e um poder excepcionais que o libertariam dos constrangimentos sociais.

Pierre Bourdieu (2001) ressalta que é indispensável levar em conta a pluralidade de campos em que o indivíduo se insere, buscando assim reconstruir o contexto, a superfície social em que age, logo, é nesse contexto de cidade-personagem = Campina Grande-Edvaldo do Ó que pretendo tecer minhas narrativas.

Mesmo assim, o historiador deve ter o cuidado de narrar uma vida, pois trabalha concomitantemente com cronologia linear e percurso de vida que não é linear. Ainda que segundo Borges (2005, p. 215): “[...] Bourdieu fez duras críticas [...] da maior parte das narrações de vidas, que identifica na linearidade com que é descrito, de forma geral, o percurso de uma vida”. Dessa maneira, tomamos Edvaldo do Ó como esse protagonista, pois no percurso da sua vida teríamos fatos que não precisam ser

colocados dentro dessa cronologia-linear. Nesse sentido, Schmidt (2012, p. 195) oferece algumas considerações:

Pierre Bourdieu tece severa crítica aos pesquisadores que tomam essa unidade do eu como natural, como um pressuposto para os seus métodos e interpretações, e que, desse modo, incorrem no que chama de ‘ilusão biográfica’, ou seja, no pressuposto ‘de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva.

Nesses aspectos, escrever sobre Edvaldo do Ó nos faz ficar atentos aos percalços da escrita biográfica, em virtude de se conhecer a trajetória do biografado (desde o nascimento até a morte) na qual se pode incorrer a armadilha da “ilusão biográfica”. Conforme Loriga (2011, p. 67), “em suma, a história não é uma sequência coerente e contínua de acontecimentos conectados entre si”, mas sim uma rede de conexões que tecemos de acordo com os fatos acrescentados a partir das fontes documentais.

O cerne deste trabalho está em discutir a trajetória de Edvaldo do Ó e sua contribuição enquanto intelectual para a educação campinense. Para isso, na confecção desta tese, defenderemos como tema precípua a seguinte ideia: “é possível argumentar que Edvaldo do Ó assumiu uma posição de intelectual em Campina Grande, quanto às questões que atravessam os discursos, quanto a sua experiência e efetiva participação no meio político e cultural do seu tempo e quanto a conformar suas ideias no campo educacional campinense?” Sob essa sinalização, conduziremos os leitores aos meandros que narram a produção deste texto de doutoramento até chegarmos a um desfecho ao final.

Como já dito, utilizamos as considerações de Bourdieu (2001), para quem a investigação biográfica deve ser feita como resultado e produto de uma estrutura social (indivíduo/sociedade), ou seja, socialmente herdado pelo indivíduo. Essa bagagem inclui alguns componentes objetivos, que são externos ao indivíduo e que podem vir a ser postos a serviço do sucesso escolar. Constituem essa bagagem o capital econômico, o capital social e o capital cultural institucionalizado, que:

[...] não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2001, p. 190).

A biografia no campo da história ressurgiu carregada de novas exigências, mas também de múltiplas ferramentas propiciadas pelo diálogo interdisciplinar. Entre as razões para o seu retorno, uma é externa ao meio acadêmico, consistindo na demanda da sociedade por informações acerca da vida alheia, ou para encontrar elementos que aproximem pessoas de projeção social, como políticos, artistas e esportistas de pessoas comuns. Imperfeições, tropeços e anseios são os elementos buscados por milhares de leitores de biografias. O gênero no campo do jornalismo se consolidou como campeão de vendas, o que reflete o interesse da sociedade, justificado por simples voyeurismo ou pela busca de referenciais em termos de comportamento.

A construção de uma biografia exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, na busca de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere uma “vida póstuma” na qual mortos e vivos dialogam a partir das heranças dos primeiros e das carências dos segundos. A existência de uma biografia é sintoma dessa curiosidade na qual diferentes espectadores e narradores se envolvem em concessões ao voyeurismo.

Para os historiadores, a biografia está entre o particular e o coletivo, e é um meio eficaz que viabiliza a identificação de um indivíduo em um meio, permitindo, mediante a análise de uma vida, compreender redes, grupos, partidos, movimentos religiosos e uma gama de organizações nas quais o indivíduo analisado se inseriu, levando em conta a sua relação com os demais membros. Segundo Phillipe Levillain (2003), é possível, por meio da biografia, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazendo o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios.

Contudo, a biografia como objeto de estudo permite a discussão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como o personagem teve sua obra e sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo, sua vinculação com diferentes grupos e movimentos, a produção editorial, acadêmica e jornalística, o envolvimento de instituições, da promoção de diferentes eventos e de acontecimentos específicos, além da sua descaracterização como documento, mídia e manifestação política e cultural.

A biografia como objeto de análise oferece muitas questões a serem respondidas: os limites da ideia de verdade e de representação, o papel social do mito,

as relações entre público e privado, as ligações entre a narrativa e sua época, entre diversas outras, as quais serão percebidas nessas encruzilhadas de caminhos e descaminhos em que nosso biografado Edvaldo de Ó está inserido.

1.3 HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

[...] visando contribuir com a qualidade da sequência desses estudos no campo da história da educação brasileira, pretendemos investir na análise da polissemia do vocábulo intelectual, bem como na problematização das teorias sociais que abordam as práticas sociais dos intelectuais como problema de investigação. Entendemos que esses investimentos, absolutamente necessários na pesquisa histórica, permitem evitar a naturalização do termo, ou seja, o falso suposto de um significado unívoco para a palavra. (VIEIRA, 2008, p.67).

Considerada como um campo de estudo novo e pouco definido, a História Intelectual tem se constituído nas últimas três décadas do século XX como um estimulante objeto de estudo e de investigação. A História Intelectual pode ser definida tanto como uma disciplina quanto como um campo de estudo, cujos objetos, abordagens e perspectivas de análise são variadas e interdisciplinares. De maneira geral, esse domínio historiográfico transita ainda na fronteira de outras disciplinas. Muitas vezes confundida com a história das ideias, com a história cultural e com a história dos intelectuais, é indistintamente associada à *Histoire Intellectuelle* praticada na França e à *Intellectual History* dos Estados Unidos.

É, no entanto, na produção francesa que se encontram formas para elucidar essa questão, muito provavelmente devido à longa e profícua tradição de estudos lá denominados como história das ideias. Tal contexto de mudanças pode ser encontrado em maior ou menor grau em diversos pontos da Europa ao longo do século XIX e, em especial, na França, onde encontraria, em 1898, uma expressão significativa para a história dos intelectuais: as manifestações de escritores franceses aos desdobramentos do chamado “caso Dreyfus”⁵ e seu reconhecimento público.

De acordo com Panizzolo (2012), apresentam-se três formas de História Intelectual: a primeira é a sociológica, que tende a enfatizar tanto uma cartografia dos

⁵ O manifesto intitulado “J'accuse!”, publicado por Émile Zola, em 13 de janeiro de 1898, no jornal literário L'Aurore, foi paradigmático para a compreensão do processo de legitimação pública mais ampla, ou de modificação naquilo que, segundo Hannah Arendt (1989), passaria a ser reconhecido como “arena pública”.

intelectuais – operacionalizada nos seguintes conceitos: gerações intelectuais, redes de sociabilidade e modos de filiação – como o conceito de campo intelectual, buscando a compreensão da lógica dos lugares, dos interesses e das situações. A segunda é a histórica, que, por meio da história política dos intelectuais, vale-se da análise de documentação como manifestos, petições, impressos, cartas e abaixo-assinados. E a terceira forma é a análise do discurso intelectual, seja pela valorização discursiva da obra em si, distanciada de seus contextos de produção e circulação, seja pela valorização contextual das configurações, dos campos, das genealogias e das práticas.

Na História Social dos Intelectuais, no entanto, mantêm-se as controvérsias sobre a “origem” dos intelectuais. Para citar alguns dos exemplos mais conhecidos, pode-se recorrer à interpretação sugerida por Maurice Agulhon (1989), que identifica a aparição dos intelectuais com o surgimento de condições de constituição de um debate público e democrático na chamada “*Republique des lettres*”, na segunda metade do século XVIII, e, portanto, antes do caso Dreyfus. Peter Burke (2003), em seu livro *Uma História Social do Conhecimento*, também identifica entre os enciclopedistas do século XVIII a chamada “*gens de lettres*”, como “pessoas capazes de abordar diferentes campos”, sem distinção entre áreas de conhecimento. Jacques Le Goff (2003), por sua vez, em *Os intelectuais na Idade Média*, identifica essa categoria transitando entre os séculos X e XIII.

Na perspectiva apontada pela História Social dos Intelectuais, a noção de “intelectual” assume um caráter polissêmico, que varia conforme o momento histórico localizado: desde o clérigo da Idade Média, passando pelo “leigo erudito” ou “homem de cultura”, e chegando ao “escritor jurista” do século XVIII.

No debate sobre as definições da noção de “intelectuais”, é possível identificar duas posições teóricas que ora os colocam como uma intelligentsia desinteressada e socialmente desvinculada, que se localizaria “acima” das classes sociais, de forma relativamente autônoma, ora identificam com a própria atividade humana, entendida como intrinsecamente intelectual.

Outra chave de interpretação para a história intelectual pode ser identificada quando, ao invés de se procurar pelas “origens”, questiona-se o funcionamento do meio intelectual, suas fronteiras e suas especificidades em relação aos demais círculos sociais.

Um exemplo dessa perspectiva pode ser identificado nos trabalhos elaborados por Jean-François Sirinelli (1998; 2003), o qual discute a noção de “intelectual” e de “sociabilidade intelectual”. Segundo Sirinelli (2003, p. 242), a concepção de intelectual é entendida por meio de duas definições: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e mediadores culturais, e a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento [...] na vida da cidade como ator”.

A noção de sociabilidade intelectual, para Sirinelli (2003), é constituída de duas formas: como redes de sociabilidade que subsidiam o campo intelectual por meio das forças de adesão (amizade, influência, fidelidades) e de exclusão (posições tomadas, cisões), e como “microclimas”, que apresentam a conduta específica de um grupo de intelectuais.

As forças de adesão e exclusão, que compõem a primeira compreensão de sociabilidade intelectual, podem ser percebidas, respectivamente, nas semelhanças ideológicas e culturas entre os membros de um grupo de intelectuais, que estabelecem essas afinidades pela convivência no interior do grupo, bem como quando da existência de rivalidades e brigas entre os componentes do grupo. Desse modo, as redes de sociabilidade estão sujeitas às atuações dessas duas forças em seu interior, propiciando permanências ou mudanças no campo intelectual (SIRINELLI, 2003).

A segunda forma de entendimento da noção de sociabilidade intelectual, para Sirinelli (2003), é apreendida pela constituição de valores afetivos e ideológicos que são aprofundados no interior de um grupo, proporcionando o aparecimento de um “microcosmo intelectual particular”, com atributos específicos que caracterizam os intelectuais.

Sirinelli (2003) entende que o interesse recente pela História Intelectual e seu objeto específico, o pensamento político dos intelectuais, é um fato bastante recente, chegando mesmo a falar em nascimento desse campo de pesquisa, pelos novos enfoques e problemáticas que os historiadores suscitaram ao abordar como objeto o pensamento político dos ditos intelectuais.

Diante desse debate, procuramos fazer uma relação da História Intelectual com a História da Educação: onde elas se encontram? A área da historiografia da educação se apresenta como espaço de debate e amplas discussões sobre o processo de elaboração da escrita da História, com isso a História da Educação apresenta um rigor metodológico que contempla e identifica as condições sociais e

políticas presentes no contexto de sua elaboração, bem como a ideologia, os interesses e a formação acadêmica de cada autor estudado.

Por isso, ao estudarmos um intelectual da educação, não podemos o isolar de sua vida material, o que dá sentido e significado para o papel que desempenha em determinado momento histórico. Portanto, para alcançar resultados profícuos, faz-se necessária uma análise do conjunto da obra desse autor na intrincada rede de relações e fatos políticos, econômicos, culturais e sociais nos quais ele forjou sua perspectiva teórica e política.

Nesse aspecto, Vieira (2015) corrobora que as relações entre as escritas da História da Educação, da História Intelectual e dos intelectuais devem ser pensadas em uma perspectiva histórica, assumindo assim uma multiplicidade de possibilidades, que envolvem desde pensadores clássicos da política, como as formas de pensamento ou representações sociais produzidas por homens e mulheres que viveram às margens do campo intelectual e/ou editorial em determinado tempo e espaço, ou seja, as experiências cotidianas.

1.4 AS FONTES DE PESQUISA

Só se pode pensar Edvaldo do Ó em ritmo de trabalho. Um gênio de fazer e como fazer, entre o sonho e a mágica de construí-lo. Só em imaginação, em termos de criatividade administrativa, em meio tão pobre como nosso, pode-se conceber esse prodígio⁶.

Para a construção deste trabalho doutoral, seria interessante ao pesquisador embarcar em uma viagem através do tempo, na qual pudéssemos entrar numa nave e nos transpuséssemos ao passado e ali encontrássemos as pessoas, a cidade, os momentos, e assim teríamos as respostas e conexões entre os fatos. Dessa forma, desvendaríamos a história e a contaríamos tal qual aconteceu, sob o prisma de seu olhar.

⁶*Só tu, Eternidade*. Homenagem do tribuno Raimundo Asfora a Edvaldo do Ó, publicado em 1º de setembro de 1981 na *Gazeta do Sertão*.

Sabendo dessa impossibilidade, a passagem do filme *Sob o Sol da Toscana*⁷, narra a viagem de uma escritora à Itália, e ao chegar num vilarejo⁸ da região da Toscana, um amigo de viagem pede para ela escrever em cartões-postais mensagens para enviar a sua mãe. Assim, ela começa descrevendo todas as sensações, o cotidiano dos italianos, os sons, as vestimentas das pessoas, o sabor das uvas, a sonoridade da passagem do tempo ao som dos sinos da igreja (dlim...dão) e assina em nome do rapaz. Ao entregar ao colega, depois de ele fazer a leitura, não gosta de nada o que ela escreveu, pois diz que nem a mãe dele vai acreditar, nem tão pouco ele vê tudo aquilo que a escritora narrou.

Pois bem, assim é a pesquisa: cada pesquisador tem uma sensibilidade única para narrar os fatos de acordo com suas fontes, ideias e sensações, levando a pensar aquele momento histórico, de forma que, ao escrever, coloca suas perspectivas enquanto narrador e sujeito da pesquisa, pois não se pode voltar ao tempo, o que é possível é remontá-lo, descrevê-lo, engendrará-lo de acordo com o corpus documental a que se tem acesso, e somente assim haverá condições de se dar visibilidade aos fatos.

Pensando dessa forma, como poderíamos visitar a Campina Grande dos anos 50, 60, 70 e 80 do século XX, na qual Edvaldo do Ó viveu, pensou, narrou, lutou, conquistou, sofreu derrotas, decepções? Diante dessa vontade, já que não podemos voltar literalmente ao passado, encontraremos outros caminhos possíveis pelas fontes, e assim como a protagonista do filme citado, adentrar no cotidiano da cidade, nas sensibilidades do personagem estudado para assim termos um mosaico do vivido por Edvaldo do Ó enquanto protagonista da nossa história, através do olhar do pesquisador do presente.

Quais os caminhos a percorrer? Serão através de fontes impressas que nos subsidiarão a formação do conjunto de documentos que nos levará a entender a trajetória e atuação de Edvaldo do Ó como: jornais – *Diário da Borborema*⁹ e a *Gazeta*

⁷ Frances Mayes fica devastada ao descobrir que seu marido é infiel. Sua melhor amiga Patti, com a intenção de ajudar, sugere que ela faça uma viagem pela Itália. Frances gosta da ideia e, durante o passeio, impulsivamente decide comprar uma casa em um vilarejo toscano. Agora, a recém-divorciada inicia uma nova vida ao lado de personalidades interessantes (SOB O SOL..., 2003).

⁸ Cidade de Cortona – Villa Bramasole – Itália.

⁹ O *Diário da Borborema* foi o primeiro jornal diário instalado na cidade, no dia 2 de outubro de 1957, pertencente à cadeia dos Diários e Rádios Associados. A implantação do jornal em Campina Grande foi uma promessa do seu fundador, o jornalista paraibano Assis Chateaubriand. Teve colaboradores como: Raymundo Asfora, Nilo Tavares, Stênio Lopes, Epitácio Soares, Osmário Lopes e Orlando Tejo.

do Sertão; biografias – *Edvaldo do Ó: Um tropeiro da Borborema (tópicos da sua caminhada)*, escrito por Itan Pereira da Silva (1999) e *Testemunha da História – Edvaldo do Ó, o realizador*, escrito por José Luís Júnior (2015); livros escritos por Edvaldo de Souza do Ó, tais como: *Politécnica* ([1991]), *Sanesa* (1982b), *PETRAI* (1982a), *Palavras do Presidente da Bolsa* (1993) e *História da Universidade Regional do Nordeste – Vol. I* (1986) e *Vol. II* (1994). Vale destacar que o volume II deste livro foi editado somente após a morte de Edvaldo do Ó, sendo que sua conclusão ficou sob a responsabilidade de José Luís Junior e Moacir Cartaxo. Lançaremos mão também dos registros pessoais do nosso personagem que se encontram na Fundação Edvaldo do Ó e na Granja Solidão, o que inclui sua Biblioteca, na qual está todo o acervo particular de Edvaldo do Ó, desde documentos, livros, fotografias e anais da *Gazeta do Sertão*.

Nesse percurso, traçaremos uma escrita que nos dará subsídios para respondermos sobre a atuação do nosso personagem em Campina Grande enquanto interlocutor da educação campinense. Como ocorreu o processo de intelectualidade de Edvaldo do Ó? Quais representações de moderno ele tinha ao querer/almejar o progresso de Campina Grande? Como sua família teria participação nesse processo? Quem foram seus pares enquanto rede de sociabilidades? E os seus inimigos? Como sua trajetória de vida se entrelaça na história de Campina Grande? Com suas ideias ambicionava construir um lugar para si na história campinense?

São essas questões que nortearão nosso pensamento ao investigar esse personagem “tão ovacionado” por seus biógrafos, como também os silêncios que essas narrativas trazem. São esses cruzamentos e apontamentos que lançaremos para a escrita deste texto de doutoramento, elencando os motivos que nos levam a pensar Edvaldo de Souza do Ó como um “moderno” Tropeiro da Borborema.

Ao nos debruçarmos sobre esse arquivo, tentaremos reconstituir a tessitura mais ou menos visível de sua atividade como intelectual, leitor, professor, economista e político. No desenrolar da trama do arquivo, elaboraremos uma biografia intelectual de Edvaldo de Souza do Ó. Como nos diz Venâncio (2015, p.17): “[...] os arquivos e documentos precisam ser decifrados e criticados, pois o arquivo é uma memória objetiva, porém, virtual. É a leitura histórica que o (re)atualiza e o (re)significa”. Nesse

Além de notícias locais e regionais, o jornal publicava também notícias nacionais e até mesmo internacionais, além de artigos e crônicas de vários escritores.

sentido, a tese tem por objetivo central dissertar sobre o processo de intelectualidade de Edvaldo do Ó e suas redes de sociabilidades construídas ao longo de sua trajetória na educação campinense.

O arquivo privado e a biblioteca de Edvaldo do Ó sugerem uma escrita autobiográfica que instiga a sua problematização e convida à elaboração de uma biografia, compreendida como *trajetória*. Para dar conta desse quadro, desses questionamentos e explicações, a tese foi dividida em seis capítulos, sendo que cada um desenvolve um rol de temáticas, problematizações e teorias, que possuem vinculação com a temática geral: *Na trama do Arquivo: a trajetória de Edvaldo de Souza do Ó (1929 – 1993)*.

Dessa forma, temos no capítulo 1 a **Introdução – Moldurando a Pesquisa**, que discorre sobre o percurso da pesquisa, aponta os aportes teóricos-metodológicos utilizados e apresenta o personagem da pesquisa em questão – Edvaldo de Souza do Ó. Assim começa toda a trama da pesquisa biográfica enquanto intelectual inserido nas redes de sociabilidade da elite campinense, quanto aos encontros/desencontros do uso do arquivo e da biografia. Trata também de questões sobre sua intelectualidade legitimada nas suas redes de sociabilidade.

Já o capítulo 2, intitulado **Arquivando a vida: das memórias à biblioteca Raimundo Asfora – redes de saberes que tecem trajetórias** –, trataremos de discutir a trajetória/ itinerário do nosso personagem enquanto esse “moderno” Tropeiro da Borborema. Pretendemos relacionar Edvaldo do Ó também como um sujeito que arquivou a si mesmo, deixando, dessa maneira, no seu ambiente de trabalho, possibilidades de constituição de si. Dentro da biblioteca encontra-se um acervo documental para a história de Edvaldo do Ó, assim como para a história de Campina Grande. “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros” (ARTIERÈS, 1998, p.10). Nesse modelo de arquivar a vida, Edvaldo do Ó deixou em sua biblioteca um espaço de memórias e lembranças, que muito diz sobre quem ele era, contribuindo assim para uma narrativa biográfica.

No capítulo 3, **Mapeando a rede de amigos: o intelectual e suas redes de sociabilidades** – demonstra-se que a pesquisa se deteve às cartas como principal fonte documental para tecer junto a trajetória de Edvaldo do Ó aspectos relevantes quanto a suas relações de sociabilidades, assim como na rede em que se encontra

inserido no contexto das políticas públicas voltadas para a educação campinense, principalmente ao que diz respeito ao Ensino Superior. Nas entrelinhas de cartas, busca-se ver quem é Edvaldo do Ó em seu meio intelectual, como se posiciona diante de algumas circunstâncias que exigem lealdade, amizade e respeito por aqueles que fazem parte do seu grupo de intelectual. “A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro” (AVELAR, 2010, p.166). São sob esses aspectos que analisamos a postura de Edvaldo do Ó ao guardar as cartas, ao escrevê-las, e quanto está em jogo a fabricação de si, pois a trajetória de um intelectual é marcada pela forma como procura se distinguir dos outros e como produz uma rede implicada de desejos, necessidades e vontades.

Em nosso capítulo 4, **Templos da Ciência, da Memória e da história Campinense: a união universitária e o reitorado**, será discutido como Edvaldo do Ó, enquanto intelectual, acreditava na ciência como forma de angariar desenvolvimento e tecnologia para Campina Grande. Veremos a partir da literatura, todo o contexto campinense que atravessou as décadas de 1950 e 1960 para que se tivesse como ápice a institucionalização da Universidade Federal e da Universidade Regional do Nordeste (URNE). Poderemos traçar o itinerário de Edvaldo do Ó nesse processo educacional campinense, marcado por uma rede de discursos e dispositivos desde o contexto nacional até o local, no meio do qual a cidade de Campina Grande teria desenvolvimento e progresso, dentre eles: a SUDENE, a I Conferência dos Bispos do Nordeste, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT), a Escola Politécnica e as Faculdades avulsas, legitimando-o como intelectual. Esse conjunto somará forças a partir do empenho de Edvaldo do Ó em suas redes de sociabilidade. A partir dessa atuação, teremos o seu reitorado na URNE, marcado por sua atuação na educação campinense.

Por último, no capítulo 5, **Das Ciências à Arte: Edvaldo de Souza do Ó – Intelectual**, trataremos de problematizar a participação de Edvaldo do Ó enquanto intelectual que atuou ativamente em assuntos relacionados à educação campinense, não mais no âmbito do ensino superior e sim através da educação política por meio de outras relações que ele se empenhou em desenvolver por meio de suas relações políticas em Campina Grande, a exemplo do Museu de Arte Assis Chateaubriand. Busca-se investigar em que medida o trabalho de Edvaldo do Ó contribuiu para a

transformação da educação campinense a partir de sua trajetória de produção intelectual na qual se inseria.

2 Arquivando a vida: das memórias à biblioteca Raimundo Asfora – redes de saberes que tecem trajetórias

O historiador é, afinal, um construtor do passado, nas andanças do presente. Presente e passado são caminhos a percorrer e construir, não apenas com todas as certezas, mas também com todas as incertezas, desvios, viagens frustradas, possibilidades não realizadas. (ALBURQUERQUE JR., 2007, p. 250).

Este capítulo tem por objetivo reconstruir a trajetória familiar e escolar de Edvaldo do Ó, ao longo dos anos 40 e 50 do século XX. Para buscar uma melhor compreensão de sua formação intelectual, procura-se recuperar como ocorreu sua ida para os colégios internos na capital pernambucana, entendendo assim sua relação como o mundo escolar. Nesse aspecto, entendemos como a escola é fundamental para sua formação, especialização e aperfeiçoamento para o exercício da função intelectual, como também uma reprodução e legitimação exercidas pelas elites.

A família do Ó, desde que chegou ao Brasil, é formada por comerciantes, articulados à política e ao comércio. O avô paterno de Edvaldo do Ó, Juvino de Souza do Ó, ocupou o cargo de prefeito interino de Campina Grande (PB) no período de 23 de novembro de 1923 a 23 de maio de 1924, sendo assim, seu Izaías de Souza do Ó – pai de Edvaldo – já convivia nesse meio político e de comércio, e com essas práticas abre sua empresa no ramo do algodão, conhecida como Companhia, Comércio e Prensagem de Algodão, já casado com a senhora Alice de Souza do Ó, com quem teve seis filhos¹⁰, dentre eles Edvaldo de Souza do Ó.

É por meio das atividades comerciais de seu pai que Edvaldo do Ó cresce, no contexto dos negócios do algodão, assim como a visibilidade que se tinha da cidade do Recife (PE) onde seu pai sempre fazia negócios e tinha conhecimento de que lá estavam os melhores colégios da região. De acordo com Silva (1999), Edvaldo do Ó foi uma criança que gostava de ler. E como muitos meninos do seu tempo, foi educado em casa. Seu curso primário foi realizado na escola particular de D. Júlia.

De família abastada no início dos anos de 1940, seu pai decide que Edvaldo e seu irmão Edson deveriam estudar em Recife (PE), no Colégio Marista, internos, onde iniciaram seus estudos, e como o próprio Edvaldo do Ó narra:

¹⁰ Os irmãos de Edvaldo do Ó são: Edson de Souza do Ó, José de Souza do Ó, Eudes de Souza do Ó, Djalma de Souza do Ó e Salete Maria de Souza do Ó.

Começamos a ter a primeira noção de um colégio organizado, as primeiras noções de horário, de acordar cedo, de almoçar, de lanche às 3 horas da tarde, de fazer exercícios, de jantar, de estudar depois do jantar e dormir. E, assim, começamos a ser disciplinados pelos educadores maristas. Posteriormente, **pelas minhas decisões e pelo meu temperamento**, o meu pai, ao chegar ao colégio, recebeu o comunicado do diretor que eu não era muito disciplinado; eu não queria obedecer e, então, achava melhor deixar o colégio. Meu pai me matriculou depois em um outro estabelecimento também afamado, o Nóbrega, onde passei a estudar e a conviver com os jesuítas, até terminar o curso superior de Economia (SOUZA DO Ó, 1994, p.17-18 - grifo nosso).

O Colégio Nóbrega¹¹ foi uma tradicional instituição de ensino considerada por muitos anos uma das maiores e mais bem conceituadas escolas do Brasil. A educação moral e religiosa sempre teve amplo espaço, possuindo como lema: “Em tudo amar e servir”, lema esse que muito explicará e nos fará entender as concepções e posicionamentos de Edvaldo do Ó ao longo da sua trajetória de vida e profissional. O Colégio Nóbrega tem suas raízes na Companhia de Jesus, esta fundada por Santo Inácio de Loyola.

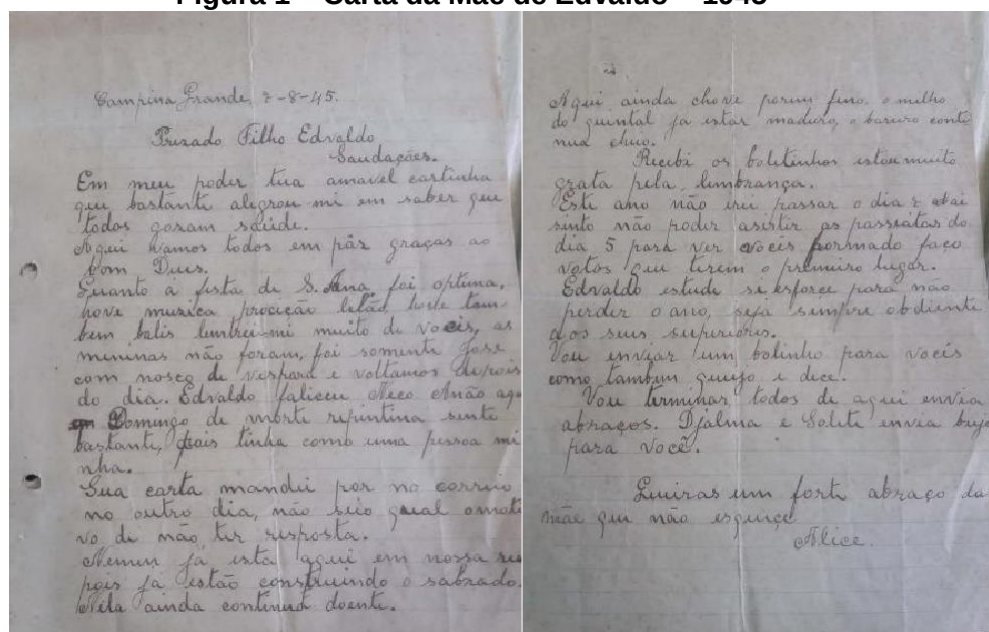
Terminados os estudos referentes ao que hoje chamamos de ensino fundamental e médio, Edvaldo ingressa na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica de Pernambuco¹², terminando seu curso no ano de 1956, quando inicia sua carreira profissional em Campina Grande (PB), sua terra natal.

Durante os anos em que Edvaldo do Ó passou na capital pernambucana, conquistou muitas amizades. Aquele menino que saía de Campina Grande (PB), interior da Paraíba, para estudar, tirar boas notas e ser obediente aos seus superiores, como orientara sua mãe em carta datada de 07 de agosto de 1945 (ver foto na Figura 1), se tornara um homem com ambições.

¹¹ Fundado em 18 de março de 1917, o Colégio Nóbrega sempre foi administrado por padres jesuítas, seus diretores por diversos períodos. O Colégio Nóbrega foi por muito tempo apenas masculino, vindo depois de anos a ser misto, aceitando alunas.

¹² A Universidade Católica de Pernambuco originou-se de uma conjugação de esforços empreendida na adesão a uma ação da Igreja Católica que, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950. Com o objetivo de prosseguir o apostolado educacional junto aos alunos formados pelo Colégio Nóbrega, pleitearam os jesuítas, em sintonia com as aparições existentes na Igreja do Brasil e também no Nordeste, através do Pe. Antônio dos Santos Abranches, SJ, a criação de uma Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas, para atender às exigências legais, nascia a primeira Universidade Católica do Norte-Nordeste e a quarta do país, cuja equiparação foi concedida pelo Decreto nº. 30.417, de 18/01/1952 (CABRAL, [2016]).

Figura 1 – Carta da Mãe de Edvaldo – 1945



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de campo.

Mas a carta também era cheia de saudades, com narrativas cotidianas da família do Ó, na qual a mãe de Edvaldo faz um pequeno percurso das relações sociais nas quais participavam, como a exemplo da Festa de Santana e a morte de um vizinho. Faz assim um pequeno resumo das atividades que transcorrem na movimentação da casa, dos conhecidos doentes, da construção de um sobrado, e sobre o clima de Campina Grande, que naquele período do ano ainda está frio, e a plantação de milho do quintal que já está maduro, pronto para a colheita. E o barreiro que continua cheio, demonstrando que Edvaldo tinha uma preocupação em ter conhecimento sobre as mais simples coisas da vida cotidiana de seus pais, familiares e amigos que tinha deixado. Percebemos também que, por meio dessa pequena carta, a mãe sintetiza os acontecimentos e estreita a distância entre ela e seu filho, como uma forma de diminuir a saudade existente entre eles.

A carta é finalizada com a demonstração de sua alegria quanto aos boletins recebidos, e sua tristeza por não poder ir ao desfile de 07 de setembro, desejando que os filhos tenham sucesso na parada militar. E assim ela conclui reforçando seu recado para que Edvaldo se esforce para não perder o ano e seja sempre obediente com seus superiores, nos dando a dica de que ele seria impulsivo, levando-nos a imaginar que sua mãe lhe conhecia bem demais, e sabia das potencialidades do filho, mas também de sua impetuosidade. Finaliza com os agrados de mãe, ao que enviará bolinhos, queijos e doces, uma forma carinhosa de deleitar o filho e levar um pouco

da culinária como forma de encurtar e matar a distância geográfica e física características de se ter um filho estudando fora da cidade.

Falar de pais, filhos, cartas e de textos diversos que narram o passado e o presente, cujos fragmentos ficam para contar histórias, para narrar as memórias e as lembranças restantes, para servir de material para o historiador, nos conduz para um caminho das sensibilidades e das emoções, que para o historiador torna o corpus documental propício a dar sentido e significado ao nos deparamos com um indivíduo como Edvaldo do Ó.

Edvaldo do Ó, filho de uma família da elite intelectual, conviveu e aprendeu a conviver desde a mais tenra idade, e enquanto residiu em Campina Grande, com crianças também oriundas de famílias como a sua, legítimos representantes da elite, fosse intelectual, econômica ou política.

Provavelmente acompanhou seus pais a festas e comemorações importantes da localidade, além de ter convivido na sua própria casa com pessoas, parentes, amigos e visitas também pertencentes a sua classe social, ou melhor, a sua fração de classe. A partir dessa convivência ao longo de sua infância e mesmo na adolescência, estabeleceu um conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos na esfera de ligações de sua família.

O fato de ter nascido numa família abastada e letrada – sua mãe e seu pai sabiam ler e escrever – contribuiu seguramente para que Edvaldo do Ó viesse a ampliar a sua condição de leitor, tendo acesso a uma escola de qualidade e consequentemente uma formação acadêmica.

Segundo Artières (1998), estudar a constituição pessoal de arquivos de vida é no sentido exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância. Foi isso que tentamos fazer com a vida escolar de Edvaldo do Ó, uma reconstituição do seu período vivido no Colégio Nóbrega e em seguida na Universidade Católica de Pernambuco, para assim o compreendermos enquanto personagem que cria, forma, desenha uma identidade dentro da cidade de Campina Grande.

Com esses elementos primários procuramos mapear esse personagem e assim entender seu lugar social enquanto sujeito com sonhos, desejos, afetos, desafetos, ilusões e desilusões. Enquanto menino, teve uma educação nos princípios jesuítas, que tinha como lema: *“Em tudo, amar e servir”*, o que muito explica a

personalidade de Edvaldo. Vindo de uma família consolidada financeiramente e emocionalmente, tais fatores contribuíram para sua formação e por último para a escolha da profissão. Numa geração em que muitos jovens de sua classe social direcionavam os estudos para as Ciências Jurídicas, ele escolheu as Ciências Econômicas; claro que não foi uma escolha alheia, mas foi voltada para os negócios da família, visando ter um melhor entendimento do comércio e das relações comerciais na sociedade.

A escolha de Edvaldo do Ó em cursar Ciências Econômicas estaria vinculado ao cidadão identificado com o seu tempo e com seu espaço (SILVA, 1999). Suas atividades e sua liderança estiveram sempre a serviço do desenvolvimento de Campina Grande, irradiando-se para o circuito mais amplo do Estado e da Região, mas também marcado por uma Paraíba impregnada por marcas coloniais, quando se instala a sociedade patriarcal e escravocrata que deu o tom político-social de toda a região nordestina. Quais seriam os condicionamentos básicos que haveriam de formar o núcleo de preocupação de Edvaldo do Ó?

Um dos fatores seria essa economia assentada na agricultura com algumas vertentes bem nítidas em que se destacam o complexo canavieiro, o complexo pecuário, o algodão e a chamada agricultura de subsistência, assim como o ciclo da cana-de-açúcar, gerando o latifúndio e o coronelismo que surgem dentro do contexto da colônia. Mais tarde, já no século XIX, o algodão ganha o espaço do sertão e de outras microrregiões do interior, acompanhado dos cultivos agrícolas de subsistência como o feijão, o milho, a mandioca etc. Foi nesse cenário que Edvaldo viu seu avô e seu pai se tornarem comerciantes dentro desses ditames político-econômico-sociais que foram gerados por tais ciclos.

Coincidentemente com a escolha de Edvaldo do Ó em cursar Ciências Econômicas, no Brasil a profissão de economista foi oficialmente instituída pela Lei nº. 1411, de 13 de agosto de 1951, marco que também inicia o curso de Edvaldo do Ó na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em Ciências Econômicas, dentro das atribuições de um economista encontra-se segundo Okabayashi (2010, p.30), “[...] profissional que se dedica ao estudo e análise das causas e efeitos dos fenômenos sociais, nos aspectos estruturais e conjunturais”.

Porém, as faculdades de Ciências Econômicas desejavam atender à formação cultural das nossas elites políticas, a do preparo técnico dos que se destinam aos

cargos administrativos importantes, assim na esfera propriamente do Estado como seio das grandes empresas de finalidade econômica (CASTRO, 2001, p.29).

**Figura 2 – Edvaldo do Ó em sua formatura
– 20 dez. 1950**



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

A partir dessa historiografia das Ciências Econômicas no Brasil, podemos tecer alguns fios que nos conduzem a entender o Edvaldo do Ó enquanto homem letrado, intelectual, que ainda no ano de 1956, com 27 anos, assume cargos na administração pública campinense, se torna professor na Escola Técnica de Comércio Pio XI e do Colégio Imaculada Conceição – Damas, da Universidade Católica de Pernambuco, na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba – Campus de Campina Grande, e na Faculdade de Serviço Social e Ciências Econômicas de Campina Grande, até se tornar Reitor da Universidade Regional do Nordeste em 1966¹³.

Por que a necessidade de voltarmos ao passado de Edvaldo do Ó? Essa necessidade surge para uma melhor compreensão de suas práticas e de sua escrita de si no ambiente que ele mesmo construiu e transformou em monumento que nos fazem refletir e analisar como se deram suas práticas cotidianas – e assim temos a Biblioteca Raimundo Asfora. Após fazermos uma arqueologia dos lugares que Edvaldo do Ó iniciou sua formação escolar e acadêmica, seguiremos para sua vida adulta e consolidada a partir dos vestígios deixados na biblioteca.

¹³ Reitorado que iremos trabalhar e discutir no 4º capítulo desta tese.

Nossa tentativa será de construir um cenário a partir da biblioteca como espaço vivido e construído por Edvaldo do Ó, em comum acordo com Artières (1998, p.10), quando diz: “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”.

Edvaldo do Ó organizou ao longo da sua vida um arquivo e uma biblioteca pessoal nos quais pôs em ordem os acontecimentos que balizaram a sua trajetória, estabelecendo coerências, construindo continuidades e linearidades, visando, de certa forma, legar um “esboço” de sua própria biografia.

O arquivo privado e a biblioteca pessoal de Edvaldo do Ó sugerem uma escrita autobiográfica, e apontam para a “fabricação” de uma memória deixada por ele, como também elaborada pelos seus herdeiros intelectuais¹⁴.

Nesse contexto, a Granja Solidão teve grande importância na vida de Edvaldo do Ó. Contendo cerca de 25 hectares, foi adquirida no início da década de 1960, e nesse local foi construída sua residência, que em vida serviu como seu refúgio particular, seu lar, como também na morte, para guardar seus restos mortais.

Figura 3 – Granja Solidão



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

¹⁴ Os herdeiros intelectuais que podemos nomear de Edvaldo do Ó constituiriam um grupo de amigos próximos que são: Edson de Souza do Ó (irmão – *in memoriam*), Itan Pereira da Silva (*in memoriam*), José Luís Júnior e Silas Marinho. São esses indivíduos que, após a morte de Edvaldo, irão atuar de modo constante com vistas a construir uma memória positiva de sua trajetória política.

O complexo da Granja¹⁵ é formado pela casa principal, capela Nossa Senhora do Ó, mausoléu, biblioteca, apartamentos para visita, casa do caseiro. É cercada por grandes árvores frutíferas, com clima serrano e com vista para Campina Grande.

A biblioteca é um prédio anexo à casa principal, e fora construído intencionalmente para mais do que guardar seus mais de 3 mil livros, documentos pessoais, acervo fotográfico e o acervo da *Gazeta do Sertão*. Nesse espaço Edvaldo do Ó se reunia com amigos íntimos, funcionários, políticos e intelectuais; como também se enclausurava para refletir, pensar, sonhar sobre seus projetos e ideais quanto a Campina Grande.

Figura 4 – Seções da Biblioteca Raimundo Asfora



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

A biblioteca é “[...] um lugar comum da literatura [...]” (BEHAR, 2012, p.29), talvez por apresentar uma aura inquietante de conhecimento, uma vez que, como espaço destinado ao arquivamento de um saber escrito, ela se converte também em local de produção e expansão desse saber, pois se abre a processos de leituras e releituras dos quais germinam novos pensamentos. Ao aproximá-la da ideia de “âncoradouro”, pressupõe-se que ela possa ser tomada tanto como lugar de partida quanto como lugar de chegada, e nesse movimento pendular pode ser por ela que traça o percurso dessa viagem.

É nesse sentido de âncora que entendemos a percepção de biblioteca para Edvaldo do Ó, pois esse espaço não significava apenas um lugar físico ocupado por livros, mesa, cadeira, estantes, mas era um refúgio intelectual, de pensar, refletir,

¹⁵ A Granja Solidão está localizada entre os municípios de Campina Grande e Lagoa Seca – cerca de 6 km de Campina Grande, pertencente ao município de Lagoa Seca, com entrada à margem direita da BR- 104 do Anel do Brejo. Seu acesso fica no Condomínio Atmospha Eco Residence no Km 117. Dali fica a granja mais ou menos 3 Km para seu portão. A Granja tem cerca de 12 hectares, e foi adquirida por Edvaldo no início da década de 1960.

imaginar, tomar decisões, fazer escolhas, receber pessoas, dialogar, e quando esse lugar ganha essa proporção passa a ter outro significado e significante para o indivíduo que ocupa, passa a ser âncora das ideias que compõem o universo de Edvaldo do Ó.

Nessa biblioteca, Edvaldo do Ó conhecia as notícias campinenses e do mundo. Por meio dos volumes guardados, obtinha o conhecimento que utilizava em seus projetos, que eram na maioria das vezes produzidos e idealizados nesse local. Essa biblioteca marca um dos principais espaços conservados pela Fundação Edvaldo do Ó que podem testemunhar sua vida.

A biblioteca se torna o lugar onde estão organizados os vestígios materiais de sua existência e os objetos que permitem a reconstrução de sua memória. Ela testemunha a existência de Edvaldo do Ó para futuras gerações, uma organização objetiva de seu passado e da representação que ele havia fabricado de si mesmo através da conservação de papéis e livros, guardando sua produção intelectual e permitindo sua construção autoral.

A biblioteca pessoal de Edvaldo do Ó inscreve em seu acervo suas preferências de leitura, sua trajetória profissional e intelectual. A herança deixada pelos livros colecionados por ele permite que se compreendam as intenções que o levaram a acumulá-los, por serem livros sobre Economia, Sociologia, História do Brasil e Geral, Literatura Brasileira e Estrangeira, Educação, Política, Dicionários e enciclopédias, e o acervo da *Gazeta do Sertão*¹⁶ no período em que foi proprietário, visto que Edvaldo do Ó não deixou testemunhos explícitos sobre a composição do acervo. É certo que a criação de um espaço de leitura na parte externa da casa nos dá mais um indício da identificação de Edvaldo do Ó com os homens de letras do seu tempo, pois, como nos afirma Abreu (1996, p.137), “de maneira geral, na virada do século, as letras representavam importantes bens simbólicos”.

Colecionar livros era uma etapa importante na formação de um intelectual. Possuir um gabinete de leitura, estantes cobertas de livros, uma quantidade de

¹⁶ A *Gazeta do Sertão* foi fundado por Irineu Ceciliano Pereira Joffly e Francisco Soares Retumba, com o primeiro número circulando na cidade em 1º de agosto de 1888. Na sua primeira fase, o jornal era político, fato este que acabou culminando em seu fechamento pelo primeiro governador (presidente) da Paraíba, Venâncio Neiva. Em 25 de maio de 1981, quase 100 anos após ser fundado, a *Gazeta do Sertão* retornava às suas atividades. Sob a direção de Edvaldo de Souza do Ó, na liderança de um grupo formado por Alberto Macedo, Silas Marinho e José Luís Junior, o jornal tinha como proposta ser “reivindicatório” (ARAÚJO; SOUSA, 2020).

raridades ou de livros pertencentes aos cânones literários nacionais ou estrangeiros simbolizava para os seus pares sua importância intelectual.

Considerando-se que o tamanho das bibliotecas era frequentemente associado ao refinamento intelectual de seus proprietários, possuir um grande acervo de livros significava ser visto e respeitado como um intelectual erudito, além de ser, evidentemente, um registro de suas atividades intelectuais.

Neste trabalho doutoral, o arquivo encontrado na biblioteca de Edvaldo do Ó também se torna objetivo de investigação. Buscamos, então, compreender, descortinar, em sua trama, a função dos documentos, sua forma e seus destinatários, pois:

[...] a homogeneidade do acervo, relacionada à existência do titular único, é relativizada, quando se considera e se investiga as características específicas de cada documento arquivado, pois interrogar um arquivo pessoal implica em compreender a escolha e a classificação dos documentos guardados, historicizando cada corpus de texto. (VENÂNCIO, 2015, p.154).

Procura-se identificar nesse acervo documental o processo de construção, atentando-se para a ideia de que ele pode ser lido, assim como qualquer outro registro, como escrita, e que, por esse motivo, não podemos anular o texto. Dessa forma, o arquivo se torna parte importante para esta pesquisa, pois serão nos documentos investigados que toda trama se configurará.

Edvaldo do Ó organizava seus pertences, documentos, fotografias e projetos em caixas de madeira com placas de metal, nomeando o assunto/pessoa cujos escritos ali guardaria. Encontramos um total de 15 caixas, e em algumas delas o conteúdo da caixa era compatível com o da placa nomeada; em outras não havia nada, estavam vazias, com a grande lacuna sobre para onde teriam ido aqueles documentos. Em outras caixas estavam guardados papéis, com rascunhos que pouco explicam seu conteúdo e o porquê de estarem ali, à semelhança de um quebra-cabeça descontextualizado que, ao que parece, fora mexido após sua morte, pois Edvaldo do Ó era cuidadoso e gostava de guardar tudo de forma organizada.

No processo da escrita, sabemos, contudo, que o texto só se define quando encontra seu leitor, aquele que, pelo ato criativo da leitura propõe interpretações, chegando muitas vezes a poder ler o que para outros leitores, em outros lugares, não estaria escrito. Nosso trabalho como historiadora encontra-se desde seu começo

marcado por essa tensão constitutiva, na qual se buscam uma escrita e uma leitura que transgridem as fronteiras da autoria individual.

Ao fazer a biografia de Edvaldo do Ó, a história envolve uma conexão com uma rede de interações sociais do biografado, a partir dos grupos e redes em sua família, em busca das representações sociais que não apenas apresentem a existência do indivíduo, sem relacioná-la ao seu meio social.

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. Uma escrita biográfica revela-se como um lócus privilegiado, não mas para um acesso ao universal, como imaginava Dilthey, mas para revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado sem torná-lo como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida (AVELAR, 2010).

Através do método, o historiador pode tornar o conhecimento do passado possível, deparando-se com a interpretação das fontes, da viabilidade das provas e uso da narrativa. Assim, para Albuquerque Júnior (2007), os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações.

No que tange ao trabalho com arquivos pessoais, Ângela de Castro Gomes (1998) chama a atenção para nós historiadores quanto à descoberta dos arquivos pessoais privados, que em geral está associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, no qual emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, incorporando novas metodologias, sendo marcada por uma renovação teórica e pela aceitação da pluralidade de escolhas. Para a autora, o arquivo privado é um grande feito, por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público.

Com isso, a documentação dos arquivos privados permitirá, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes. Assim, Gomes (1998, p. 125) continua: “Homens que têm a sua história de vida, as suas virtudes e defeitos e que os revelam exatamente nesse tipo de material”, logo, são nesses documentos que se revelam e se forjam identidades, posicionamentos e intenções.

Com isso nos deparamos com arquivo de Edvaldo do Ó, um arquivo cheio de informações que, para o historiador, se torna um prato cheio e quente. Ainda assim, na hora de degustar, deve-se tomar os devidos cuidados para se realizar escolhas

metodológicas e teóricas que sejam capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada. Como também outro aspecto que a autora observa refere-se aos encantos do arquivo privado, chamando a atenção para a “*ilusão de verdade*” que esses conjuntos documentais potencialmente gerariam entre os pesquisadores, visto que poderiam dar a ilusão de estarem tocando diretamente na verdade mais íntima de seus titulares. Assim, temos:

Este é o grande feitiço do arquivo privado. Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma ‘verdadeira’: aí ele se mostraria ‘de fato’, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. (GOMES, 1998, p.125).

A cada dia da pesquisa, Edvaldo do Ó foi se apresentando, a cada caixa aberta. Umas cheias de cartas, telegramas, cupons fiscais, tickets de viagem (NS), notas de restaurantes e hotéis, cartões de Natal, de felicitações pela passagem do seu aniversário. E o que vemos? Nos documentos pessoais temos um contato muito próximo com o sujeito da história que estamos pesquisando e escrevendo.

Figura 5 – Caixas organizadas por Edvaldo do Ó



Fonte: Fotografias da Autora. Pesquisa de Campo.

Encontramos uma vida arquivada por ele mesmo a partir de uma organização diária de guardar seus objetos, sua vida, sua memória e, por outro lado, uma construção de si próprio, mesmo enquanto sujeito da história. Acreditamos que Edvaldo do Ó sabia ou intencionalmente deixou seu patrimônio para ser estudado, lembrado, com a pretensão de que algum dia tudo aquilo se tornasse projeto. Nesse arquivo deparo-me com um Edvaldo do Ó de forma fantástica, “real” e “sem disfarces”. Dessa forma, nós, historiadores, passamos a conhecê-lo na “intimidade” de seus sentimentos, desejos, sonhos, preocupações, amizades e relações afetivas e nos surpreendemos a dialogar com ele e até imaginar seus pensamentos.

É importante destacar que arquivos privados de homens públicos, como é o caso de Edvaldo do Ó, aqui analisado, muitas vezes apresentam problemas para a classificação de seus documentos. Nem todos os documentos do acervo são de caráter privado, pois muitos deles são relacionados às funções públicas desempenhadas pelo titular ao longo de sua vida. Esse é um problema bastante comum nesse tipo de coleção de documentos, como chama a atenção Heymann (1997, p. 64-5) ao analisar o arquivo privado de Filinto Muller:

O limite que separa os documentos públicos daqueles de caráter privado, em se tratando de titulares que atuaram como homens públicos, é bastante tênue e objeto de constantes reflexões. [...] é possível encontrar documentação que deveria integrar fundos de arquivos públicos, mas que foi "privatizada" pelos agentes que estiveram à frente de cargos por um determinado período, passando a integrar sua documentação pessoal, demonstrando nessa *mélange* de esferas e confusões, imbricações e impropriedades que caracterizam as relações entre público e privado nesse domínio.

Temos, destarte, variados fatos e evidências públicas, como a que aconteceu em 22 de junho de 1990, quando Edvaldo do Ó se dirige ao Cartório do 3º Ofício da Comarca de Campina Grande e faz doação de Granja Solidão à Fundação Bolsa de Mercadorias da Paraíba, sendo essa representada por José Luiz Júnior. Passamos a ter fatos e gestos concretos de que Edvaldo do Ó não só era um indivíduo organizado, mas que desejava, de fato, ser lembrado, de maneira que sua história fosse contada, revelando/apresentando um sujeito conectado numa rede de sociabilidades de espaços e lugares de divulgação e circulação de ideias.

Como nos diz Venâncio (2001, p.26), o arquivo pessoal é sempre organizado para anunciar e criar um pensamento, uma reflexão, uma história. Ao longo da vida, Edvaldo do Ó foi acumulando muitos dos registros, alguns são descartados, e o resultado dessa ação é que se conserva apenas uma parte desses vestígios.

Através de uma triagem diária, arrumam-se, desarrumam-se, classificam-se os papéis, coloca-se em ordem a desordem cotidiana. Ao arquivar, o colecionador de certa forma manipula a existência: omite, ignora ou dá destaque a certas passagens. A escolha e o registro de determinados acontecimentos, pensamentos e reflexões determinam o sentido que o colecionador busca dar ao arquivo. Como afirma Artières (1998, p. 11), muitas vezes “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Ao nos debruçarmos no arquivo pessoal de Edvaldo do Ó, vislumbramos uma “vontade de guardar”, de tornar público o privado, de exibir a exemplaridade da própria história. Quanto a isso, diz Avelar (2013, p.07) que “nosso gosto pela biografia ancora-se num extenso leque de interesses pelo ‘outro’, por suas experiências de vida, sua exemplaridade, curiosidade essa não isenta de voyeurismo”.

Nesse contexto, os arquivos privados pessoais destacam-se como lócus privilegiado de análise histórica, pois registram uma forma de acumulação privada que possui como marca identitária específica o nome próprio do titular. Eles são revalorizados não porque representam um conhecimento “mais verdadeiro”, e sim porque asseguram a possibilidade de mudanças de foco, a partir da redução do campo de observação, e a compreensão de configurações intelectuais múltiplas, que exibem uma memória específica. No decorrer da pesquisa podemos observar que Edvaldo do Ó foi organizando seu arquivo de acordo com aquilo que ele julgava interessante para constituir seu acervo estabelecendo suas representações subjetivas e construindo a memória sobre ele mesmo, deixando assim para nós, historiadores, a tarefa de explorar esses arquivos, revelando dimensões do “vivido” despercebidas nas análises macro-históricas.

E é nesse emaranhando de acontecimentos que vamos construindo o personagem Edvaldo do Ó, especialmente nas tramas de sua vida escolar, que elegemos como marco fundador de sua trajetória. É sob a ótica da espontaneidade, autenticidade e da verdade que temos que trabalhar os documentos pessoais, de forma que possa ser refletida e problematizada, sendo associada a outros tipos de documentação e sofrendo o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico, para não cairmos na “malha do feitiço”, assim sabendo que somos nós, historiadores, os autores da história que escrevemos.

Sabemos que os arquivos pessoais são construções interessadas de seus produtores (e/ou de seus herdeiros, e/ou das instituições que os preservam), os quais devem ou não ser legados à posteridade e abertos ao público, visando à configuração de uma determinada imagem de si, para si e para os outros, ou seja, de uma identidade, conforme a acepção de Michael Pollak (1992, p. 204). Neste, como em outros arquivos, nada é inocente ou natural, e por isso o historiador precisa estar atento às múltiplas operações que, de maneira mais ou menos consciente, delineiam a sua constituição.

O arquivo privado pessoal permite vislumbrar uma “vontade de guardar”, de tornar público o privado, de exibir a exemplaridade da própria história. Assim, a organização de um arquivo pessoal acentua a individualidade do titular, redefinindo o seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos.

3 Mapeando a rede de amigos: o intelectual e suas redes de sociabilidades

As correspondências familiares e a literatura ‘pessoal’ (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos ‘verdadeiros’ do privado [...] Não há nada menos espontâneo do que uma carta, nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos à entrada da fortaleza. (PERROT, 1991, p. 11).

[...] cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um “pacto epistolar”, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos (GOMES, 2004).

As epígrafes acima revelam a magia representada pelas correspondências, em épocas nas quais a amizade e o respeito eram cultivados por meio da comunicação epistolar. O tom confessional expresso nesses documentos pessoais, os silêncios, às vezes indecifráveis, transportam esses textos em verdadeiras fontes de interesse e curiosidades gerais. As correspondências abordam os movimentos interiores da alma, toca-nos, seduzindo-nos, aguçando as sensibilidades. É prazeroso navegar no universo atraente das cartas, espaço que permite autoconhecimento e um saber ouvir e perceber o outro por meio da prática da escrita.

O debate historiográfico sobre as redes e os lugares de sociabilidade intelectual aponta, por um lado, para a centralidade das instituições, das instâncias de consagração e de legitimação, profissionais ou de mercado intelectual. Portanto, este capítulo tem por objetivo trabalhar cartas trocadas por Edvaldo do Ó como um lugar de sociabilidade e de circulação de ideias na qual ele atuava para o processo de implementação das escolas superiores em Campina Grande. Leva-se em consideração a necessidade de pensar as estruturas de sociabilidade produtoras de intelectuais, como as escolas, os movimentos políticos, agremiações, as universidades, lugares onde se organiza e se faz a adesão aos valores, de modo a aparecerem encarnadas em indivíduos, grupos e contextos sociais possíveis.

Consideramos, então, que as cartas analisadas não são somente fontes de pesquisa. A própria troca de correspondência é também constituidora de um espaço afetivo entre remetente e destinatário, o que, no caso de Edvaldo do Ó, foi fundamental tanto para suas relações sociais como também para tecer uma rede de interação quanto à implantação do ensino superior em Campina Grande.

A carta, enquanto fonte histórica, não é apenas um meio de comunicação entre remetente e destinatário. Para Malatian (2009), por se tratar de uma fonte introspectiva, pode-se considerar que grande parte das correspondências tem um sentido autobiográfico e possibilita ao pesquisador apreender a posição do indivíduo em relação a sua história e ao mundo, assim como o modo que ele se representa e se insere nessa escrita.

Diferentemente de outras escritas de si, como diários e autobiografias, as cartas seguem regras e têm uma estrutura padronizada, o que limita a espontaneidade na escrita do remetente. Entretanto, mesmo que possuam uma pré-estrutura, não têm compromisso literário, e objetivam tão somente testemunhar, explicar, ensinar, pedir ou mesmo denunciar, agredir, acusar (WADI; SOUZA, 2009, p. 99). Dessa forma, a carta possibilita a análise de vários aspectos relativos à vida pública e privada daquele que escreve, assim como ocultam e revelam partes de si, trazendo consigo diálogos, emoções, rupturas, silêncios e, principalmente, aspectos culturais.

Para Ecléa Bosi (1995), a lembrança é uma imagem produzida pelo ato da recordação. Para viver grandes extensões da vida, é necessário criatividade e imaginação. As lembranças ajudam a suplementar a vida, pois a realidade, com toda sua crueza e deselegância, cumpre sempre a rotina de lembrar que algumas coisas não são exatamente da forma como desejamos.

A memória presentifica uma coisa ausente, que não mais é, porém já foi. A memória pretende ser testemunha e fiadora do passado que existiu, antes de ser configurada como texto, como discurso escrito, já que nada no texto é garantia de verdade, como atividade que deve tentar cristalizar valores ou moralidades, mas um artefato onde é possível conjecturar explicações e permitir através do ato da leitura múltiplas compreensões.

As correspondências de Edvaldo do Ó e de seus amigos servem como fonte histórica para analisar práticas intelectuais baseadas na amizade e na relação entre esses intelectuais, e também para mostrar um Edvaldo voltado para os interesses campinenses, pois ele não tinha partido político, ele tinha Campina Grande como política. Servem ainda para cartografar um importante trânsito de ideias que envolviam um cotidiano marcado por relações políticas que cercavam o desenvolvimento de Campina Grande. Como bem apresenta Aleixo (2018) em sua tese de doutorado, foi de grande relevância o papel do movimento intelectual iniciado nos anos de 1950, o qual reivindicava a centralidade da universidade para o projeto de desenvolvimento

regional, com a inauguração da URNE em abril de 1966, assim como a centralidade da URNE para a operacionalização do projeto desenvolvimentista.

A análise das cartas nos fornece um panorama sobre as ideias e as atribuições dos políticos em relação à Educação de Ensino Superior em Campina Grande, nos proporcionando um diálogo entre Edvaldo do Ó, Plínio Lemos e Vital do Rêgo quanto às propostas educacionais e atuação desses sujeitos no campo da educação, contribuindo assim para a explicação da trama que estão implicados no processo de implantação e implementação do Ensino Superior em Campina Grande.

As cartas que utilizamos foram encontradas no arquivo pessoal de Edvaldo do Ó e são provenientes de sua biblioteca particular. Malatian (2009, p. 202) nos alerta que: “[...] a conservação de série inteiras por escritores, políticos, artistas e outros nos faz pensar em um ato de memória consciente e sondar sua possível interferência sobre a espontaneidade dos escritos”. As cartas trocadas por intelectuais nos revelam os grupos sociais em que esses sujeitos transitavam e nos auxiliam a pensar que suas trajetórias não estavam condicionadas apenas pelas relações estabelecidas nos espaços públicos, “[...] mas comportam aspectos da vida privada em que se manifestam com clareza no jogo astucioso de ocultar/revelar da narrativa intencionalmente construída embora nem sempre explícito em todas as letras” (MALATIAN, 2009, p.210).

Nas linhas das cartas, Edvaldo do Ó enfatizava o alcance coletivo da amizade, voltada para o exercício da sociabilidade e das relações que mantinha a sua volta para poder assim realizar seus planos e projetos para uma Campina Grande desenvolvida e “grande” aos olhos de quem está de fora. Assim, acreditamos que os arquivos pessoais não são testemunhos incontestes, mas pistas e formas de ver o mundo, já que a prática epistolar envolve um fluxo de ir-vir de intenções, esperas ansiosas, respostas que podem ser breves ou não.

As cartas encontradas no arquivo de Edvaldo do Ó nos mostram como suas relações sociais eram amplas e de cunho pessoal. Edvaldo do Ó era em conectado com empresários, professores universitários, políticos e essas relações ajudavam e contribuíam para os projetos voltados para o desenvolvimento de Campina Grande.

Para o estudo específico dos intelectuais e seus grupos, notadamente heterogêneos e polimórficos, os historiadores têm se questionado sobre as especificidades das formas de agregação e das práticas sociais internas ao meio

intelectual, que corresponderiam às demandas e lógicas próprias, específicas, que envolvem a atividade intelectual em um determinado contexto histórico e social.

Nesse sentido, Sirinnelli (2003) têm ressaltado aspectos norteadores que permitem compreender as especificidades dos meios intelectuais, especialmente: a definição de valores, afinidades, sensibilidades ideológicas, culturais e regras próprias, o papel das representações e a relação com o político, a opinião, o debate e o espaço público. Os lugares de sociabilidades, múltiplos e mutáveis ao longo do processo histórico (salões, saraus, cafés, livrarias, editoras, revistas, imprensa, instituições, associações, sociedades, congressos, conferências, as cartas, os artigos, correspondências etc.), são condição para a elaboração intelectual.

Por isso, para o estudo dos intelectuais é preciso estar atento aos lugares, aos meios e às redes de sociabilidades e a tudo que permite reconstituir o campo de possibilidades e ações, de modo a compreender os intelectuais nas suas circunstâncias de produção e atuação (GONTIJO, 2005, p. 262). É importante destacar que a carta é um texto produzido e objeto trocado entre aqueles que se correspondem (VENÂNCIO, 2004). Nesse caso, são tratados como fonte ou como objeto de estudo, principalmente quando se tem a escrita de si como referencial teórico problematizador, já que a carta é um típico documento de acesso ao mundo privado e pessoal.

É importante lembrar que ao explorar as cartas como documentos, não temos a intenção de oferecer acesso a um passado tangível, no sentido de tocar um real ou como uma narrativa pessoal que confere uma impressão maior de veracidade (VENÂNCIO, 2004), mas como textos que são construídos e que possuem sua arquitetura simbólica própria, bem como, suas regras de funcionamento e percepção.

Ao longo da pesquisa, fomos encontrando muitas correspondências no arquivo de Edvaldo do Ó, e as utilizaremos como fio condutor da análise das suas práticas principalmente no que se refere ao projeto de Universidade para Campina Grande, pois dentre os projetos de Edvaldo do Ó estava, juntamente com José Lopes de Andrade, a defesa da chamada “Cultura Interessada”, baseada na Ciência e na Técnica, como forma de promover o estudo dos problemas da região (ALEIXO, 2018).

As correspondências de Edvaldo do Ó e Plínio Lemos¹⁷ são exemplos de diálogos entre esses intelectuais nas quais se buscam interesses comuns voltados para Campina Grande, a exemplo do debate da regionalização do espaço brasileiro, iniciado na década de 1940, e que nas décadas seguintes de 1950 e 1960 se realizaria com a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste¹⁸ (SUDENE), bem como na promoção do debate em torno do desenvolvimento regional.

¹⁷ Plínio Lemos nasceu em Areia (PB) no dia 3 de abril de 1903, filho de José de Lemos Pessoa de Vasconcelos e de Francisca Pereira de Melo. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Recife em dezembro de 1928. Elegeu-se em dezembro de 1945 deputado pela Paraíba à Assembleia Nacional Constituinte na legenda da União Democrática Nacional (UDN). No pleito de outubro de 1950 obteve a primeira suplência de deputado federal por seu estado na legenda da Coligação Democrática Paraibana, formada pelo Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Libertador (PL). Ocupou uma cadeira na Câmara de junho a setembro de 1951 e desse ano a 1954 foi prefeito de Campina Grande (PB). Em outubro de 1954 elegeu-se deputado federal pela Paraíba na mesma legenda. Em outubro de 1958 voltou a candidatar-se à Câmara dos Deputados, dessa vez na legenda da Coligação Nacionalista Libertadora, formada pela UDN e o PL, obtendo novamente a primeira suplência. Deixando a Câmara em janeiro de 1959, voltou a exercer o mandato de julho desse ano a janeiro de 1960, de fevereiro a março do mesmo ano, de maio seguinte a fevereiro de 1962 e de abril a dezembro desse último ano. Em 1962 voltou a eleger-se deputado federal na legenda da UDN, assumindo o mandato em fevereiro do ano seguinte. Após o movimento político-militar de 31 de março de 1964 que depôs o presidente João Goulart (1961-1964), presidiu nos dois anos seguintes a Comissão de Fiscalização Financeira e Tomada de Contas da Câmara dos Deputados. Mais tarde, em junho de 1977, declararia ao *Jornal do Brasil* que como presidente dessa comissão tentara acabar com a política de distribuição de subvenções parlamentares a entidades fantasmas, mas sem obter êxito. Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime militar, e, em novembro de 1966, elegeu-se suplente de deputado federal nessa legenda. Deixou a Câmara em janeiro de 1967 e voltou a ocupar uma cadeira nos períodos de março a julho de 1968, de agosto desse ano a abril do ano seguinte e de novembro de 1970 a janeiro de 1971. Novamente candidato nas eleições de 1970, obteve uma suplência, mas não chegou a exercer o mandato. Voltou a concorrer a uma cadeira na Câmara dos Deputados nos pleitos de novembro de 1974, quando conseguiu ficar na primeira suplência, e no de 1978, tendo ficado na terceira suplência. Afastou-se, então, da política e voltou a exercer a função de promotor público. Relator do primeiro e do segundo planos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), foi também promotor em Patos e Cajazeiras, no interior da Paraíba, e em Ituiutabá (MG), tendo atuado ainda como secretário-redator do *Diário da Manhã*, em Belo Horizonte. Faleceu em São Paulo no dia 23 de abril de 1982 (CPDOC, 2009).

¹⁸ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), instituída pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 15 de dezembro de 1959, pela Lei nº 3.692, surgiu como decorrência de uma exigência socioeconômica, considerando que a fermentação social existente na Região Nordeste estava pondo em perigo a estabilidade política do país e, simultaneamente, gerando nas elites dirigentes uma sensação de instabilidade capaz de criar dificuldades para os grupos econômicos nacionais. Na verdade, as disparidades entre os aspectos socioeconômicos do Nordeste e as áreas mais desenvolvidas do país agravavam-se rapidamente e as tensões sociais indicavam que o Governo tenderia a perder o controle sobre a realidade nordestina, fato que levou as elites dirigentes do país a tentarem encontrar alternativas capazes de, pelo menos, acomodar os interesses sociais da Região, para que os empresários não viessem a ter problemas, face às reivindicações das classes menos favorecidas. Nas décadas de 1950/1960, na área social, as Ligas Camponesas que tiveram como um dos seus líderes o pernambucano Francisco Julião realizavam mobilizações permanentes, conscientizando as massas populares, no sentido de reivindicarem seus direitos, exigindo dos governantes do país tratamento similar ao que era dado às regiões mais desenvolvidas da Nação. A

No final da década de 1950, importantes transformações alcançariam a cidade de Campina Grande e todo o país a partir da ascensão de Juscelino Kubitschek à Presidência da República e das mudanças do contexto político e econômico, agenciando incentivos nas áreas da industrialização, urbanização e construção de estradas. Ressalta-se também o I Encontro dos Bispos do Nordeste¹⁹ e seus desdobramentos no que tange à busca de alternativas no combate ao subdesenvolvimento da região a partir da SUDENE.

A SUDENE objetivava o nivelamento socioeconômico das regiões brasileiras, coordenando a distribuição de incentivos fiscais para o crescimento do setor industrial no Nordeste brasileiro. Nesse contexto, não demorou muito para que tais empreendimentos alcançassem também Campina Grande, recebendo sua tão ansiada “dose” de modernização e desenvolvimento. Desse plano de desenvolvimento, a cidade foi favorecida material e imaterialmente, absorvendo através de uma elite intelectualizada as orientações do governo federal em relação à indústria e aos preceitos do I Encontro dos Bispos sob as novas estratégias de planejamento. Como em outras regiões do país, as primeiras indústrias tecnicamente modernas começam a aportar na Rainha da Borborema, buscando empregar boa parte da mão de obra campinense.

Em seu livro *História da Universidade Regional do Nordeste* (1994) Edvaldo do Ó deixa registrado todo o percurso que o fez lutar pelo Ensino Superior em Campina Grande, tendo contado nessa obra sua trajetória e a história da criação da FUNDACT²⁰, Escolas de Ensino Superior, a FURNE. Ele acreditava que através da

Igreja Católica, liderada pelos bispos da Região, decidiu iniciar movimentos no sentido de exigir um tratamento prioritário, do Governo Federal, para o Nordeste e, em maio de 1956, realizou uma reunião em Campina Grande (PB), lançando um manifesto destacando os principais problemas regionais, principalmente os de caráter social, indicando tratamentos especiais para minimizar os problemas regionais (SILVA FILHO, 2009).

¹⁹ O Encontro dos Bispos do Nordeste – convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com apoio pleno da Exma. Nunciatura Apostólica e realizado em Campina Grande, de 21 a 26 de maio de 1956 – foi oportunidade para que os arcebispos e bispos dessa região discutissem os principais problemas nordestinos, através de 6 temas fundamentais: a) Planejamento e investimentos b) Agricultura. Crédito Rural. Colonização. c) Serviços sociais e educativos. d) O problema da eletrificação do Nordeste e a contribuição da CHESF para sua solução. e) Programa de execução imediata. f) A Igreja em face dos problemas do Nordeste (ROCHA, 2016).

²⁰ A Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica – FUNDACT, foi criada através da Lei nº 49, de 28 de dezembro de 1957, tinha a finalidade de angariar fundos para a manutenção das escolas de ensino superior existentes na cidade. Faremos melhor discussão da participação de Edvaldo do Ó na FUNDACT no 4º Capítulo dessa tese.

educação o processo de desenvolvimento em Campina Grande alcançaria seu crescimento material e imaterial.

Nesse contexto, temos a imprensa campinense construindo para a “Rainha da Borborema” um título majestoso, ao assumir aspectos de modernidade, acentuando o ritmo na marcha pelo progresso e do desenvolvimento, que se faz presente nos livros de sua história, em suas fotografias, no imaginário de sua população, em sua arquitetura, não deixando de acenar para um “destino grandioso” ao qual a cidade espera, cidade grande “já no nome”.

Nesse debate, ressaltamos os escritos das cartas e telegramas recebidas por Edvaldo do Ó, cujo teor gerava esse debate quanto ao processo desenvolvimentista e o crescimento de Campina Grande. Em seu conteúdo percebe-se que há a troca de informações por quem escreveu e o que a outra parte respondeu.

Cartas e bilhetes são escritos com objetivos variados. Muitas vezes simplesmente para trocar informações, compartilhar afetos, sentimentos ou sensações, enviar notícias variadas, demonstrar lembrança. Outras com objetivos mais ambiciosos, como expressar opiniões políticas, buscar legitimidade em um grupo, construir uma memória para a posteridade. (WADE; SOUZA, 2009, p.100).

As cartas aqui analisadas se enquadram nessa “busca de legitimidade em um grupo”, pois Edvaldo do Ó, ao fazer parte dessa rede de sociabilidades, tinha o interesse da troca de ideias, de compartilhar angústias e projetos para o desenvolvimento de Campina Grande. Edvaldo do Ó tinha o hábito de fazer duplicata de suas cartas, algumas das quais encontramos em seu arquivo.

Mesmo que esse circuito não permita o acesso a todas as cartas enviadas por Edvaldo do Ó, as cartas-resposta ou as cartas-retorno escritas por Plínio Lemos são fontes importantes para se perceber como as ideias do seu interlocutor foram recepcionadas, o clima de sociabilidade intelectual, além de ser um importante painel do fluxo político, nos anos de 1960 a 1967, já que as missivas se dilatam nesse espaço temporal. Além de refletirem o cenário campinense, a própria escrita epistolar possui uma série de elementos que devemos considerar para pensarmos as partes em uma relação de amizade, fidelidade e princípios éticos, além do afeto, que implica as decisões políticas acerca do desenvolvimento de Campina Grande, principalmente quanto ao Ensino Superior. Sendo assim, toda correspondência tem:

Um destinatário específico com quem vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a

ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física) inclusive muito especial. (GOMES, 2004, p.19).

A escrita de cartas é uma prática relacional, além de ser um espaço de sociabilidade privilegiado, como afirma Gomes (2004), de “estreitamento (ou rompimento) de vínculos” com outros indivíduos. Assim, essas cartas são compostas por solicitações, promessas, informações sobre reuniões e decisões etc., e configuram lugares de memória, constituídos a partir do desejo, das circunstâncias vividas nas relações sociais.

Deixa-se também registrado que a forma de escrever do amigo possuía características importantes, no tocante à sua maneira de escrever, cartas diretas e objetivas, que apresentam o conteúdo de algo já discutido em outra carta. A primeira carta que tivemos acesso é datada do dia 27 de fevereiro de 1960, e traz a seguinte narrativa:

Brasília, 27 de Fevereiro de 1960

Edivaldo:

Deve estar havendo qualquer sabotagem com minha correspondência, pois que tenho respondendo todos os seus telegramas e cartas. Mas não é só V. quem reclama, outros têm procedido da mesma maneira. São coisas da distância e dos desajustamento. Depois, com o decorrer dos tempos, tudo concertará. Recebi telegrama do Mario Porto, anunciando o resultado da decisão do “Estado Maior”, da Universidade, no que tange a indicação dos professores da Faculdade. Não faz mal, depois concertaremos tudo. Parece-me que essa decisão vai influir para que o Prefeito, integre a Faculdade, cumprindo a Lei que determina a doação do patrimônio. Quando ao funcionamento do 2ºano, Mario diz que está enviando esforços em pedido de reconsideração. Os estudantes, o Prefeito e a FUNDACT poderão forçar essa decisão.

Entreguei ao João Agripino a sua carta e ele imediatamente me deu conhecimento de seu teor. O nosso Ministro tem sido de uma correção sem igual para com seu amigo. Disse-me do seu telegrama sobre o Asfora, não adiantando qual a deliberação. Tenho a impressão que vai ser difícil já que os cobres de que dispõe para as gratificações são insignificantes.

O Janio continua maravilhoso. Tudo quanto tem feito é de repercussão espetacular. Conversei com ele por duas horas. Tratou-me com tal cordialidade que fiquei espantado.

Mande jornais. Estamos sem notícias da terra.

Com um abraço do

Plínio Lemos

Temos aqui uma narrativa de como as cartas eram meios importantes para a comunicação, a troca de ideias, a relação entre as partes sobre determinados assuntos vinculados à política de Campina Grande e do país. Percebe-se que há uma pauta bem afinada dos interesses de Edvaldo do Ó e Plínio Lemos enquanto representante no Congresso Nacional. Assuntos como a Universidade são pauta certa da missiva, além das relações pessoais com quem Plínio Lemos tinha, e assim compartilhava com Edvaldo do Ó, o qual apresenta essa característica de bom ouvinte em toda sua trajetória de vida.

É importante frisar que o circuito de significação é uma das principais características de um diálogo epistolar, marcado essencialmente pelo fluxo e circulação de uma rede, que, nessa análise, refere-se a Edvaldo do Ó e Plínio Lemos, dois intelectuais, que tinham bastante reconhecimento e distinção.

O trabalho com correspondência e com correspondência privada de intelectuais vem crescendo entre os historiadores e outros estudiosos da 'história dos intelectuais', na medida em que fonte/objeto é apontada como um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um período. (GOMES, 2004, p.52).

Deve-se considerar que cada carta alimenta a vinda de outra, cada vez mais marcada pelo conteúdo apresentado e próprio da conjuntura que viviam naquele período, pois estavam em jogo questões que eram de grande importância para os planos/objetivos de Edvaldo do Ó em relação à Universidade em Campina Grande. Sua ligação com Plínio Lemos, sendo um deputado federal, estava além da amizade e respeito que tinha um pelo outro. Girava também em torno de se angariarem emendas, projetos e fundos para o movimento que o próprio Edvaldo do Ó encabeçava juntamente com José Lopes de Andrade,²¹ que reivindicava no início dos anos de 1950 a “necessidade de se trazerem as escolas superiores, para servir, não somente a Campina, como também a população de toda uma vasta zona, desprotegida, esquecida, dificultosa na sua vida e na equação de seus problemas”

²¹ Nasceu no dia 28 de julho de 1914 em Queimadas (PB). Fez o curso primário na famosa escola de Clementino Procópio, estudando depois em João Pessoa e logo após em Recife, optando pelo curso de Estudos Sociais. Foi Secretário da Prefeitura de Campina Grande, Chefe da Casa Civil do Governador José Américo de Almeida e também Ministro de Viações e Obras Públicas. Ao voltar a Campina Grande, retomou a função de Professor, sendo um dos fundadores da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande. Trabalhou também na antiga URNE (atual UEPB). Foi membro da Academia Paraibana de Letras, até a data de sua morte, em 13 de abril de 1980 no Rio de Janeiro. Publicou o livro *Introdução à Sociologia das Secas*, em 1947, aludia ao caráter político que caracterizaria o “fenômeno” das secas.

(SOUZA DO Ó, 1952, p. 5). Isso indica, por um lado, o interesse de um grupo, mas, por outro, mostra-nos suas trajetórias individuais (SIRINELLI, 1998; 2003). Com isso, esses sujeitos são membros na configuração das implementações das propostas educacionais que circulavam em Campina Grande.

Nesse sentido, o acesso a uma das partes no trânsito entre correspondências, ao contrário do que se possa conjecturar, em nada prejudica o entendimento das questões propostas pelo seu emitente, já que as respostas são indiciárias ou apontam objetivamente para perguntas ou reflexões que foram feitas pela pessoa que enviou a carta.

É bom lembrar que a carta é um espaço de intimidade. É a manifestação de uma escrita autorreferencial ou escrita de si (GOMES, 2004), o que se convencionou chamar no tempo presente de produção de si, já que as cartas são dotadas de uma individualidade. São espaços privados que guardam registros de um tempo.

As cartas recebidas por Edvaldo do Ó nos afirmam a importância da troca de correspondência, pois ela abarca uma prática de escrita que

[...] integra a produção de textos de muitos intelectuais, especialmente aqueles que vivam até meados do século XX, quando outros meios de comunicação, como o telefone, ainda não estavam disponíveis. A correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo nesses casos, um espaço revelador de suas ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas. (GOMES, 2004, p.51-52).

As cartas também são espaços de construções da imagem, já que existe um teatro confidencial onde os missivistas se utilizam da palavra para marcar seus lugares, dizerem suas preferências, mostrarem suas inquietações, sonhos, desejos, conquistas. Todo esse cuidado de si é importante, pois quando se escreve, existe preocupação em torno de qual imagem se deseja projetar.

Analisando essa rede de sociabilidade, temos uma outra carta de Plínio Lemos a Edvaldo do Ó, do dia 12 de dezembro de 1960, na qual se segue a discussão da federalização da universidade e os montantes investidos na cidade de Campina Grande, conseguidos pelo deputado. Assim nos diz a carta:

Brasília, 12 de Dezembro de 1960

Edivaldo:

Está, finalmente, votada a federalização da Universidade. O desenlace ocorreu na sexta-feira, depois de vencido o Senador Men de Sá, que

opoz tenaz resistência. Parece-me, ainda não li o projeto tal qual foi votado, que a nossa Escola, digo Faculdade, saiu com erro constitucional. Assim é que não deve ter sido criados os logares de Diretor, Secretário e encarregado da portaria. Corrigirei, caso isso tenha acontecido, em tempo útil, mediante projeto que apresentarei sem perda de tempo.

A Politécnica está com dotação de CR\$56.000.000, 00 além de CR\$12.000.000, 00 para convenio com a Fundação e mais CR\$300.000, 00 para o restaurante. Contarei depois a mágica. Passem um bonito telegrama ao João Agripino agradecendo a decidida atuação dele.

O projeto que mande destinar CR\$80.000.000, 00, sendo CR\$20.000.000, 00 de credito especial a treis parcelas de vinte em treis orçamentos consecutivos, já está votado nas Comissões de Educação, Justiça e Orçamento, faltando apenas Finanças, onde foi distribuído ao Bronzeado, para oferecer parecer. Confio em que no decorrer da convocação extraordinária teremos votado em ambas as Casas do Congresso.

A Escola de Artes, ficou com CR\$4.000.000, 00, para construção do edifício e o Lar do Garoto, com, aproximadamente, cinco milhões. A casa do Menino, com pouco mais de um milhão. Outras instituições tiveram consignações inferiores, porém, com destinações em subvenções ordinárias que são fixas.

Consta igualmente uma dotação de CR\$3.000.000, 00 para construção em regime de cooperação com a Prefeitura, de uma Escola de Iniciação Agrícola, em Lagôa Sêca, com aproveitamento das instalações do ponto Agro-Pecuario. Convem lembrar a Cabral, para tomar a iniciativa do convenio logo no início de Janeiro, para evitar que seja sacrificada como foram as que destinei em anos anteriores para Fagundes.

Diga a Salvino que a verba que me pediu para Fagundes, foi aprovada, no Ministerio da Agricultura. É de um milhão e quinhentos mil.

Por hoje é só.

Com um abraço do

Plínio Lemos

Peço-lhe, igualmente, para avisar ao Elizeu, que destinei uma verba de CR\$3.000.000, 00, para o Grupo Cariri.

Fiz ultimamente treis discursos: sobre a SUDENE, caso do Plano Diretor, com exclusão do porto de Cabedelo; remoção para Recife das instalações do Laboratorio e para Recife e Ceará, das maquinas do Grupo. Foram tais ou menos violentos, como a matéria exigia.

Essa carta foi escrita numa segunda-feira após a aprovação da Federalização da Escola Politécnica, criada em 1952 em Campina Grande. Sua consolidação e criação dariam ensejo à criação da Universidade Federal da Paraíba, em 1960, e ao campus universitário de Campina Grande, contribuindo assim para reforçar nessa cidade o imaginário de modernização e irrupção de projetos para seu desenvolvimento. Trata-se de um projeto idealizado por Edvaldo do Ó e suas relações políticas, quando este estava à frente da presidência da FUNDACT (1958-1959), na

qual presidiu um Inquérito Educacional acerca da criação de uma universidade em Campina Grande, em colaboração com o então Instituto de Pesquisas Joaquim Nabuco, em Recife, em 1959.

Nessa carta, Plínio Lemos faz todo um resumo de suas emendas parlamentares para a cidade de Campina Grande e região, de forma que podemos ver que sua relação com Edvaldo é de grande confiança, pois percebe-se na narrativa epistolar que o deputado faz um resumo de suas atividades parlamentares, uma prestação de contas, ao mesmo tempo que divide as conquistas com o amigo, usando de suas relações para enviar recados a outras partes interessadas.

Da mesma forma que Plínio Lemos dirigia suas cartas a Edvaldo do Ó, fazendo um resumo de suas atividades, o mesmo ocorria da outra parte, a exemplo dessa carta enviada em 18 de fevereiro de 1961:

Campina Grande, 18/02/61

Prezado Plínio

Sem notícias suas, nem do Ministro João Agripino estou escrevendo esta em vista das grandes novidades que têm surgido em nossa cidade.

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS: – No dia 11 do corrente recebemos um ofício do Reitor da Universidade q. autorizava o funcionamento da Faculdade, cuja cópia segue anexa e para surpresa nossa ordenava que a Prefeitura nomeasse os professores. Procurei o Prefeito Municipal e o mesmo me apresentou um Diário Oficial/ de 22 de outubro de 1960 onde constavam todas as nomeações (publicadas tendo sido nomeados mais funcionários que professores. Segue um exemplar do “Semanário”. Leia todinho e guarde para devolução em vista de serem sido editados apenas dez (10) exemplares. Essa história da Faculdade de Ciências Econômicas está sendo uma página negra da história do Ensino Superior em Campina Grande. Mande orientação sobre o assunto, pois Cabral está insistindo junto a Lopes para dar posse a todos os professores e funcionários.

ADUTORA DO BOQUEIRÃO: – Precisamos terminar o serviço da Adutora do Boqueirão, pois a água sem os filtros e a suavização está chegando para os consumidores com um péssimo sabor.

POLÍTICA: – Os jornais têm falado constantemente que o candidato a Senador, pela dissidência é Domício Gondim, sendo interessante lembrar para você um tópico de “Ronda Política” de José Souto, publicado em o “O NORTE” e transcrita no Diário da Borborema de hoje. Nêsse tópico o Souto diz que nos últimos dias de sua permanência em João Pessoa, notadamente nas saudações em Palácio, Domício já era chamado de SENADOR DOMÍCIO GONDIM. Pelas conversas de esquinas há um movimento na dissidência do PSD no sentido de queimar o nome do senador João Arruda. Em vista da

ajuda que o mesmo tem dado ao nosso Partido, acho que isto constitui uma injustiça e ele não deve ser tratado desta maneira.

É bom que você converse com o Ministro João Agripino e diga a ele que responda as cartas e telegramas. Não apenas os meus que, em última análise sei compreender as dificuldades que ele está sofrendo. Mas os amigos do Ministro não entendem assim e ficam a reclamar de mim.

Recomende-me a D. Nina. Um forte abraço do

Edvaldo do Ó

Nessa carta, Edvaldo faz todo um levantamento dos acontecimentos em Campina Grande e na Paraíba, deixando bem pontuadas as questões que permeiam a cidade: em relação à Faculdade de Ciências Econômicas, na qual Edvaldo se torna professor; a questão da adutora de Boqueirão, quanto à qualidade no abastecimento da água; e por último, as questões políticas que permeiam os meios de comunicação aos quais Plínio Lemos, estando em Brasília, não tem acesso para saber como anda as rodas de política no estado e na cidade.

A noção de sociabilidade nos auxiliou a entender as relações instituídas por esses sujeitos no meio político e cultural quanto às ações na cidade de Campina Grande. Para Gomes (2009), são nos lugares de sociabilidade intelectual – parlamento, jornais e associações – que podemos verificar a presença e atuação dos políticos, escritores, editores, professores, jornalistas em torno de projetos coletivos comuns. Sendo assim, esses sujeitos precisam ser pensados mediante sua imbricação com as questões políticas do seu tempo.

É por meio das cartas que Edvaldo e Plínio Lemos estabelecem sua relação de sociabilidade e de intervenções político-administrativas quanto aos interesses que rodeavam principalmente Campina Grande naquele dado período, momento esse em que a cidade, em meados do século XX, assim como outras cidades nordestinas, experimentava certa atmosfera de insegurança no que diz respeito ao abastecimento e à distribuição de água tratada. Não obstante, também demonstravam precariedade e, por vezes, ausência de um sistema de saneamento sanitário eficaz, o que sinaliza que a conquista de melhoramentos nesses setores da vida cotidiana figuraria como algo desejado pelas elites políticas daquele período (CABRAL FILHO, 2007; SOUZA, 2013).

No arquivo de Edvaldo do Ó, encontra-se um grande número de cartas de caráter social. Entre elas, há principalmente as mensagens de Natal e Boas Festas;

os cartões de felicitação pela passagem de seu aniversário, cartões de empresas, convites para festas e casamentos, cartões postais, avisos de falecimento, convites de missa, manifestações de pesar pela morte seu pai, Senhor Izaías. Nesse sentido:

[...] a correspondência mantém um status de narrativa pessoal, semelhante à autobiografia e aos diários, e diferente dos textos destinados à publicação, o que lhe confere uma impressão maior de veracidade. E ainda porque a correspondência, que constitui um lugar de sociabilidade privada, em oposição aos lugares de sociabilidade públicos, como as revistas, os colóquios e os manifestos, é também lugar de troca, não somente entre pessoas, mas entre comportamentos individuais e regras impostas do exterior, códigos sociais ou normas de escrita. (VENÂNCIO, 2015, p.34-35).

Assim, a exploração da correspondência social presente no arquivo pessoal de Edvaldo do Ó nos permitiu esboçar, ainda que de maneira fragmentária, a sua rede de relações pessoais, marcada e materializada pela escrita epistolar, e conhecer o lugar que ele ocupou no espaço social e enquanto intelectual.

Os lugares de sociabilidades, múltiplos e mutáveis ao longo do processo histórico (salões, saraus, cafés, livrarias, editoras, revistas, imprensa, instituições, associações, sociedades, congressos, conferências, as cartas, os artigos, correspondências etc.), são condição para a elaboração intelectual.

Por isso, para o estudo dos intelectuais é preciso estar atento aos lugares, aos meios e às redes de sociabilidades e a tudo que permite reconstituir o campo de possibilidades e ações, de modo a compreender os intelectuais nas suas circunstâncias de produção e atuação (GONTIJO, 2005, p. 262). Dentro dessa perspectiva é que se insere Edvaldo do Ó, um intelectual que se formou no interior de suas redes de sociabilidades e circunstâncias de atuação na Educação Superior de Campina Grande.

Importa considerar, conforme Sirinnelli (2003), os intelectuais como produtores de bens simbólicos, criadores e mediadores culturais, empenhados na elaboração de interpretações sobre a realidade social. Como atores do político, os intelectuais são relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e produção de debates (GOMES, 1999), como o Ensino Superior, por exemplo.

Através da análise desses documentos, podemos insinuar um posicionamento de Edvaldo do Ó quanto a sua posição social efetiva nas relações que estabelecia com os agentes sociais da época, evidenciando seu caráter de manter bons

relacionamentos assim como também seus possíveis descontentamentos, a exemplo de uma carta que ele escreveu para Vital do Rêgo²², datada em 01 de julho de 1963:

Campina Grande, 01 de Julho de 1963.

Prezado Vital do Rêgo:

Hoje, encerradas as lutas política em torno da sucessão municipal, venho, como companheiro de geração, mostrar os graves erros cometidos por você, levando o nosso governador a sofrer essa amarga derrota.

Sendo homem de luta, e não tendo até o presente momento nenhum interesse em galgar qualquer posto através da disputa de eleições, continuo ao lado dos meus amigos, principalmente do Governador do Estado, que sempre me tem prestigiado e considerado.

Nunca fui procurado por você, para tratar assuntos da política municipal, mas sentia que todas as suas decisões eram voltadas e ligadas a um fim – ser candidato a prefeito das forças que constituem o esquema de 60.

Algumas vezes, disse-lhe que conversasse sinceramente comigo sobre os seus planos, pois, em todos os momentos, sentia de alguns que frequentavam a sua casa o interesse na solução de seus problemas ligados ao Governo do Estado, e não o de vê-lo candidato a Prefeito de Campina Grande. Procurei algumas vezes, indiretamente, mostrar a falta de condições para você ser o candidato, no entanto, reconhecia na sua pessoa o líder que poderia ser o coordenador das nossas forças. Este, foi o seu primeiro erro: querer ser candidato sem ter condições.

Viajando ao Rio, a trato de assuntos da Fundação, procurei entrar também em entendimentos com alguns políticos. Estive com Plínio Lemos, sentindo que o mesmo não tinha entusiasmo para enfrentar uma luta, mostrando-me várias razões que reservo-me em mantê-las sigilosamente. Ao voltar a Campina, estive com Cabral e Álvaro Gaudêncio, no gabinete do primeiro, expondo os meus pensamentos e dizendo que tínhamos dois candidatos em vista: Plínio ou Vital, ocasião em que o Prefeito respondeu não ter você amadurecimento

²² Antônio Vital do Rego nasceu em Campina Grande (PB) no dia 21 de maio de 1935, filho de Veneziano Vital do Rego e de Vicentina Figueiredo Vital do Rego. Seu tio Argemiro de Figueiredo foi governador da Paraíba de 1935 a 1937, interventor de 1937 a 1940, constituinte em 1946, deputado federal de 1946 a 1951 e senador de 1955 a 1971. Transferindo-se para Pernambuco, ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1954 e graduou-se em ciências jurídicas e sociais em 1958. De volta a seu estado, em outubro de 1958 elegeu-se deputado estadual na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Assumindo o mandato em janeiro de 1959, tornou-se líder do governo na Assembleia e membro da Comissão de Justiça e Orçamento. Em outubro de 1962 foi eleito deputado federal pela Paraíba, dessa vez na legenda da União Democrática Nacional (UDN), assumindo sua cadeira na Câmara em fevereiro do ano seguinte, após deixar a Assembleia de seu estado. Tornou-se vice-líder da bancada da UDN em abril de 1963 e, ainda nessa legislatura, foi vice-presidente da Comissão de Redação e membro titular da Comissão de Serviço Público da Câmara dos Deputados. Ainda no ano de 1963 concorreu à prefeitura de Campina Grande, perdendo para Newton Vieira Rique. Após o Golpe Militar de 31 de março de 1964 que depôs o presidente João Goulart (1961-1964), a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se ao partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (Arena). Nessa legenda foi reeleito deputado federal pela Paraíba em novembro de 1966 (CPDOC, 2009).

para desempenhar o cargo, enquanto que a candidatura de Plínio só seria possível após serem esgotadas tôdas as fórmulas de pacificação.

Após a chegada de João Agripino e vários entendimentos com os principais líderes locais, chegávamos a uma solução: a pacificação, através da qual o Governador do Estado e todas as forças políticas que o apoiam saíam vitoriosas. Na mesma ocasião, você começou dizendo em casa, na casa dos seus amigos e depois na rua, que era contra a referida pacificação. A partir daquele instante, deixei de frequentar a sua residência, a fim de evitar uma possível solicitação no sentido de apoiar a sua eventual candidatura – a qual, não obstante minha grande estima e consideração por você que, reafirmo as manter íntegra, repito não ter condições no momento político atual para se fazer vitoriosa.

Em resumo, aquilo que considero seu erro, e que conduziu as nossas forças à perda dessa campanha, foi que:

1º) você deveria ser o líder do Gôverno em Campina Grande e não candidato;

2º) você deveria ter aceitado a pacificação na forma indicada, que significava uma vitória do Governador, das nossas forças e sua;

Terminando esta, depois de sermos levados à uma derrota por sua causa, estou pronto a continuar a luta ao seu lado e do Governador, esperando que no futuro você cometa menos erros nas suas previsões e seja menos vaidoso.

Edvaldo Souza do Ó

Nessa carta, fica claro o posicionamento político de Edvaldo do Ó em relação às decisões que o então candidato a prefeito de Campina Grande, Vital do Rêgo, seguiu. As palavras dessa carta têm muito de como Edvaldo do Ó agia com seus amigos, seja na esfera pessoal ou político-partidária. Ele demonstrava coerência, honestidade, não media esforços para ajudar, participar, mas também, quando não estava em acordo com sua linha de pensamento e lógica, retirava-se e, cordialmente, redigiu essa carta para seu amigo de caminhada, fazendo reflexão de tudo aquilo que se prestaram a fazer a Campina Grande. Como nos diz Paul Ricoeur (2007), a escrita é sempre um remédio e um veneno, pois tem a dupla capacidade de dizer, protegendo os fatos do esquecimento, mas também de substituir o esforço da memória.

De acordo com Agra do Ó (2016), esse embate político de Edvaldo do Ó com Vital do Rêgo é gerado pelo fato de que o grupo representado por Edvaldo do Ó estaria ligado ao então candidato Newton Rique, que já havia perdido eleição anteriormente para Severino Cabral, em 1959. O que tudo isso significava para Edvaldo seria o tipo de política gerada para Campina Grande e também para seus ideais quanto ao desenvolvimento e criação da Universidade. Assim:

Campina Grande surge por entre os papéis que tratam de sua história como uma cidade que experienciou o fim da década de cinquenta procurando desesperadamente um novo lugar para si, uma nova maneira de estar no mundo. [...] era descrita pelos seus letrados como uma cidade que se tornava a cada dia mais importante e próspera. (AGRA DO Ó, 2006, p.17).

Era com esse espírito de prosperidade que Edvaldo do Ó estava engajado com seus pares intelectuais, a exemplo do deputado Plínio Lemos, os quais faziam parte de uma elite intelectual campinense, formada pelos segmentos mais privilegiados economicamente da sociedade, por serem uma elite urbana, por terem em comum a vida na cidade, pois nela exerciam sua influência, além de também vivenciarem seu próprio cotidiano, discutindo projetos políticos, econômicos, sociais e educacionais para serem aplicados em Campina Grande.

Nesse sentido, Edvaldo do Ó e seus pares estão inseridos como intelectuais, contexto esse que Sirinelli (2003) e Gontijo (2005) apresentam como campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das histórias política, social e cultural. Nela, os intelectuais são definidos como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates.

Os grupos de sociabilidade derivam das experiências e das relações sociais vividas por esses indivíduos intelectuais em locais específicos, lugares e redes de sociabilidade,

Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais... a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo. (SIRINELLI, 2003, p. 38).

Em uma rede marcada pela presença de intelectuais que detêm posições, submergem questões relacionadas ao circuito de sociabilidade em que Edvaldo do Ó estava inserido, sendo uma importante condição numa rede de contatos determinada pela inserção do intelectual no mundo cultural (GOMES, 2004). Isso quer dizer que, num trânsito de correspondências entre pessoas que carregam a distinção de “intelectuais”, e nesse caso Edvaldo do Ó e Plínio Lemos se aplicam nesse contexto da intelectualidade campinense, é possível encontrar vestígios, os quais estão marcados nas cartas trocadas por esses dois amigos, evidenciando principalmente a

circulação de práticas da escrita e aquelas relacionadas ao campo das ideias, opiniões, críticas, onde o diálogo contribui para difundir essas questões.

Plínio Lemos tinha uma necessidade de trocar informações com Edvaldo do Ó, e em suas cartas as trocas de informações e de ideias nos sugerem também que as cartas são escritas de si, espaços de construções de imagem, em uma campo confidencial. Ele também encontrava em Edvaldo um amigo fiel e aliado aos planos e projetos para Campina Grande, tendo nele um veículo de acesso a informações de que não dispunha em função da distância, e porque os meios de comunicação ainda não eram eficientes e rápidos. Nesta carta, datada de 16 de setembro de 1963, temos:

Brasília, 16 de Setembro de 1963

Edvaldo:

Não tenho tido suas notícias, apesar de as haver solicitado. Estou, por isso, sem notícias de Campina e, em consequência, da Paraíba. Gostaria que V. não deixasse de, vez por outro, mandar um foguetezinho, sobre os assuntos de última hora. Aqui, nem sequer um jornal da terra há para vender. Por outro lado, os amigos, jamais me enviaram um exemplar. Escreva, pois, meu velho, logo que essa receba, dizendo o que tange a constituição do corpo auxiliar. Assim também, o que tem feito o que va e deixar em novembro.

É possível que, em breve dias, aproveitando avião da Fab, dê um pulo até aí, embora que, para rápida estada. A saudade é tremenda. Ernany, como relator da Aeronautica, vae em visita aos campos e eu irei como agregado.

Este ano Paulo Sarazate pintou o sete com a nossa Fundact e outras instituições a quem destinava dotações orçamentárias. Basta dizer que apenas nos deu Fundact – CR\$10.000.000, 00; Faculdade Serviço Social CR\$5.000.000, 00. Ginásio Agrícola Chateaubrind – CR\$10.000.000, 00; Escola técnica Industrial CR\$ 3.000.000, 00 Cadeira de eletricidade da Politécnica CR\$ 20.000.000, 00, Restaurante da Politécnica CR\$ 4.000.000, 00 e restaurante da Faculdade de Ciencias Economicas CR\$2.000.000, 00. Para um parque infantil CR\$1.000.000, 00, e, finalmente, para Seminario Menor CR\$ 3.000.000, 00 e CR\$ 1.600.000 para serviço radiofônico da Diocese. Peço-lhe para avisar ao bispo.

Tenho promessa de reparo quando voltar do Senado.

Com abraços do

Plínio Lemos

O incentivo e a confiança demonstram que o diálogo epistolar entre intelectuais é marcado pelo atravessamento de questões que contribuem para marcar ainda mais sua relação de amizade e lealdade na troca de ideias, sonhos e projetos. Nessa última carta, temos um bom exemplo de como a troca de informações era importante

termômetro para Plínio Lemos conduzir seu mandato, tendo na pessoa de Edvaldo do Ó um amigo fiel, bom ouvinte e bom conhecedor das tramas políticas que ocorriam em Campina Grande e na Paraíba.

Nessa carta Plínio Lemos faz uma lista das dotações orçamentárias garantidas para a FUNDACT e outras instituições, deixando ao cargo de Edvaldo avisar aos interessados de tais emendas parlamentares. Edvaldo do Ó mais uma vez aparece como esse indivíduo articulador com as instituições de ensino na cidade de Campina Grande. Dessa maneira, é nessas relações intelectuais que a correspondência se torna uma forma de manter contato, de posicionar ideias, de fazer circular novidades, interesses e de fazer-se presente com relação ao outro.

As distâncias diminuem quando a vontade é de estar junto, é particular, assim fala Plínio Lemos, na sua ânsia de estar com os seus em Campina Grande, e Edvaldo do Ó, como seu amigo, se insere nessa vontade, para conversar pessoalmente, trocar ideias, almejar o futuro da Rainha da Borborema.

As correspondências entre intelectuais e amigos apontam para questões que dizem respeito à escrita como importante meio por meio do qual se cruzam diferentes (re)invenções do sujeito moderno, pois,

[...] um intelectual nada mais é do que um longo trabalho de invenção de sua imagem, daqueles que circulam em seu entorno, da defesa de suas ideias e da construção de um emaranhado de memórias que passam a ser socializadas como verdades no decorrer do tempo. Isto leva a crer que o processo de intelectualidade, para além das suas naturalizações, são práticas montadas, inventadas, adestradas, ao sabor dos desejos, convenções, necessidades. Elas são porosas e absorvem ideias, atualizações, vaidades. (BRANDIM, 2012, p.241).

Aqui entendemos os intelectuais como sujeitos que atuam em um campo de autonomia relativa, e investimos sobre eles esforço interpretativo nos processos de constituição de seus grupos e espaços de atuação, nas redes organizacionais em que se movem e atuam e, por fim, na constituição de projetos políticos.

Neste sentido, buscamos percorrer a trajetória desse indivíduo por meio das ações empreendidas no espaço público campinense, ou seja, não apenas nos aspectos de sua formação, mas nas ligações estabelecidas, nos projetos empreendidos, nas obras realizadas e nos repertórios comuns. Para isso, compreendemos esses espaços como lugares de sociabilidade, ou seja,

Lugares de articulação de pessoas e ideias que precisam de suportes materiais e simbólicos para fazer circular seus projetos, sem o que eles perdem significado. Os ganhos, portanto, são de ordem não

instrumental, estando fora da lógica dos cálculos de custos e benefícios materiais, e inserindo-se no universo das paixões, crenças e vaidades intelectuais [...]. (GOMES, 1999, p. 57-58).

Desse modo, ressalto que as cartas são escritas de si, são espaços de construções da imagem. São fluxos de visibilidade de diálogos entre amigos, e que existe um regime de experiências, expectativas, desejos, que se conectam e mostram que um época somente é visível por aquilo que se torna enunciável através da linguagem.

As cartas marcam esses lugares, as preferências, mostram as inquietações, sonhos e desejos. Elas territorializam afinidades marcadas por pessoas que se utilizavam desse suporte para dizerem seus territórios de afinidade e cumplicidade, como também de não aceitação aos projetos em que acreditavam.

Assim, Edvaldo do Ó, ao guardar as cartas trabalhadas neste capítulo e outras que por ora não foram usadas, implica a questão da memória, do esquecer, do lembrar. Ao me encontrar com esses artefatos, vêm os questionamentos que me conduzem às tramas desta tese, que me levam a discernir que o que está em jogo é um grande e tumultuado jogo de fabricação de si, pois a trajetória de um intelectual é marcada pela forma como procura se distinguir dos outros e como produz uma rede implicada de desejos, necessidades e vontades. E Edvaldo do Ó fez de sua biblioteca, de suas caixas, de seu escritório, da sua casa um grande acervo de sua passagem no campo intelectual campinense.

4 Templos da Ciência, da Memória e da história campinense: a união universitária e o reitorado

[...] fontes primárias, documentos, papéis, cartas, bilhetes e fotografias é capaz de revelar parcelas desconhecidos ou até então invisíveis da história e do mundo social vivenciado tanto por homens e mulheres “comuns” quanto por personagens de maior revelo na história. (SILVA, 2011, p.01).

A História é feita de acontecimentos narrados que são materializados pela escrita, pois ela, como advertiu Paul Veyne, não é aquilo que se passou, e sim, uma produção discursiva. O registro histórico é um discurso da presença do faltante, uma forma de túmulo que exorciza aquele que não existe mais.

Neste capítulo, utilizamo-nos do arquivo pessoal do Edvaldo do Ó para assim construirmos sua trajetória como intelectual campinense engajado nas causas socioeducacionais de sua cidade, e assim o desejo da cidade e do grupo no qual nosso personagem participava se confundem. Por isso, o próprio Edvaldo do Ó e seu biógrafo, Itan Pereira Silva, nos apresentam um discurso textual que nos faz pensar e interpretar sua produção discursiva.

Reforço aqui: mas de qual intelectual e a qual escrita estamos nos referindo? Com certeza não é de todo intelectual e nem de qualquer escrita. Analisamos textos próprios da época do nosso personagem, discursos e narrativas que no exercício da escrita biográfica usamos para remontar uma época, uma trajetória, um itinerário. Para essa análise, usamos Sirinelli (2009), que nos fala sobre a questão e o conceito de intelectual como complexos e indeterminados para defini-los com precisão.

Nesse sentido, o termo cabe para aqueles que fazem do seu ofício uma vontade de imprimir sentidos para as palavras, já que ajudam a forjá-las e as transmitem utilizando para isso de várias estratégias discursivas. Em outros termos, vemos Edvaldo do Ó como um intelectual que se utiliza da palavra nos espaços que ocupa para assim construir um mundo de sentidos, já que o mundo das palavras cria o mundo das coisas (FOUCAULT, 1999).

[...] a atenção de muitos historiadores voltou-se para os arquivos privados, os quais passaram a procurar não apenas rastros das ações e ideias de seus personagens, mas também a forma pela qual eles constituíram a si mesmos, à medida que selecionavam e guardavam seus documentos e, assim, propunham um sentido para suas vidas. (GOMES; SCHIMIDT, 2009, p.07).

Nessa esteira, identificamos Edvaldo do Ó como um indivíduo que emerge nos arquivos não para a compreensão do social, mas sim de questões ligadas à “invenção de si”. Daí a importância dos acervos pessoais como elementos para a compreensão da “superfície social” em que age o indivíduo numa multiplicidade de campos, a cada momento. Dito isso, cabe ainda ressaltar a proposição de Paul Ricoeur (1997), para quem a história de vida de indivíduo não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta de si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas.

Será por essa história narrada pelo próprio Edvaldo do Ó que conduziremos este capítulo, fazendo a interlocução do próprio Edvaldo do Ó enquanto intelectual que acreditava na Ciência como forma de angariar desenvolvimento e tecnologia para Campina Grande. Esse itinerário foi marcado por uma rede de discursos e dispositivos que envolvem desde o contexto nacional até o local, que a cidade de Campina Grande teria desenvolvimento e progresso, dentre eles: a União Universitária Campinense, a Escola Politécnica, a FUNDACT e a FURNE, legitimando-o como intelectual.

Nesse percurso, Edvaldo do Ó se fez presente com posicionamentos, diálogos e se comprometendo com a educação campinense no que tange ao nível superior.

No livro *História da Universidade Regional do Nordeste*, escrito por Edvaldo de Souza do Ó e publicado em 1994, após sua morte, os organizadores José Luiz Júnior e Marcos Cartaxo apresentam as narrativas do nosso sujeito sobre os episódios vividos por ele que deram origem às primeiras escolas superiores e que culminaram com a criação da Universidade e com a transformação do hoje polo educacional que a cidade vive. Foi na sensibilidade de sua ida para Recife (PE) ainda menino que, ao ficar adulto, percebeu que nem todos os campinenses tinham o mesmo privilégio que ele teve de ir estudar fora de sua cidade natal.

Foi neste momento que comecei a sentir que não eram todos os meus amigos que tinham condições de estudar no Recife: era a elite empresarial de Campina, eram os filhos do João Rique, dos Severino Cabral, dos Portos e outros que não recordo; não éramos ao todo mais de vinte estudantes de Campina Grande em Recife, e passei a observar que a cidade já contava com dois ou três colégios, cujos alunos, ao terminar o seu curso, teriam que passar a cursar a faculdade em Pernambuco. Como estudante, me uni com aqueles do Recife, e a debater com os nossos campinenses que iriam terminar os cursos superiores também. Senti que não tínhamos a menor condição, porque, em sua grande maioria, os filhos das famílias campinenses não dispunham de meios de continuar os estudos superiores. Eu sentia o quanto era difícil até para o estudante de Campina Grande passar no vestibular do Recife, em uma das faculdades ligadas às

Ciências Humanas e frequentar somente uma vez por mês a escola, para fazer os trabalhos escolares para saber o aproveitamento dos alunos e, no fim do ano, fazer a prova escrita. Com essa minha preocupação com o social, como aumentar o número da elite campinense, ao ter ciência de que Campina era uma das grandes cidades do comércio nordestino, liderando a comercialização sisal, do algodão e de outros produtos? Campina precisava ter, igualmente, uma elite cultural. (SOUZA DO Ó, 1994, p.18).

A narrativa de Edvaldo do Ó explica seu lugar de pertencimento enquanto indivíduo preocupado com as questões de sua terra natal, e também como elite cultural. É nesse engajamento social que se torna um grande mediador intelectual nas questões educacionais na cidade de Campina Grande.

Em vista desse contexto, destaco outros personagens do cenário campinense que vão se juntar com Edvaldo do Ó, quais sejam: Félix Araújo, Raimundo Asfora, Fernando Cunha Lima, os quais, juntamente com ele, faziam parte da União Secundarista, e que também exerceram uma participação ativa para que Edvaldo chegasse a se tornar Presidente da União dos Estudantes do Comércio do Estado de Pernambuco, e neste local, Edvaldo do Ó começou a reunir colegas de Campina Grande para que pudessem estudar e conversar, tornando um ambiente de estudos e de discussão sobre as coisas de Campina Grande.

Alguns desses amigos de Edvaldo do Ó já tinham uma experiência em movimento estudantil, como é o caso de Félix Araújo e Raimundo Asfora, como bem narra Santana (2020) em sua tese, na qual trabalha com a atuação do Centro Estudantil como um espaço de formação intelectual e política da juventude, e que desenvolveu lutas em favor dos estudantes e poder de influência junto à sociedade campinense. Com essa experiência, os amigos de Edvaldo do Ó se junta a ele para idealizar uma associação que fosse um local de estudos e de discussão sobre os interesses educacionais de Campina Grande.

Dentro da narrativa de Edvaldo do Ó, podemos analisar uma preocupação quanto à formação intelectual de um grupo que ele mesmo nomeia de “elite campinense”, filhos do comércio vigente da cidade, na qual ele se enquadrava e que, mesmo assim, sentia a necessidade que seus pares também fosse contemplados. Na sua indagação quanto ao projeto de cidade intelectual, Edvaldo almejava uma urbe que não só teria comerciantes e seus herdeiros, mas sim que todos desfrutassem de uma cidade bem equipada, e que seus habitantes, por extensão, fossem reflexos das práticas da cidade.

Com essa ideia, Edvaldo do Ó toma para si a responsabilidade de tornar a cidade de Campina Grande um lugar de cultura. Nessa esteira, nosso personagem vê a necessidade de criar uma forma de organização via educacional que atendesse às premências sociais. E com isso, imagina o desenvolvimento para esses filhos de uma associação entre cidade e cultura, que nasce da necessidade de ensinar a alguns dos cidadãos uma série de ofícios especializados, e de adestrar outros na prática administrativa. Com isso, a cidade se torna também o “lugar do ensino”, e mais tarde, o lugar das academias e das universidades.

Para isso, a cidade de Campina Grande passa a produzir uma representação de si mesma, de acordo com Edvaldo do Ó e com aqueles que com ele geraram o plano de a tornar desenvolvida, “grande”. Nesse sentido, Barros (2012, p. 93) nos diz: “quando o plano original da cidade é concebido por um homem ou grupo de específico – parece ficar mais claro que estes trazem para o traçado urbano a sua própria visão de mundo e o universo cultural no qual se acham mergulhados”.

Nessa coletividade ou individualidade de Edvaldo do Ó percebemos a construção da cidade ou de sua remodelação a partir das idealizações que emergiam no grupo em que Edvaldo do Ó participava e liderava quanto aos rumos da cidade de Campina Grande, enquanto polo comercial que era para, nas pretensões desse grupo, se tornar também um polo educacional de Ensino Superior. Quanto a isso, Edvaldo do Ó (1994, p. 21) ainda diz:

[...] Começamos a fazer com que a cidade passasse a saber o que era o ensino superior a não ser uma reivindicação daquela elite, porém uma exigência da classe média, que não podia levar os seus filhos aos centros fora de Campina Grande, porque o custo era alto.

Na esteira dessa discussão, temos o delineamento do movimento encabeçado por Edvaldo do Ó, que no debate desenvolvimentista perpassa a União Universitária

Campinense, institucionalizada em 1952, adensando a demanda acerca da criação das primeiras Escolas de Ensino Superior na cidade. Como bem ressalta Alcântara (2018), esse debate na cidade não se faz isolado, pois tão logo no início da década de 1980, no estado da Paraíba, ele já acontecia, vindo a se amplificar na medida em que o chamado “soerguimento cultural” do estado é levado na gestão de José Américo de Almeida, quando era governador, no período de 1951-1956, e sob seu comando institui as primeiras Instituições de Ensino Superior na capital paraibana, João Pessoa.

As memórias escritas por Edvaldo do Ó fazem parecer que ele isoladamente entra nesse desbravamento, mas não foi bem assim. Esse movimento por ora fora

encabeçado por Edvaldo do Ó, mas também tinha outros personagens importantes que, juntamente com ele, reivindicavam as escolas superiores, dentre os quais podemos destacar: José Lopes Andrade, Raimundo Asfora, Aníbal Porto, Willian Tejo, Newton Figueiredo, Álvaro Gaudêncio, Aldino Gaudêncio, Amir Gaudêncio, Ivandro Cunha Lima, Antônio Carlos Escorel e Evaldo Cruz, que nesse período eram estudantes universitários e comungavam com a ideia de incluir a cidade quanto à criação de escolas de nível superior nos planos da administração estadual.

Outros personagens que também se uniram nesse mesmo ideal foram o prefeito da cidade, Plínio Lemos, a Diocese de Campina Grande, por meio do Bispo D. Anselmo Pieitrulla, o Professor Milton Paiva, Durmeval Trigueiro, e os Padres José Bonifácio e Francisco Maia. Outros exemplos de intelectuais e políticos que compuseram essa rede foram o Professor José Lopes de Andrade, que na ocasião era Chefe da Casa Civil do governador José Américo de Almeida, assim como o deputado Severino Cabral.

Com isso, podemos observar as redes que envolvem Edvaldo do Ó como ferramentas de explicação para entender a dinâmica do seu campo intelectual, por meio de amizades, disputas, vínculos, tomadas de posição. Nessa trajetória, podemos compreender como se davam as reelaborações e também as tramas passadas nessa trajetória (CHARTIER, 2002). Nesse sentido, Sirinelli (2003, p. 247) nos orienta: “Ora, as trajetórias pedem naturalmente esclarecimento e balizamento, mas também e sobretudo interpretação. O estudo dos itinerários só pode ser um instrumento de investigação histórica se pagar esse preço”.

Tomamos as reflexões de Sirinelli (2003) para pensar o lugar que Edvaldo do Ó ocupou como intelectual, como ator político, a partir da produção e mediação cultural que exerceu, mas também de seu engajamento e das redes de sociabilidade que garantiram seu trânsito nesse campo.

Edvaldo do Ó foi um homem que, em seu tempo, mobilizou o capital cultural e social que possuía na construção de um espaço próprio no campo educacional campinense como intelectual. Suas ações revelam o movimento de uma elite que buscava emancipação pela educação e, por diferentes caminhos, ocupava espaços sociais. Edvaldo do Ó ocupou espaços políticos ou de gestão junto ao governo municipal, lugar que muito lhe deu espaço para assegurar sua posição na cena política e no campo intelectual.

Tal como nos coloca Levy (2006), através da biografia pode-se comprovar a existência de contradições nos sistemas normativos, tornando exequível a ação desses sujeitos. Não utilizamos a biografia nesse trabalho como uma abordagem metodológica que pretenda alcançar a totalidade de uma vida, mas como o estudo de uma trajetória, que pode ter uma ênfase maior ou menor em determinada área da vida

de um sujeito, a partir da problemática da pesquisa. Esse estudo permite a oportunidade de perceber como cada sujeito vive ligado a redes de interdependência que colocam em relação indivíduo e sociedade na configuração social (ELIAS, 1994).

O engajamento de Edvaldo do Ó em um grupo político que visava contribuir com os rumos da educação campinense, tendo a União Universitária como porta de entrada, configura a ocupação de um lugar em um espaço que, segundo Sirinelli (1998), se constitui como polo de fermentação cultural e agregação em torno dos quais se compartilham políticas, ideológicas e/ou culturais.

Mesmo estudante em Recife, sua ação se voltava para Campina Grande [...]. A sua tendência para o horizonte da Universidade que iria ser a sua primeira experiência profissional no campo do magistério e o motivo do maior empreendimento da sua vida, já começa com as escaramuças de estudante. Como líder estudantil – e a liderança foi uma das tônicas de sua trajetória – foi o principal fundador da União Universitária Campinense, em 1952, no seio de uma fantástica geração de lideranças estudantis da época, como entre outros, Félix Araújo, Raimundo Asfora e Fernando Cunha Lima. (SILVA, 1999, p. 46).

Esse compartilhamento de um projeto político justifica, por exemplo, a sua efetiva participação na criação da União Universitária Campinense em maio de 1952, que nas palavras do próprio Edvaldo do Ó (1994, p. 23): “[...] tinha por objetivo tomar as primeiras providências para a instituição do ensino superior”. A sua presença na efetivação da União Universitária Campinense confirma sua inserção no meio intelectual campinense. A ênfase de sua formação acadêmica no estado vizinho confirma que, mesmo estudando fora de sua cidade, Edvaldo do Ó sempre se preocupava com as demandas elitistas de Campina Grande.

Edvaldo do Ó em sua formação tinha erudição, cultura e domínio das ciências políticas, econômicas e educacionais, que são referências singulares para a elite cultural e intelectual brasileira, as quais foram estratégias mobilizadas para garantir sua entrada no campo e seu reconhecimento pela sociedade.

Na década de 50, a Paraíba despertou para a necessidade de criação de escolas de nível superior. Até então, todo estudante, quer de Campina Grande, quer de João Pessoa ou do restante do Estado para

fazer um curso superior, tinha que se deslocar para Recife, em Pernambuco, ou menor escala para Salvador, na Bahia ou Fortaleza, no Ceará. Os demais Estados nordestinos não possuíam instituições da estirpe. Logo após assumir o Governo do Estado da Paraíba, o Ministro José Américo de Almeida tomou imediatas medidas para a criação das primeiras escolas de nível superior em João Pessoa. Mas a nossa grande Campina, como sempre, ficou de fora. Como estudante de Economia da Universidade Católica de Pernambuco, senti a necessidade de incluir minha cidade nos planos da administração estadual e, juntamente com outros universitários [...]. (SOUZA DO Ó, 1994, p. 23).

A conquista desse lugar na cena pública revela um poder social que Edvaldo do Ó, como membro dessa elite, conquistou e foi sendo consolidado através desse projeto em que ele se lançou como ator, num palco no qual se movimenta em torno da disseminação de suas ideias, de seus projetos e posicionamentos políticos que caracterizavam uma rede de sociabilidade que se constrói em torno de afetos e visões de mundo. De acordo com Gomes (1999, p. 20):

[...] se os espaços de sociabilidade são “geográficos”, são também “afetivos”, neles se podendo e devendo não só captar vínculos de amizade/cumplicidade e competição/hostilidade, como igualmente a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por eventos, personagens e grupos especiais. Trata-se de pensar em uma espécie de “ecossistema”, onde amores ódios, projetos, ideias e ilusões se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional.

Nessa relação, Edvaldo do Ó foi construindo seu lugar de intelectual campinense, começando à frente da União Universitária Campinense como presidente, ganhando notoriedade na sociedade campinense, que já era um espaço seu como “natural” por sua origem familiar, mas ele decidiu se enredar por outros espaços para além do comercial que havia herdado da família. Edvaldo do Ó foi para a política por meio da materialização do desejo de transcender seus ideais para Campina Grande, e assim assumiria a missão de porta-voz da população para a qual ele doa os frutos das causas que defendia. Assim como nos diz Silva (1999, p. 49): “[...] o líder Edvaldo do Ó tinha a visão do futuro e sua ação esteve sempre voltada para o horizonte do amanhã”.

Dessa forma, o significado de intelectual subsumido ao estudo compartilha, em parte, da posição de Gelbecke (2011, p. 3): “[...] julgamos como intelectuais aqueles personagens que se engajaram nas questões sociais e políticas, personagens que assumiram a missão de porta-vozes da população e que se doaram as causas que defendiam”.

Com isso, Edvaldo do Ó pode ser qualificado como intelectual que assumiu uma identidade definida como grupo social, não apenas pela sua trajetória de formação acadêmica, mas, sobretudo, pelo engajamento nas questões públicas. Esse tipo de intelectual se envolve com as paixões da cidade, vindo a defender a centralidade da questão educativa no projeto da modernidade e desenvolvimento de Campina Grande.

Diferente de outros intelectuais que encontraram na imprensa um veículo de propagação de suas ideias, Edvaldo do Ó estribou-se no engajamento político, através da gestão pública, da liderança de movimentos, de sua atuação como professor, para gerar dessa maneira uma sociedade racional, moderna, mais justa, e não através do julgamento do problema político, mas por meio das redes que gerenciavam a política campinense até as instâncias estadual e federal, como algo a ser resolvido por seus representantes e dirigentes. Logo, esse intelectual aderiu à causa educacional para ser um veículo de propagação de suas ideias.

E é nesse engajamento político que Edvaldo do Ó se coloca ao assumir a presidência da União Universitária Campinense, o que se tornou, segundo seu biógrafo Silva (1999, p. 46-47), “o primeiro grande desafio da sua vida e para o qual contou com o decisivo apoio do padre Severino Mariano, vigário de Campina Grande naquela época”.

Edvaldo do Ó se apresenta nesse cenário como um sujeito “neutro”, que é capaz de dialogar com os agentes políticos que ora estivessem no poder, fazendo alianças, pactos, não importa... o que interessava era ele conseguir atingir seu objetivo. E no momento em que ocupava a presidência da União Universitária Campinense surgiu seu primeiro desafio a enfrentar: uma audiência que obteve com o governador José Américo de Almeida, algo que, nesse enredo de ordem política, pôs em prova o poder de discurso de Edvaldo do Ó para esse encontro.

O grupo que participava da direção da União Universitária Campinense era ligado ao grupo político de Argemiro Figueiredo²³, que por sua vez fazia oposição ao governador José Américo Almeida²⁴. Mas Edvaldo do Ó assumiu o compromisso e foi

²³ Argemiro Figueiredo – Nascido em Campina Grande (PB), foi governador da Paraíba (1935-1940), deputado federal por duas vezes (1946-1950 e 1950-1954) e deputado estadual (1930-1934) e Senador (1955-1962 e 1963 -1970).

²⁴ José Américo Almeida – Nascido em Areia – PB, Entre 1930 e 1934, no governo de Getúlio Vargas, foi nomeado Ministro da Viação e Obras Públicas. Em 1935 foi nomeado Ministro do Tribunal de Contas da União. Em 1945 foi Senador.

sozinho, em sua ida com educação, diplomacia e argumentação conseguiu sensibilizar o governador, que na ocasião prometeu todo o apoio ao empreendimento de criação de uma Escola Superior em Campina Grande, levando posteriormente ao surgimento da Escola Politécnica (LIMA, 2010; SOUZA DO Ó, [1991]). O principal motivo da visita de Edvaldo do Ó como presidente da União Universitária Campinense foi a campanha promovida pela entidade no sentido da criação de escolas superiores em Campina Grande.

Na esteira do projeto de Ensino Superior Brasileiro, Edvaldo do Ó estabeleceu a União Universitária Campinense como um verdadeiro órgão criado para congregar todos os universitários residentes em Campina Grande, havendo estudantes espalhados em universidades na cidade do Recife (PE), Fortaleza (CE) e Salvador (BA). Em sua gestão, a primeira iniciativa da União Universitária fora a campanha para a criação de Escolas Superiores na cidade de Campina Grande (PB).

Ao se analisarem as narrativas de Edvaldo do Ó em seu livro *Politécnica – Primeira Escola Superior de Campina Grande* ([1991]), entendemos que a memória deve ser concebida como algo seletivo e dinâmico em que, através de sua narrativa, nosso autor buscava enfatizar fatos que consideram importantes a serem registrados, ao mesmo tempo em que evitava determinados temas (LE GOFF, 1992).

Falar sobre a vida pública de Edvaldo do Ó e sua relação com todo o projeto de Escolas Superiores em Campina Grande também remete a sua participação na construção da Escola Politécnica. Quanto a isso, ele deixou suas impressões em relação ao momento do qual fez parte do movimento e que foi o núcleo de formação da vida universitária campinense, entende-o como:

[...] a União Universitária, que Campina Grande, pela sua projeção social e econômica, com profundas repercussões no resto do país, tinha direito, já naquela época, de realizar uma campanha de promoção das suas elites dirigentes, através da criação de escolas universitárias, destinadas à formação profissional e aprimoramento intelectual de sua juventude, com o aprimoramento das vocações que mais se destacassem para o exercício das profissões liberais. (SOUZA DO Ó, [1991], p. 13).

É possível perceber nas leituras de trabalhos que abordam determinados momentos da história de Campina Grande que os letrados dessa cidade expressavam a pretensão de nomeá-la como “grande”, a começar pelo próprio nome (TORRES, 2010; MONTENEGRO, 2018). Todavia, no começo dos anos 1950, podemos perceber mais uma vez que a reafirmação dos discursos progressistas referentes à cidade de

Campina Grande figuravam-na como o município mais desenvolvido do estado da Paraíba, destacando-se na importância econômica do cenário regional (LIMA, 1996; 2004).

Todavia, por meio da leitura dos jornais publicados em Campina Grande, percebemos que é a partir da chegada dessas instituições e indústrias na cidade, nos anos 1950, que ela ganha um novo lugar de representação, tanto em discursos da mídia impressa quanto na dos letrados (SOUZA, 2016). Nesse sentido, Chartier (1990, p. 19) entende que isso se dá por conta das “[...] representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente descrevem a sociedade tal como pensavam que ela é, ou gostaria que fosse”.

Tais discursos que estavam sendo publicados por letrados nos jornais locais, não eram uma aspiração de toda sociedade, mas sim, de uma elite letrada que fazia parte da burguesia campinense e que se beneficiava em divulgar a imagem de Campina Grande como uma cidade que estava se industrializando.

Devemos levar em consideração que esses grupos privilegiados procuravam passar uma ideia homogênea de satisfação e da importância para os campinenses e paraibanos tanto do estabelecimento de indústrias quanto da implantação de Escolas Superiores na cidade, havendo uma tentativa de impor discursos em defesa de interesses políticos e econômicos, e para isso ressaltavam os seus valores e a visão de mundo que perpassam as suas posições de privilégios perante outros grupos sociais.

Justamente é nesse contexto que está inserido Edvaldo do Ó e sua rede de amigos, que lutavam pela continuidade da elite intelectual a que pertenciam, como formula ainda Chartier (1990, p. 17):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Para chegar à realização da implantação da Escola Superior em Campina Grande, houve muitos embates e empenho de pessoas arregimentadas por Edvaldo do Ó para fomentar a justificativa a ser levada ao governador José Américo de Almeida. Dentre eles houve um interlocutor muito importante nesse diálogo, José

Lopes de Andrade, que na ocasião era Chefe da Casa Civil do Estado e pessoa muito próxima de Edvaldo do Ó.

Há que ser citado também Osmário Lacet, radialista da Rádio Borborema, único veículo de imprensa falada na cidade, que usou a “A Crônica do Dia”, que era lida sempre às 12h. No dia 18 de agosto de 1952, divulga o seguinte artigo, pelo microfone daquela emissora:

Somos uma comuna eminentemente politizada. Nosso povo manifesta suas tendências, sempre, em praça pública. Não somente pelos arroubos festivos dos comícios e das manifestações em massa, como também, em trabalho efetivo que se traduz no auxílio de cada um a quantas campanhas se iniciem, a quantas ideias se aventem, a quantas obras se propunham realizar.

Cremos que essa manifestação coletiva vem do fato original que dispomos, da iniciativa privada que tudo faz, que levantou o que hoje temos orgulho de apresentar como a maior cidade de hinterland nordestino. Por que vem daí o fato de encarar a iniciativa privada como coisa normal, pouco esperando dos governos, a contumaz assistência de todos na solução de quaisquer problemas que se levantem, quer para eleger um dirigente administrativo, quer para demonstrar agrado político por esse ou aquele elemento, quer para erigir monumentos, como o são as indústrias locais, os colégios particulares e mesmo um clube de futebol com o renome e prestígio do Treze.

Tomo sentido excepcional, por isto mesmo, a reunião que será hoje à noite, para estudo da campanha para fundação dos cursos superiores nesta cidade, não será uma assembleia sem significação, mostrará a índole da nossa gene, que, como se disse, sabe querer, e quer com vontade de trabalhar.

Teremos ali, a manifestação da vontade campinense, do homem das ruas, comum e sem parcela de poder governamental; teremos o professor e o universitário; o administrador da coisa pública e o jornalista; ginasiano, que aqui, além disto é também bom cidadão e quer na casa e suas faculdades; teremos, enfim, a manifestação da cidade no que ela possui, e temos fé de que dessa conjugação de esforços, dessa amálgama de interesses, nascerá o caminho certo capaz de trazer as escolas superiores, para servir, não somente a Campina, como também a população de toda uma vasta zona, desprotegida, esquecida, dificultosa na sua vida e na equação de seus problemas mais mesquinhos, por isto quase todos eles no Nordeste ainda estão de pé, aguardando a concretização, na prática, dos falatórios que posudos medalhões já fizeram, debatendo as suas necessidades.

Principalmente temos fé de que alguma coisa surgirá dessa reunião, porque será feita pelos campinenses. E nunca o campinense encetou alguma coisa para não levar a cabo, mesmo sacrificadamente. A fundação desses cursos será mais uma afirmação dessa verdade, já sobejamente conhecida, provada e cujos frutos temos em cento e setenta e tantos habitantes, quase mil prédios e milhões de arrecadação para o erário público. (SOUZA DO Ó, [1991], p. 17-18).

A partir dessa crônica, que fora apresentada na Rádio Borborema, uma reunião é organizada pela Associação dos Professores Secundários de Campina Grande, a União Universitária Campinense e o Centro Estudantil Campinense, cuja finalidade era dar início a Campanha Pró-Fundação de Escolas Superiores, que foi realizada no dia 22 de Agosto de 1952 às 20h no Campinense Clube. Nessa reunião participaram o Professor Durmeval Trigueiro, o Professor Milton Paiva, o Professor Severino Loureiro e Edvaldo do Ó, além de todos os diretores de colégios de Campina Grande.

Essa reunião demonstra como setores da educação campinense se engajaram na causa e na luta em busca de trazer para Campina Grande a Escola Superior. Nesse contexto, percebemos como se deu toda a rede de sociabilidade que Edvaldo do Ó possuía através do lugar que ocupava como presidente da União Universitária Campinense, e assim ele foi tecendo, costurando seus pares para um ideal em comum, e nesse caminhar/percurso Edvaldo do Ó teve ao seu lado um grande amigo, José Lopes de Andrade, sociólogo e professor campinense, que na ocasião veio da capital a Campina Grande, representando o governador, com a proposta de criação de uma Escola de Química.

Segundo Lopes ([1990]), a proposta de José Américo de Almeida de criar uma Escola de Química, ideia que não tinha o apoio do grupo de engenheiros que faziam parte da equipe do Laboratório de Produção Mineral (LPM), pode ter sido respaldada pela existência, na cidade, de um bem aparelhado pelo LPM, servido por pessoal técnico de boa qualidade.

José Lopes de Andrade foi então procurado para uma reunião com representantes legais liderados por Edvaldo do Ó: Prof. Milton Paiva, Antônio da Silva Moraes, José Marques de Almeida Jr., Austro de França Costa, Guisepe Gióia – técnicos, e generais José Oliveira Leite e Vinicius Vinícius Londres da Nóbrega, ambos de João Pessoa. A pauta da reunião foi exatamente a possibilidade de criação, pelo governo do Estado, de uma escola de nível superior em Campina Grande (LOPES, [1990]). Nessa reunião, a proposta oferecida pelo professor Lopes de Andrade fora recusada, levando a opinião geral dos presentes na reunião²⁵, que fora a favor da criação da Escola Politécnica, e não da Escola de Química. Nesse momento a Escola Politécnica nasce, começando com o curso de Engenharia Civil. Como nos

²⁵ Na ocasião da reunião, o General José de Oliveira Leite votou contrário pela criação da Escola Politécnica. Segundo Stênio Lopes ([1990]), esse voto contrário se justifica pela intenção desse general de criar uma escola semelhante em João Pessoa.

afirma Edvaldo do Ó (1991, p. 19): “Quando ficou decidido pelo governador José Américo de Almeida a criação da Escola Politécnica, Lopes de Andrade redigiu a mensagem à Assembleia Legislativa pedindo a criação da Faculdade”.

Após a reunião, o pleito foi encaminhado ao governador do Estado que, através do ato contínuo, enviou a mensagem e o Projeto de Lei à Assembleia Legislativa do Estado. Em menos de um mês após a reunião, em Campina era sancionada solenemente a Lei nº. 792, de 06 de outubro de 1952, que implantou a Escola Politécnica da Paraíba, com sede em Campina Grande.

Com essa conquista, Edvaldo do Ó demonstrou como fez a ligação das redes de intelectuais e políticos que atuaram na implantação da Escola Politécnica:

Portanto, nós temos os passos iniciais dados pela comunidade, pelos deputados, pela Câmara de Vereadores, pelo seu prefeito, visando a implantação de um núcleo universitário em Campina Grande. Sinto que a história, ou melhor, a memória dos que fazem atualmente o ensino superior campinense e paraibano, se esqueceu de tão importante momento vivido por Campina, com entusiasmo, dedicação e sem o menor interesse de usufruir de recursos financeiros com a criação daquelas instituições. Dessa forma, temos o início do ensino superior em Campina Grande. (SOUZA DO Ó, [1991], p.25).

Com isso, temos Edvaldo do Ó na história de Campina Grande, mostrando que a história e vida do nosso personagem estão intimamente ligadas, entrelaçadas nas memórias deixadas por ele dentro da literatura sobre trajetória, itinerários, biografia e história de vida.

Nessa relação, destacamos que a historicidade da História Intelectual tem raiz em seu projeto de apreender ideias, discursos, pensamento e ideologias como artefatos históricos com a possibilidade de serem portadores de significado. Nesse ponto, Edvaldo do Ó é aquele intelectual que está engajado nas questões sociais e políticas, assumindo um lugar de causa e porta-voz de ideias na história de Campina Grande.

Falar sobre Edvaldo do Ó e seu engajamento na União Universitária nos remete a uma rede de conexões, engajamentos com amigos e políticos por meio da mediação que nosso personagem possuía enquanto ainda cursava seu curso superior em Recife (PE), mas quando já gestava suas ideias e experiências para serem levadas e praticadas em sua terra natal, Campina Grande.

É o ano de 1956 quando Edvaldo do Ó termina seu curso em Ciências Econômicas, jovem e cheio de expectativas, e retorna à cidade de Campina Grande para fazer sua carreira profissional. Logo no começo inicia sua carreira como

professor da Faculdade de Economia, recém-instalada na cidade e conhecida como FACE – Faculdade de Ciências Econômicas. Assim, o magistério abriria espaço para as suas atividades administrativas, que eram as que mais o empolgavam. De acordo com Silva (1999), a cátedra não foi a sua maior atração, embora tenha deixado sua presença dentro do magistério de nível superior, tendo lecionado também em alguns colégios da cidade.

Nesse percurso, Edvaldo do Ó foi convidado para dirigir a pasta da Secretária de Administração de Campina Grande na gestão de Elpídio José de Almeida, e assim também acumularia a Secretaria de Educação. Ainda nesse mesmo contexto assumiu a Escola Técnica do Comércio de Campina Grande.

Na administração da Secretaria de Educação, Edvaldo do Ó passa a ter conhecimento da realidade educacional de Campina Grande, principalmente em relação às verbas federais que eram destinados para a Faculdade de Filosofia de Campina Grande, a pedido do Bispo Dom Anselmo Pietrulla (1947-1955, período de seu bispado na Diocese de Campina Grande), pois existiam problemas para se manter financeiramente a faculdade.

Ocupando o cargo de Secretário de Educação de Campina Grande, Edvaldo do Ó passou a ter conhecimento da realidade das duas faculdades criadas na gestão do então prefeito Plínio Lemos. E a partir dessa experiência, Edvaldo do Ó constata que a principal dificuldade tem a ver com a manutenção das faculdades.

Comecei a conversar, em minhas audiências com o Prefeito, sobre os problemas existentes no ensino superior do Município: uma faculdade dirigida por Antônio de Moraes, [...] a Escola Politécnica, mantida pelo Governo Estadual e pelo Município, mas não instalada; a Faculdade de Filosofia de Campina Grande, mantida pela Diocese com muitas dificuldades e a Faculdade de Serviço Social, instalada no Instituto São Vicente de Paulo. (SOUZA DO Ó, 1994, p. 27).

Com essa realidade posta a Edvaldo do Ó e no lugar que ocupava, ele começa a entender que seu engajamento para o nível superior de ensino para Campina Grande tinha que ir além da administração municipal, pois, em suas reuniões com o prefeito Elpídio de Almeida, percebeu que era da opinião deste que o ensino superior não fosse de responsabilidade do município, e que deveria se concentrar apenas na alfabetização de adultos e na educação básica.

Nesse percurso Edvaldo do Ó se reuniu com José Lopes de Andrade, e ambos articularam uma saída para encontrar fundos para as faculdades. Teria que ser um órgão, tipo uma fundação para o desenvolvimento da ciência e da técnica, sendo

assim, criaram um projeto de lei que foi encaminhado pela Secretaria de Educação do Município, criando a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica – FUNDACT, com a finalidade de usar recursos não somente para possibilitar a preparação de estudantes para os cursos superiores, como também para, se possível, manter escolas de nível superior em Campina Grande.

As origens do Ensino Superior em Campina Grande, a partir inclusive da criação da FUNDACT (Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica) pelo Prefeito Elpídio de Almeida, em 28 de Dezembro de 1957, para dar suporte também ao Ensino Superior. (SILVA, 1999, p.64).

Era o dia 30 de abril de 1966, dia da solenidade oficial de instalação da instituição FURNE, e o local era o Teatro Municipal Severino Cabral. Várias autoridades da região estavam presente, tais como professores integrantes da universidade, o ex-Reitor da Universidade da Paraíba, Professor Moacir Porto, dentre outros. O Professor Laerte Ramos de Carvalho, Reitor da Universidade de Brasília, proferiu a aula inaugural. Nas palavras de Edvaldo do Ó:

Quando o Reitor da Universidade Nacional de Brasília, Professor Laerte Ramos, chegou a Campina Grande e passou a conhecer as instalações da Universidade Regional do Nordeste disse que “poucas universidades no Brasil começaram com uma Reitoria tão bem instalada”. (SOUZA DO Ó, 1994, p. 37).

Era um momento de júbilo para todos que participaram da formação e implantação da FURNE, algo para ficar guardado na memória daqueles que se fizeram presentes naquela noite campinense. A solenidade foi marcada pelo pronunciamento do prefeito Williams de Souza Arruda, e houve a leitura do regimento da instituição pelo escrivão do 3º Cartório, Isaac de Aragão²⁶. Ao final, o evento foi coroado com um jantar para as autoridades convidadas.

A Fundação Universidade Regional do Nordeste foi idealizada, segundo Itan Pereira da Silva, professor e reitor por duas vezes, como uma instituição de ensino superior: “[...] com a destinação de lutar pela redenção desta vasta área brasileira, vítima histórica da marginalização, cenário sombrio da pobreza e da miséria, com sua

²⁶ No livro *História Regional do Nordeste*, organizado por José Luiz Júnior e Marcos Cartaxo, editado após a morte de Edvaldo do Ó, que deixou a obra praticamente pronta, encontramos a passagem da leitura do regimento por Isaac Aragão, o qual estava nervoso por tamanha responsabilidade, antes da solenidade. Diante disso, Edvaldo do Ó o instruiu: “Entre no palco do Teatro Municipal, sem olhar para a plateia, apenas para o papel. Comece a ler e só depois é que olhe para o público” (SOUZA DO Ó, 1994. p.40).

fisionomia de indigência que alcança a maioria da população” (SILVA, 1996, p. 40). Em sua análise, considera que a instituição emerge com uma missão grandiosa de “redimir” os problemas sociais do Nordeste.

Outra justificativa recorrente na literatura que trata sobre a história da instituição apresenta sua criação como resultado de um “sonho” idealizado por Edvaldo do Ó, a partir de sua experiência como estudante de Economia na Universidade Católica de Pernambuco que, enquanto aluno, percebeu a necessidade e a importância da implantação de instituições de ensino superior na cidade de Campina Grande para então evitar o deslocamento daqueles que, como ele, precisavam estudar em Recife (PE), até então maior centro acadêmico do Nordeste. Assim narra Silva (1999):

Este foi o seu maior desafio, sua mais colossal ousadia. Desde seu plano até a instalação, Edvaldo esteve presente em todos os momentos, inclusive sendo, na prática, seu primeiro Reitor. Como se sabe, oficialmente para este cargo foi designado o Prefeito Williams Arruda por sugestão do próprio Edvaldo, em homenagem àquele que assinou a lei de sua criação.

Por esses motivos e por também acreditar no potencial da cidade como futuro centro universitário, aliou-se à juventude acadêmica de sua época para organizar os primeiros passos para a fundação de instituições de ensino superior na cidade, iniciando esse ideal em 1952, com a criação da União Universitária Campinense.

No ano de 1966, Campina Grande contava com poucas unidades de Ensino Superior, o que configurava um grande descompasso entre o crescimento da indústria e do comércio, gerando interesse de uma parcela da sociedade campinense pelo desenvolvimento do setor educacional²⁷.

Juntamente com Edvaldo do Ó, faziam parte desse projeto o então prefeito de Campina Grande, Williams de Souza Arruda, o professor universitário José Lopes de Andrade, o vereador Anézio Leão, presidente relator do Projeto de Lei nº. 26/66 para criação da FURNE, o bispo de Campina Grande, Dom Anselmo Pietrulla, o qual ajudou na criação da Faculdade Católica de Filosofia de Campina Grande, a Irmã Bernadete Porto, que fundou a Faculdade de Serviço Social de Campina Grande, e também a secretária de educação do município e auxiliar do Instituto São Vicente de Paula, Luiza Erundina Carvalho, e outros anônimos que fizeram parte do grupo que idealizou e fundou a FURNE.

²⁷ No ano de 1966, Campina Grande contava com cerca de 175 mil habitantes e polarizava atividades econômicas e sociais da grande região que circulava ao seu redor.

Sejam professores, profissionais liberais, políticos, jornalistas, todos tinham a mesma vontade de ver Campina Grande com uma instituição de ensino superior com

[...] a insubstituível tarefa de criação e transmissão do conhecimento, de elaboração e defesa da cultura e da formação de mão de obra qualificada, com uma visão crítica da história, tendo em vista as transformações e mudanças que geram o progresso. (SILVA, 1996, p.53).

O cenário brasileiro no período em que a FURNE emerge estava marcado por profundas transformações políticas sob o Governo Militar, e assim, a educação brasileira se tornara alvo de políticas públicas gerenciadas pelos militares, principalmente, quando esse mesmo governo assumiu o papel acumulador de capital para então promover a expansão econômica. Essa fase será caracterizada por uma expansão do ensino, que segundo Romanelli (1999, p. 196), “teve de ser contida dentro de certos limites, a fim de não comprometer a política econômica”.

Nesse momento histórico, o setor de ensino superior no país passa a ser alvo de uma série de políticas públicas direcionadas para promover a abertura de novas universidades. Para atingir esse objetivo, foram firmados convênios com a *Agency for International Development* (AID) – agência americana que disponibilizou assistência técnica e de cooperação financeira para organizar o sistema educacional brasileiro (ROMANELLI, 1999, p. 198). Esse período ficou conhecido por “Acordos MEC-USAID”, cujo objetivo era adequar o ensino brasileiro ao modelo de desenvolvimento econômico implantando no Brasil, a partir do Golpe Militar de 1964. Portanto, a FURNE nasce em meio a uma reformulação da Universidade Brasileira e por interferência dos “Acordos MEC-USAID”.

Nesse sentido, a FURNE é criada com a responsabilidade de profissionalizar mão de obra, principalmente para a Região Nordeste, em meio às discussões sobre o destino da universidade brasileira e a preocupação do Ministério da Educação (MEC) em atender a demanda do mercado de trabalho, mas para também evitar a expansão de desempregados com qualificação no país (SOUZA DO Ó, 1986).

Segundo seus idealizadores²⁸, a FURNE torna-se um produto do desenvolvimento regional nordestino, impulsionado por investimentos do governo federal através da SUDENE, órgão que deliberava políticas públicas para acelerar o

²⁸ Discurso proferido pelo prefeito Williams Arruda, na instalação da Fundação Universidade Regional do Nordeste, em 30 de abril de 1966, p.29.

desenvolvimento do Nordeste brasileiro e tirar a região do país da pobreza e miséria que envergonhava a nação. Ao afastar a população dessa região da “marginalidade”, a instituição acabaria sendo o contraponto daquele “cenário sombrio”, anunciado como propósito da concretização da instituição.

Com a inauguração da universidade, é estruturado o Conselho Universitário para a elaboração do estatuto. Inicialmente, a URNE – Universidade Regional do Nordeste, ficou subordinada à Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica – FUNDACT, quando o prefeito Williams de Souza Arruda transforma a URNE em Autarquia Municipal, de acordo com o artigo 4º da Lei nº. 23, em 11 de abril de 1966. Assim, era formado o Conselho Universitário, e nessa mesma reunião foi instituída a FURNE – Fundação Universidade Regional do Nordeste, extinguindo-se a FUNDACT, cujo patrimônio se integrou a recém-criada FURNE.

Nesse ato do Conselho Universitário, foi escolhido o primeiro presidente e o primeiro vice-presidente da Universidade Regional do Nordeste, de forma que ficou acertado que o primeiro reitor seria o prefeito de Campina Grande, Dr. Williams Arruda, escolhendo-o para esse cargo, e para vice-presidente e vice-reitor foi escolhido o professor Edvaldo do Ó.

Por incompatibilidade com suas funções de prefeito, poucos dias depois, o Dr. Williams Arruda renunciaria, desocupando a presidência e a reitoria, para as quais foi conduzido o professor Edvaldo do Ó.

A história da FURNE pode se confundir com a história de Edvaldo do Ó, pois, de acordo com Silva (1999), todos os grandes empreendimentos com os quais ele se envolveu se destacam e estão vinculados à criação da Universidade Regional do Nordeste.

Considerado ambicioso e pioneiro, Edvaldo do Ó, ao se tornar reitor, tinha pretensões de trazer um modelo inovador de ensino universitário para Campina Grande, que estivesse à altura da onda de desenvolvimento do Nordeste, em consonância com a recente inauguração da SUDENE.

Edvaldo do Ó apostava no potencial de Campina Grande como polo catalisador do interior, pensando em trazer para a cidade uma universidade de caráter regional. Assim se expressa Edvaldo do Ó em seu pronunciamento na aula inaugural do ano de 1967:

Na qualidade de Presidente desta Fundação, não tenho sido senão um instrumento das decisões do Governo Williams Arruda, na

execução de sua Política de Desenvolvimento Cultural de Campina Grande.

[...] em nome dos Corpos constituintes desta Fundação e de suas Unidades de Ensino e de Pesquisas, rendemos aqui a nossa pública homenagem ao Prefeito Williams Arruda, que assegurou a Campina Grande a conquista do 'status' da cidade Universitária, dando deste modo um dos passos mais decisivos da História da cidade, no sentido da consolidação de sua experiência de cultura, civilização e progresso, ameaçada de estiolar-se por um crescimento que se processava sem o correspondente desenvolvimento. (SOUZA DO Ó, 1994, p. 41-43).

Para essa tarefa, Edvaldo do Ó cercou-se de pessoas do seu ciclo que considerava competentes para comporem cargos administrativos que se inspiravam na organização da Universidade de Brasília²⁹ que também se apresentava no país como uma referência de mudança dos rumos de Ensino Superior nacional.

Logo assim que assumiu a reitoria da FURNE, Edvaldo do Ó participou de uma Missão Cultural, junto com os professores José Lopes de Andrade, Letícia Campoim de Andrade, Francisco Gaspar de Meneses. Viajaram para a Europa, visitando países como: Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Itália e Espanha, vindo a tratar de assuntos do interesse da Universidade em função de convênios, parcerias e cooperação técnica, científica e cultural.

Ao regressar à Campina Grande, os membros relataram que a Missão Cultural havia tido grande êxito. Assim se pronunciou o Reitor Edvaldo do Ó:

[...] Sobre a finalidade de nossa viagem à Europa posso adiantar-vos que ela foi coroada de êxito. Visitamos Universidades que nos queriam conhecer e entrar em contato – quiçá pela primeira vez em sua História – com uma Universidade Brasileira.

Antes, como sabemos, era a Europa que nos mandava missões culturais, e dela guardamos imorredoura herança artística, como é o caso de missões culturais francesas vindas ao Brasil no decorrer do Império e mesmo antes, [...] Hoje, de onde menos se esperava na Europa, parte para lá uma Missão Cultural, a Missão Cultural do Nordeste, constituída por professores da Universidade Regional do Nordeste, uma Universidade recentemente fundada; Universidade que, embora tenha sido criada por um Prefeito de larga visão administrativa, é, antes de mais nada, o fruto legítimo do espírito dinâmico e realizador do povo Campinense. A nossa Universidade foi à Europa, com prestígio idêntico ao de que qualquer outra Universidade brasileira, tendo recebido as mais desvanecedoras manifestações de carinho de parte de Reitores e professores europeus.

A Universidade Regional do Nordeste, pela juventude de seus membros, pelo idealismo dos que compõem seus quadros funcionais, pela dinâmica que anima aqueles que a integram e, sobretudo, pelo zelo campinense do Dr. Williams Arruda, seu criador e protetor mais

²⁹ Universidade fundada em 21 de abril de 1962, sendo Darcy Ribeiro seu primeiro Reitor.

atuante, cumprirá sem dúvida as metas que se propõe cumprir, dando a Campina Grande o lugar que merece entre as cidades mais adiantadas em matéria de ensino superior. Suas portas estarão sempre abertas aos que a procurarem com o patriótico interesse de colher em suas escolas o saber e a cultura, veículos de bem-estar e progresso do nosso povo. (SOUZA DO Ó, 1994, p.47-48).

Nesse cenário podemos perceber o papel de Edvaldo do Ó nas causas e proposições em que se engajava enquanto professor da Universidade Regional do Nordeste, desde sua fundação até sua colocação enquanto reitor, cargo de grande importância para a instituição, mas igualmente para sua vida pessoal, e seu amor, dedicação e admiração por sua terra natal.

Desse modo, apresentamos Edvaldo do Ó não só em sua singularidade, mas também como um membro de um grupo, definido desde os tempos da Academia, que se manteve unido, atuando na militância acadêmica, gravitando ao redor de grupos políticos que ora ou outra estavam no poder da governança de Campina Grande. E para que houvesse sucesso nesse projeto, Edvaldo do Ó aumenta sua rede de sociabilidade para que seu esforço fosse empreendido de forma a garantir a ampliação da Universidade como instituição que cresce no interior do Nordeste.

Edvaldo do Ó agarrou-se ao seu sonho com bastante afincio, juntou seu amor por Campina somado à dedicação condicionada ao seu objetivo pessoal. Não podemos falar do reitorado de Edvaldo do Ó sem espelhar suas narrativas quanto ao empenho nas funções que ocupava, por isso, defendo sua trajetória, seguindo Sirinelli (1998), para quem a trajetória dos intelectuais remete obrigatoriamente à história política, por isso argumenta que o termo “intelectual” não deva ser depurado de sua conotação política, posto que nas sociedades contemporâneas a condição política é inerente ao intelectual, seja por uma inserção direta, como testemunha de uma época ou ator do jogo político, seja em sua ação indireta, como homem portador da consciência de seu tempo.

Nesse aspecto, Edvaldo do Ó se torna esse intelectual campinense por estar inserido no jogo político, por ser testemunha e agente ativo de uma época de desenvolvimento econômico e acadêmico na cidade de Campina Grande. Da mesma maneira, deve ser entendido em função de seu pertencimento a uma geração, explicado por Mannheim (1982) como “laço de geração”, que dependeria de um conjunto de sensibilidades e afinidades comuns, herdadas e vivenciadas com a capacidade de criar um sentimento de partilha de um mesmo destino.

Edvaldo do Ó participava de um grupo unido, coeso, cada um com suas diferenças, mas que tinha um objetivo único que formou laços e elos construídos por seus membros, nos remetendo a uma singularidade das regras que regem as redes intelectuais que, se por um lado, não são leis impostas aos indivíduos, por outro também não são dadas ao acaso, fruto do imprevisto e do casual, mas ao contrário, se constituem pelo sentimento de partilha, pertença e inclusão a determinados ideais comuns.

Para finalizar, cabe destacar que as práticas instituídas por Edvaldo do Ó e sua relação com sua rede de amigos proporcionaram a ele experiências e fundamentos na sua forma de pensar e de agir, desvendando a lógica dos lugares por onde ele e seu grupo transitaram, explorando, assim, o conjunto de funcionamento dessa sociedade intelectual constituída por professores, bacharéis e políticos.

5 Das Ciências à Arte: Edvaldo de Souza do Ó – Intelectual

A identidade dos homens públicos na República Velha passava fundamentalmente por sua condição letrada. De maneira geral, na virada do século, as letras representavam importantes bens simbólicos. (ABREU, 1996, p.137).

Edvaldo do Ó, diferentemente de outros letrados de sua época, não produziu uma robusta obra, pelo contrário, o que o caracterizou como um “homem de letras”, ou homem de ciência”, era a sua dinâmica, sua presença e sua rede de sociabilidade que foram construídas nos meados do século XX na cidade de Campina Grande (PB).

De acordo com Venâncio (2015), na Academia Brasileira de Letras criavam-se polêmicas com as eleições de indivíduos considerados “homens não de letras”, como foi o caso do médico Osvaldo Cruz. Por outro lado, os “homens de ciência, autodefiniam-se como intelectuais que lutavam pelo progresso científico da nação, e passaram a questionar o papel dos literatos que, segundo eles, afastavam-se dos problemas mais urgentes do país.

Nessa esteira, os “homens de letras” e “homens de ciência” apresentavam disputas travadas, e faziam parte de um restrito grupo de intelectuais que participavam de instituições que, desde meados do século XIX, no Brasil, vinham se organizando, criando espaços de sociabilidade e de atividade literária e científica.

No contexto campinense, Edvaldo do Ó emerge como um intelectual que não se preocupou com os interesses comerciais herdados da família Souza do Ó, que tinham atividades comerciais na cidade e região desde os “Tropeiros da Borborema”, como narram em sua genealogia.

O amigo e advogado Ivan Sodré definiu Edvaldo do Ó como “Usina de Ideias”. Esse atributo diz respeito ao desenvolvimento de Campina e às “realizações” que marcaram esse crescimento e se tornaram uma bandeira de luta de Edvaldo do Ó. Com essas atitudes, ações e ideias sobre seu pensamento, nosso personagem se torna emblemático e atrelado ao “embasamento do saber” e “viabilizando o fazer”, dois termos que vão acompanhar a trajetória de Edvaldo do Ó por toda sua vida.

Esses termos se encaixam devido a sua trajetória com o movimento estudantil, em seguida ao assumir cargos públicos na gestão pública campinense, com o cargo de professor com atuação em colégios técnicos até a Faculdade de Ciências Econômicas, passando pela Escola Politécnica, chegando à FURNE, reitorado da

URNE, e direção do Museu de Artes. Conta-se também a sua participação ora como presidente/diretor de instituições como: Diretor dos Serviços Elétricos Municipais (1957), Diretor Comercial do Saneamento de Campina Grande S/A (1959/1963), Diretor do Instituto Paraibano de Economia (1961), Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (1963/1964), Secretário de Economia da Prefeitura Municipal de Campina Grande (1964/1965), Presidente da Companhia da Industrialização de Campina Grande – CINGRA (1964/1966), Presidente da Fundação Universidade Regional do Nordeste – FURNE (1966/1968), Presidente da Companhia de Eletricidade da Borborema – CELB (1966/1968), Membro do Seminário de Administração de Abastecimento de Água – Medellín, Colômbia (1962), Coordenador de Planejamento da Prefeitura Municipal de Campina Grande (1963), Presidente do Centro de Iniciativa Turística de Campina Grande – CENITUR (1985), Diretor da TBS – Transportes e Armazéns Gerais Ltda. (1970), Presidente da Bolsa de Mercadorias da Paraíba (1975), Diretor do Museu de Arte “Assis Chateaubriand” (1984) e Presidente da Associação Brasileira de Bolsas de Mercadorias e Cereais – ABM (1985).

Edvaldo do Ó ocupou todos esses cargos em sua trajetória, e dentro da literatura até aqui discutida podemos sim incluir nosso personagem como intelectual, seguindo a discussão da imprecisão do conceito, quanto ao aspecto relevante na sua trajetória, principalmente por ser algo já percebido e de preocupação na história dos intelectuais. Para isso, temos Sirinelli (1998, p. 242) nos afirmando a respeito deste tema: “Com frequência se destacou o caráter polissêmico da noção de intelectual, o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e a imprecisão daí decorrentes para se estabelecer critérios de definição da palavra”.

Para isso precisamos retornar ao século XVIII, que é quando temos a volta do interesse intelectual pela vida urbana, de modo a explicar as teias discursivas que formaram a intelectualidade de Edvaldo do Ó. O conhecimento, então, tornava-se instrumento de domínio do mundo e sinal de excelência mundana. No século XX, os livres pensadores não eram tão livres assim, sendo divididos automaticamente como “de esquerda” ou “de direita”, nesse caso, tinham que tomar partido em favor das elites (capitalistas) ou das forças de produção (proletariado). Escrever era doutrinar ou cientificizar.

Edvaldo do Ó, filho dileto da elite em transição entre o rural e o urbano, e da classe média emergente, se equilibra interna e externamente entre dois mundos: o

campo (e suas tradições), a cidade (e suas novidades). Por sua vez, “os intelectuais são membros da intelligentsia, mas os membros da intelligentsia não são necessariamente intelectuais” (MORIN, 1998, p.80).

A denominação intelectual tem sido objeto de muitas discussões desde o século XIX, mormente durante os debates sobre o caso Dreyfus. Para muitos, os intelectuais são sonhadores, poucos práticos, incapazes de se ajustarem às realidades mundanas da sociedade e do Estado. Para outros, são os defensores básicos dos valores, padrões morais e cognitivos que sustentam os sistemas políticos democráticos ou liberais.

A indagação persiste: o quê (ou quem) é intelectual? É impossível trancar a noção da intelectualidade dentro de um conceito de classe – muito menos simplesmente admitir que os intelectuais constituem um estrato desvinculado, por sua incapacidade de agir como grupo de forma coerente, porque tem escassos interesses em comum.

No caso de intelectuais como Edvaldo do Ó, são comuns os discursos no momento do enterro, as biografias, reedições de sua obra e os eventos que servem para marcar de alguma forma a “despedida”. São essas homenagens que “recriam a pessoa no templo da memória” (ABREU, 1996, p.67).

Dessa forma, a construção da memória de Edvaldo do Ó, embora acentuada no momento de sua morte, teve início muitos anos antes, no instante em que ele próprio decidiu organizar sua vida em papéis, “induzindo a elaboração de sua posteridade” (ABREU, 1996, p.67). Ao organizar seu arquivo pessoal, ele ordenou os acontecimentos que balizaram sua vida, estabeleceu coerências, construiu continuidades e linearidades em sua trajetória, em suma, almejou deixar definido o seu lugar social, suas relações com seus pares e uma espécie de esboço de sua própria biografia.

Na gestão e organização de um “sem número de contradições e tensões” (POLLACK, 1989, p. 4), Edvaldo do Ó elaborou sua versão, mas silenciou-se, evidentemente, sobre diversos aspectos.

Nessa escrita fragmentária, deixou inscrito o seu caráter modelar de homem público e a grandeza de sua produção/participação intelectual. Nenhuma linha mais explícita sobre sua vida pessoal. Nenhuma carta de amor, nenhum poema, esparsas referências à vida familiar. Os documentos explicitam, entre registros e lacunas, lembranças e esquecimentos, o dizível e o indizível, o memorável e o imemorial.

Mostrava-se o homem público e o intelectual, ocultava-se a dimensão privada de sua vida.

E tendo como reflexão essas ideias que percebemos a preocupação do sujeito em cartografar seu itinerário. Edvaldo do Ó cartografou em seu livro *História da Universidade Regional do Nordeste* seu percurso realizado, suas descrições sobre como as tramas políticas que cada instituição em que participou o levaram a ganhar uma certa experiência. Nos dois volumes, Edvaldo do Ó construiu um itinerário começando com a narração da história da instituição, a partir do ponto de vista de suas possibilidades econômicas e sociais, e esses registros foram transformados em livros. No primeiro volume, o autor caracteriza todo o inventário de documentos, estatutos e legislação que nomeia, define o projeto de implantação e implementação da FURNE. O segundo volume é publicado após sua morte, pela reunião dos escritos feita por José Luiz Júnior e Marcos Cartaxo sobre como se deu origem às primeiras escolas, culminando com a criação da Universidade e a transformação do polo educacional no qual a cidade se tornou.

Com essas obras, percebemos que Edvaldo do Ó, ao se utilizar do seu arquivo pessoal, vislumbra uma “vontade de guardar” (VIANNA; LISSOVSKY, 1986), de tornar público o privado, de exibir a exemplaridade da própria história. Assim, a organização de um arquivo pessoal acentua a individualidade do titular, redefinindo o seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos.

Dessa forma, esta tese se insere num tipo de produção historiográfica que passou a revalorizar os vestígios escritos associados aos indivíduos, principalmente aqueles onde estavam registradas suas escolhas, intenções e ações públicas. Ao romper com a postura que destacava a antítese entre o individual e o social, os historiadores atuaram no sentido de “restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (CHARTIER, 1994).

Através das ideias de lugar, de redes de sociabilidades e de itinerário intelectual, busca-se compreender o espaço social por onde Edvaldo do Ó circulava, produzia e divulgava suas ideias, bem como a teia urdida por suas relações pessoais e profissionais, considerando-se o meio intelectual não como conjuntura ou cenário, mas como condição mesmo de elaboração intelectual.

Nessa investigação, observamos os espaços de sociabilidade intelectual que Edvaldo do Ó frequentava e participava, e aqui temos o movimento estudantil em Recife (PE), a universidade em que estudou, os cafés, os jornais, instituições públicas

que dirigiu e/ou presidiu. Assim, Edvaldo do Ó estabelecia relações com outros intelectuais com os quais eventualmente travava polêmicas e debates, seja na Reitoria da URNE, seu espaço de intercâmbio cultural, seja com alunos ou com os colegas. Contribuiu com os jornais da cidade, mas nada de caráter diário ou mensal, apenas utilizava de suas relações para estabelecer reconhecimento de suas atividades. Uma característica de Edvaldo do Ó era a descrição, não gostava de “holofotes”.

Edvaldo do Ó pertencia, certamente, a um grupo de intelectuais cuja sociabilidade se dava principalmente mediante a rede de amigos. Isso o mantinha perto das práticas intelectuais fundadas na sociabilidade mundana e corroborava a sua autorrepresentação idealizada pela condição de letrado que não se afastava do mundo, sendo essa autorrepresentação para aqueles homens de letras que viviam longe das paixões e dos divertimentos, permitindo-o cultivar o seu espírito crítico e criativo. Pelo contrário, Edvaldo do Ó não se isolava permanentemente em seu gabinete, rara exceções, quando era para justamente articular uma ideia ou plano e, logo que possível, reunir-se com os seus para colocar o resultado em prática.

Falar da vida intelectual de Edvaldo do Ó significa referir-se a falar da vida intelectual de Campina Grande, conforme nos informa Gaudêncio (2019, p. 25-26):

Diferentemente de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, principais centros econômicos e culturais do Brasil na primeira metade do século XX, Campina Grande não chegou a se tornar um importante e movimentado centro cultural de sua região. Suas dimensões menores, sejam territoriais, sejam de influência cultural, permitiram uma experiência diferenciada, marcada por uma intensa movimentação econômica e isoladas práticas culturais ligadas à literatura, [...] a cidade não foi apenas um respeitável centro comercial nesse mesmo período, uma vez que diante do crescimento possibilitado pelas atividades econômicas, permitindo variadas conquistas materiais, também houve a conquista de bens simbólicos, advindos dos padrões estéticos dos centros culturais da época, tais com Paris, Rio de Janeiro e Recife, que possibilitaram ‘uma movimentação’ e um consumo de ideias, valores práticas culturais considerados modernos e/ou modernistas no âmbito intelectual.

Na Campina Grande da metade do século XX é possível observar círculos intelectuais existentes, que iam desde “academias de letras” até cafés e bares espalhados pelas principais ruas da cidade, lugares que reuniam grupos de jovens que viriam a se tornar, mais tarde, importantes nomes da intelectualidade da cidade, embora a produção literária que se forjava nas mesas desses cafés e bares tenha se perdido e não possa hoje testemunhar a existência deste grupo de literatos.

Nesse sentido, seguimos Sirinelli (2003) como a melhor maneira de constituirmos um estudo avançado e coerente sobre intelectuais, que é utilizarmos a categoria intelectual conjuntamente com outras duas categorias: geração e sociabilidades, algo que aderimos como sugestão epistemológica sempre que possível.

Edvaldo do Ó atuou na definição de um campo de desenvolvimento educacional para Campina Grande, além de ter larga participação em outras agendas de desenvolvimento da cidade. Mas não fez isso sozinho, contou com uma geração e com uma rede de sociabilidades.

Edvaldo do Ó cartografou em livros os fatos, os acontecimentos, as anotações sobre as pessoas do seu convívio e os comentários de suas avaliações sobre o universo de atividades em que esteve envolvido ao longo de sua caminhada dentro da sociedade campinense, na tentativa de formular imagens de si, marcadas pelas lembranças e pela recepção das lembranças dos outros. Certamente, a vocação literária não foi o seu forte no contexto de suas realizações.

Apesar disso, não deixou de marcar presença no campo da literatura, produzindo diversos livros, que destacam a preservação da história dos empreendimentos que liderou em Campina Grande.

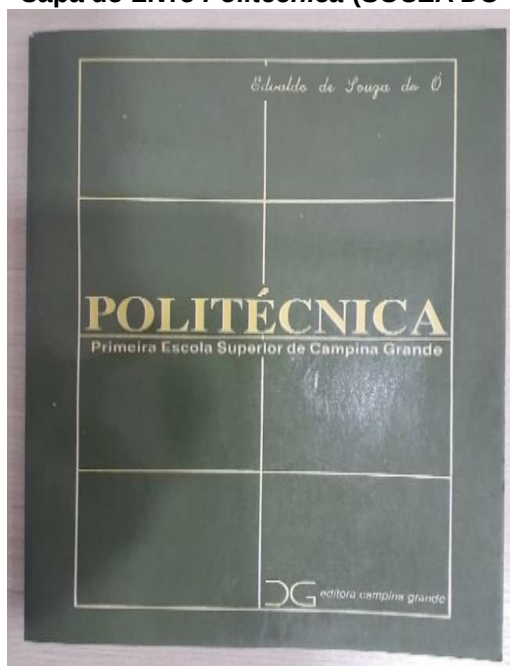
Acreditamos que não somente as práticas cotidianas possam sofrer invenções ao longo do tempo, a memória também ganha conotação diferenciada de acordo com anseios, desejos e vontades de quem a pratica. As narrativas territorializam mapas submersos da memória e revelam o tempo como miragem, ou seja, sempre aberto para o movimento fragmentado da lembrança e do esquecimento, porque o que se segue ao ato de lembrar não é somente lembrança, é também esquecimento, já que o esquecimento também é presente, pois não há presente sem esquecimento.

Nos remetemos a Nietzsche (2006), para quem o esquecimento não é entendido como pura passividade, mas é considerado força, potência, como faculdade inibidora e primordial do homem. O esquecimento não apaga os rastros, as marcas da memória, mas antes as inibe. Para o filósofo, o esquecimento é a forma que o corpo encontra de manter-se feliz, jovem, esperançoso e de continuar vivendo a potência e a força do presente. O que se esquece é tão importante quanto o que se lembra. Então, quando se escreve também se esquece, não só do fato em si, mas também de peculiaridades que não são tão importantes para serem lembradas, em virtude do presente.

Mas é importante dizer que não é somente sobre si que se narra, e consegue envolver em sua prática memoriosa o outro, que passa a fazer parte de suas vivências, pois recordar, como nos assevera Paul Ricoeur (2007), é um ato relacional, ou melhor, de alteridade. A evocação ao passado não é uma tarefa apenas de cunho individual. Essa forma de socialização das lembranças serve como legitimação temporal da amizade, já que as camadas de sentido desse afeto vão sendo mostradas no tempo, transitando entre várias temporalidades, criando um horizonte de experiências que são, acima de tudo, relacionais (KOSELEK, 2006).

Edvaldo do Ó, no campo das letras, deixou para a posteridade a autoria de seis livros: O primeiro tem o título de *Politécnica – Primeira Escola Superior de Campina Grande*, pela Editora Campina Grande ([1982]) – que apresenta no seu conteúdo a história da fundação da Escola Superior. Segue imagem da capa do livro:

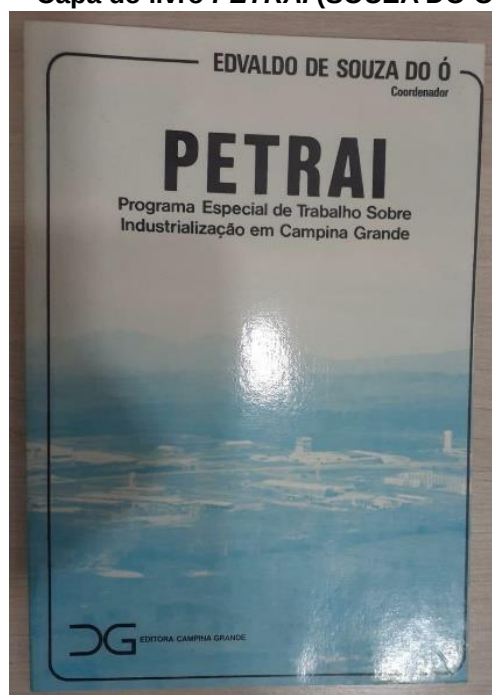
Figura 6 – Capa do Livro *Politécnica* (SOUZA DO Ó, [1982a])



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

O segundo livro foi lançado com o título da *PETRAI*, no ano de 1982, também pela Editora Campina Grande, e refere-se ao Programa Especial sobre Industrialização na cidade de Campina Grande. Nessa obra, Edvaldo do Ó expõe dados coletados e documentos esclarecendo sobre o programa do qual o próprio Edvaldo do Ó foi coordenador. Segue imagem:

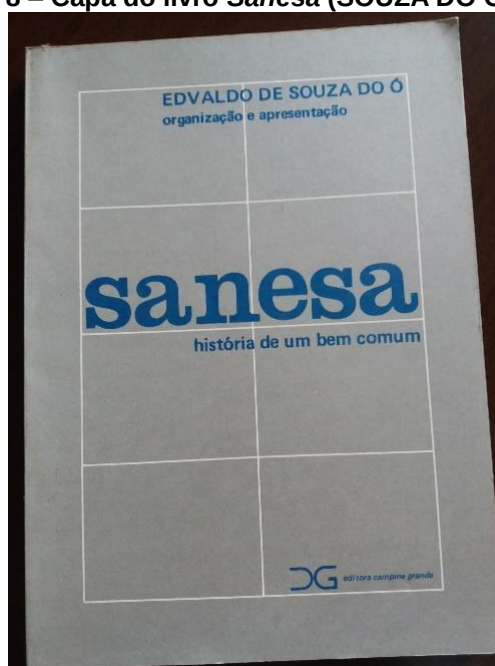
Figura 7 – Capa do livro *PETRAI* (SOUZA DO Ó, [1982b])



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

O terceiro livro foi *Sanesa: História de um bem comum*, publicado em 1982, pela Editora Campina Grande. Nesse estão registrados fatos e documentos que dizem respeito ao Serviço de Abastecimento de Água do Município, constituído como Sociedade de Economia Mista, inclusive por ser um empreendimento pioneiro em todo o Nordeste.

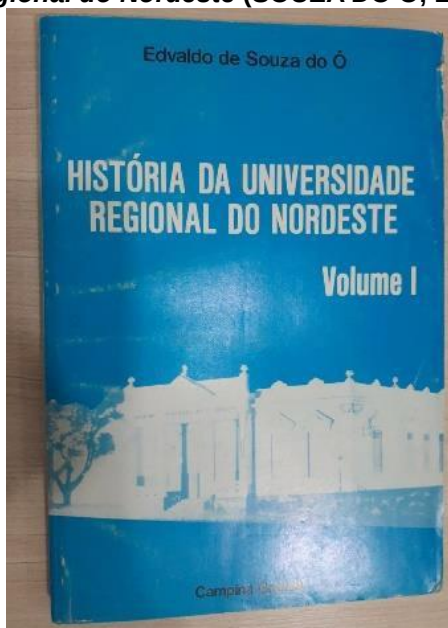
Figura 8 – Capa do livro *Sanesa* (SOUZA DO Ó, 1982c)



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

Em 1986, ele publica o 1º volume da obra *História da Universidade Regional do Nordeste*, editada pela GRAFSET. Nesse livro, Edvaldo do Ó faz um trabalho minucioso a respeito da criação, instalação e organização da Universidade Regional do Nordeste, sendo seu quarto livro publicado. Segue imagem:

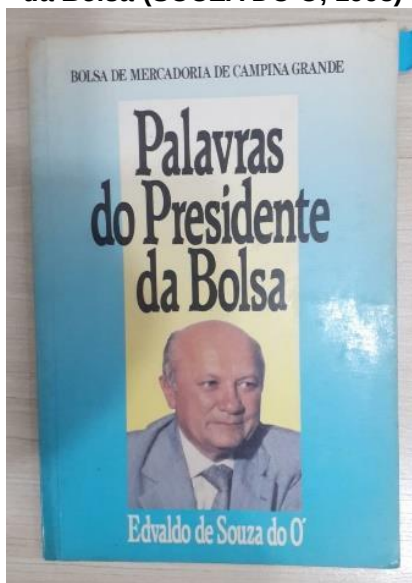
Figura 9 – Capa do livro *História da Universidade Regional do Nordeste* (SOUZA DO Ó, 1986)



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

Já nos anos 1990, precisamente em 1993, Edvaldo do Ó publica seu quinto livro, intitulado *Palavras do Presidente da Bolsa*, no qual faz uma compilação de discursos, correspondências e memórias de sua presidência à frente da Bolsa de Mercadorias. Segue imagem:

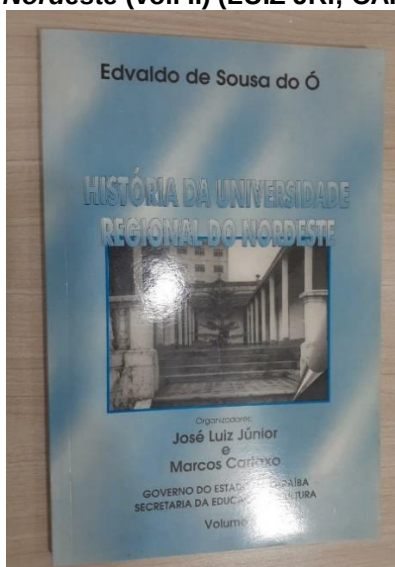
Figura 10 – Capa do livro *Palavras do Presidente da Bolsa* (SOUZA DO Ó, 1993)



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

E por último, começa ainda em 1992 a reunir documentos, discursos, fatos cronologicamente narrados, no afã de construir sua narrativa para o 2º volume da *História da Universidade Regional do Nordeste*, a ser publicado em 1994, pela Editora da Secretaria da Educação e Cultura do Estado. O projeto acabou não sendo finalizado por ele, haja vista seu adoecimento e falecimento terem ocorrido antes de concluir e publicar a obra. Esta foi respeitosamente concluída postumamente por José Luís Júnior e Marcos Cartaxo, jornalistas muito próximos, que assumiram a organização do livro, fazendo homenagem a Edvaldo do Ó. Segue imagem:

Figura 11 – Capa do livro *História da Universidade Regional do Nordeste* (vol. II) (LUIZ JR.; CARTAXO, 1994)



Fonte: Fotografia da Autora. Pesquisa de Campo.

O teor dos livros de Edvaldo do Ó focava-se em sua ação administrativa, para além de servirem com o intuito de serem uma produção literária. São caracterizados por registros dos acontecimentos, pelo vigor de sua vivência, pelo caráter polêmico de muitas de suas atividades e pelo desabafo em alguns momentos, além dos seus ressentimentos vividos.

As narrativas contadas por Edvaldo do Ó em seus livros criam laços de afetividade, lugares de memória, na tentativa sempre cambiante de fixar posições para esses mesmos lugares e pessoas. Pois qual é o desejo da memória, se não for a vontade de criar uma zona de ancoragem para os textos que perpassam em seus livros? Edvaldo do Ó, no desejo de ancorar suas imagens dos lugares que administrou, dirigiu, presidiu e assim perpetuou suas memórias. As recordações são uma forma de experienciar o tempo fora do causalismo mecânico, elas se apresentam como nexos planejados por afinidades eletivas, e esses “[...] livros constituem um valioso documentário da história de Campina Grande e representam uma inestimável contribuição para a perpetuação de sua memória” (SILVA, 1999, p.51).

Nas obras é interessante verificar a preocupação de Edvaldo do Ó em contar os fatos, em apontar sua experiência vivida nesses lugares. Essa contribuição em forma de livros traz à tona sua trajetória de vida como importante aspecto de percebê-lo como filtro social de uma determinada elite letrada de Campina Grande, o que auxilia a princípio, em duas reflexões. Primeiro, que sua visão e percepção de uma dada realidade estão intrinsecamente mediadas pela sua situação privilegiada como intelectual e membro de uma parcela social pertencente aos grupos sociais economicamente mais abastadas. Segundo, que a elaboração e narrativização de suas experiências de passado estão, de certa forma, atravessadas por essa forma de ver e compreender as coisas, pois seu olhar e sua maneira de compreender carregam valores que compartilham com aqueles que estão a sua volta.

Porém, gostaríamos de enfatizar que embora esse lugar social ocupado por nosso personagem seja importante para as análises, não se trata da única forma de vasculhar suas memórias. Os seus textos (livros) podem ser interpretados como produções de sentido que vão além de inscreverem o autor em um lugar social. Dessa maneira, na transição da fala para a escrita, da oralidade para o texto, é necessário efetuar a dissociação entre aquilo que está escrito e a intenção mental que é

significada pelo leitor, e é mais importante do que aquilo que o autor quis dizer quando escreveu a obra, pois as suas intenções já não podem ser mais alcançadas.

Isso implica dizer que a experiência somente pode ser entendida como linguagem, pois já não podemos reviver as experiências do Edvaldo do Ó como elas realmente aconteceram, mas apenas podemos tentar compreender aquilo que ficou registrado, que se transferiu com significação.

É importante problematizar suas narrativas de excesso, por serem textos de fronteiras entre o relato histórico, o fato e sua experiência de escrita de si. Sendo assim, guardam não apenas o lugar do seu narrador, mas também possibilidades de leituras e interpretações.

Os livros de Edvaldo do Ó estão repletos de narrativas que assinalam seu lugar social. Suas narrativas autobiográficas dão conta de sua presença no tempo e no espaço. Jacques Derrida (2002) defende que todo homem é um animal autobiográfico, e que a história de si é uma reflexão do seu eterno estado de pecado original, ou seja, a escrita é o lugar privilegiado da confissão, já que é o lugar da morte, da sepultura.

A publicação dos livros é uma forma de contribuir com o reconhecimento de sua imagem e para a construção de sua presença nesses empreendimentos campinenses, como indivíduo proeminente em seu meio, fazendo dele uma pessoa distinta. Todas essas formas empregadas em seus livros/obras publicadas comportam, em sua expressão, um sistema que abrange estratégias e práticas sociais pelas quais o intelectual procura materializar seu valor simbólico, que seria aquele que o distingue de alguns de seus leitores, por exemplo, tornando significativo e evidente sua diferenciação, à medida que essas disposições são incorporadas e interiorizadas socialmente.

A publicação de suas obras enquanto benfeitor lhe possibilitava certa visibilidade e dizibilidade, ajudando a colaborar com a ideia de que era uma *persona* diferente. Enquanto a visibilidade dos mecanismos e estratégias que utiliza em suas obras para legitimar e marcar sua condição “especial” em frente à maioria das pessoas que não tinham acesso a essa forma de autoconstrução, a dizibilidade multiplicava ecos sobre si, fazendo com que ganhasse respaldo e fosse laureado por diferentes instâncias que têm como prioridade reter e controlar o saber, como a Universidade, no meio acadêmico, nos círculos jornalísticos, políticos etc. É preciso estar atento para a capacidade que o poder tem de expressar-se através das armadilhas da língua.

Edvaldo do Ó utiliza essa maneira de escrever suas obras como uma forma de incentivar novas contribuições como uma estratégia bastante recorrente usada por alguém que tinha somado várias atividades a sua labuta diária. Suas atividades, sempre tão diversificadas, deveriam dificultar análises mais minuciosas, o que parece ter levado à escolha de enaltecer seu labor realçando seu trabalho, sua dedicação, empreendimento, entre outros adjetivos. Sua “generosidade” em escrever seus livros era uma escolha em agradar, haja vista sua participação em grupos intelectuais tão diferenciados, nos quais as relações, às vezes tão pessoais, poderiam trazer prejuízos para a sua imagem.

Mas isso não quer dizer que seus livros fossem mal-acabados ou descuidados; neles simplesmente havia a intenção de informar sua trajetória enquanto sujeito presente, na história da cidade, tendo por traz dessa circunstância a intenção de informar, por mais simples que fosse uma rede de leitores capaz de absorver aquilo que estava sendo publicado.

Com isso, Edvaldo do Ó se utiliza de estratégias na construção de sua imagem, contribuindo assim para a ideia de gerar sentidos e significados na sua forma de intervir nos acontecimentos e empreendimentos que ele presidia e/ou dirigia, tornando-o relevante à sociedade campinense.

Todas essas considerações servem para pensar o lugar que Edvaldo do Ó ocupou. Ao contrário da ideia de intelectual como indivíduo que tem identidade própria, é salutar realçar que essa identidade prévia é capaz de delimitar os modos e as estratégias utilizadas por aqueles que se veem e são considerados intelectuais. A intelectualidade é um eterno vir a ser, uma provisoriedade, uma configuração sempre instável, haja vista que o eu do intelectual é constituído no tempo, no qual ele cria estratégias para contrabalancear os efeitos de circunstâncias que vêm a seu encontro. Os usos de estratégias servem para marcar sua diferença, ou ainda, para construir seu estilo entendido como excesso, porque nunca está constituído.

Nesse sentido, é conveniente pontuar que sua escrita de si ajudava a marcar o que desejava que acreditassem que fosse. A invenção de si como distinção não é feita sem antes marcar a diferença. Para que uma imagem seja “consumida” e ganhe contornos aceitáveis é necessária sua circulação em uma rede capaz de efetivá-la, em que se aninham colaborações, alegrias, certezas, respeitos, vicissitudes. Atravessando esse trânsito de invenção de si, existia a invenção dos afetos ou construção de uma rede que possibilitava o tráfego intelectual e da afetividade.

É possível pensar e cartografar as intensidades de um autor e de sua rede intelectual, já que essas intensidades são realçadas pela energia existente nas palavras, ou seja, pela possibilidade de ler suas obras como um espaço onde, além do próprio autor, atravessam também aqueles com os quais dialogou e mostrou-se afetuoso com suas intenções.

Edvaldo do Ó usou sua astúcia para saber que o esforço em construir sua imagem fosse refletido em suas obras e que circulasse no meio intelectual. Nas obras, se empenhava em divulgar, além de suas ideias, práticas, agenciando uma quantidade significativa de mecanismos que auxiliam, principalmente participando e favorecendo uma rede de sociabilidade intelectual com quem admitia interações, diálogos, possibilidades, amizades. Rede no sentido de pertencimento a um microcosmo constituído pela linguagem, que favorecia a aproximação de desejos, vontades e ideais, mesmo que essa rede não tivesse, a priori, direções definidas, mas aleatoriedades, articulações, movimentos, inclinações.

Ao analisar uma rede de sociabilidade intelectual, somente é possível se levar em conta que o meio intelectual é um microcosmo, ou ainda, como defende Sirinelli (2003), como sendo um lugar estreito, que deve sugerir ao historiador uma preocupação com as pistas oferecidas pelos intelectuais como boatos e diz que diz. Essas concepções, de ordem micro, possibilitam ver adesões, rupturas, encontros e reencontros, conversões, ilusões. Tais possibilidades são importantes para cartografar o polifônico meio intelectual. Não se trata de determinar quem pode ou não ser considerado intelectual, mas sim de perceber quem são as pessoas que circularam nos meios literários, políticos, culturais e científicos e as funções que elas ocuparam nesses espaços.

Como presidente e/ou diretor de repartições públicas e cargos comissionados na esfera municipal de Campina Grande (PB), Edvaldo do Ó estabeleceu relações com outros intelectuais com os quais, eventualmente, travou polêmicas e debates. Na Faculdade de Ciências Econômicas em Recife (PE), encontrou espaço no movimento estudantil com colegas campinenses, vindo a colaborar com o Movimento Estudantil Campinense juntamente com Félix Araújo e Raimundo Asfora.

Edvaldo do Ó pertenceu a um grupo de intelectuais cuja sociabilidade se dava pelas relações sociais, pelos cargos que ocupou, ficando a escrita apenas para corroborar sua condição de letrado e de participação ativa nos empreendimentos de desenvolvimento campinense nos quais participou ativamente na sua trajetória

intelectual. Foi na participação em cargos públicos que Edvaldo do Ó ocupou que estabeleceu e manteve sua rede de sociabilidade e sua relação com o mundo.

Outra contribuição de Edvaldo do Ó, que era apreciador de artes plásticas, foi a oportunidade de fundar o Museu de Artes Assis Chateaubriand. Estendendo seu empenho pela educação superior na cidade, o campo da cultura foi beneficiado com seu entusiasmo e articulação política. Silva (1999, p. 74) narra o fato:

O velho capitão dos Diários Associados botou na cabeça que deveria espalhar alguns museus de grande projeção no interior das regiões do País, distantes dos grandes centros onde, em geral, se concentram esses empreendimentos culturais. [...] Dessa forma, naquela memorável manhã de 20 de outubro de 1967, em frente ao prédio onde hoje funciona a Reitoria da UEPB, estava sendo instalado o nosso Museu de Artes Plásticas, considerado um dos melhores do país, neste gênero. E na frente deste acontecimento lá está o inconfundível Reitor Edvaldo do Ó, que terminou por conseguir que o famoso museu, doado a Campina Grande, ficasse sob a guarda da FURNE, tornando-se, ele próprio, um dos seus mais atuantes beneméritos.

Foi no seu reitorado que Edvaldo do Ó funda o Museu de Artes Assis Chateaubriand, tutelado à Universidade Regional do Nordeste, com aprovação do Conselho Diretor da Fundação Universidade Regional do Nordeste – FURNE. Na oportunidade, o então Reitor Edvaldo do Ó fez uso da palavra, ressaltando que, sem dúvida,

Aquela deliberação era um passo marcante para os destinos da entidade, assumindo, assim, a responsabilidade de oferecer à região outros meios, dentro das suas finalidades, compartilhando ativamente para o desenvolvimento educacional da população nordestina³⁰.

A maior parte das pessoas com as quais Edvaldo do Ó se relacionava atuava no espaço que se pode denominar, seguindo Pierre Bourdieu (1992), de campo intelectual. Ao caracterizar o campo universitário como lócus de intensas disputas de poder, apesar de sua conformação como um lugar no qual a verdade científica se impõe como crença, Bourdieu (1992, p.60) definiu o que seria o *homo academicus*. Sugere, assim, o autor, que a “análise das transformações das relações de forças entre as disciplinas e os graus” permite dar conta de fenômenos que apontam para “as ligações pessoais, fundadas nos acasos socialmente organizados dos encontros e dos convívios comuns e na afinidade dos habitus vivida como simpatia ou antipatia” (BOURDIEU, 1992, p. 23).

³⁰ Fala de Edvaldo do Ó na reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade Regional do Nordeste – FURNE em 06 de julho de 1967. Arquivo Pessoal de Edvaldo do Ó.

No espaço cultural de Campina Grande, a vida intelectual de Edvaldo do Ó foi incontestavelmente ligada à cidade, pois foi em Campina Grande que ele teceu suas mais importantes redes de sociabilidade intelectual.

Avesso à boemia, sua vida intelectual limitou-se aos espaços que ocupava nas instituições públicas e privada. No entanto, Edvaldo do Ó gostava de reunir amigos, líderes políticos, em sua Granja Solidão, por ser apreciador de vinhos, e mantinha a prática sempre na discrição e no aconchego do seu lar. A Granja Solidão foi cenário para muitas reuniões, encontros, debates sobre a política, a educação, a economia e a vida de cada amigo visitante que lá frequentou. Edvaldo do Ó tinha esse perfil de agregar os seus pares ao seu reduto doméstico, e foi com esse propósito que construiu e idealizou a Granja Solidão, lugar que tão bem reflete sua pessoa em todos os espaços.

Assim, falar da vida intelectual de Edvaldo do Ó significa se referir ao espaço privado de seu escritório, da sua casa e dos gabinete nos quais ocupava cargos públicos e privados. Eram nesses lugares que os intelectuais se reuniam informalmente para conversas, discussões e trocas de ideias. Aqui percebemos que Edvaldo do Ó era, de fato, diferente de outros intelectuais, que ocupam cafés e bares.

6 Considerações Finais – Granja Solidão: a guardiã da memória

O universo das histórias de vida é repleto de pessoas que têm poder. Há os que sabem e os que cuidam, os médico-chefe e os enfermeiros. Há os que debatem ideias e os que executam tarefas. Há os que ordenham a vida dos outros e, tal como se faz o leite para virar manteiga, batem-na até virar tese. Há os que a arquivam. Sei disso, porque fiz de tudo isso um pouco. Não se pode escapar do poder. Pode-se simplesmente tentar partilhá-lo. (LEJUENE, 1997, p.111).

Foi ali, na Granja Solidão, o recanto onde ele pôs o mundo inteiro e onde construiu o edifício de sua vida e amargou os momentos finais de sua existência até aqui, de Campina, se despediu para sempre no dia 10 de Abril de 1993. (SILVA, 1999, p.53).

Edvaldo de Souza do Ó (1929-1993), economista, professor, diretor, reitor, secretário, dirigente, conselheiro, presidente e intelectual. Um homem do seu tempo, comprometido com as questões de sua época. Envolvido com a causa educacional e desenvolvimentista, teve sua atuação marcada pela inquietação criadora e renovadora pela sua coerência de princípios, pioneirismo e divulgação de suas ideias e práticas.

No dia 10 de abril de 1993, morria Edvaldo do Ó, em Campina Grande, cidade onde viveu a maior parte de sua vida. Intelectual campinense que na segunda metade do século XX exerceu função-chave para a Educação Superior na cidade, com seu empreendedorismo e pioneirismo quanto aos assuntos de sua terra.

Edvaldo do Ó foi um articulador à causa do ensino, amante da cultura, e em cuja trajetória encontramos projetos, anseios, embates e lutas para realizar na “sua” Campina Grande um projeto educacional e de transformação da cidade em um polo educacional. Conseguiu ver os frutos de seu esforço, porém, um câncer de pulmão, dentre tantas lutas e batalhas ao longo de sua vida, fatalmente o venceu.

A sua morte trava uma batalha com a memória, a história e ato de se arquivar. Ao longo de sua vida, Edvaldo do Ó guardou, recortou: documentos, jornais, livros, cartas. Construiu a Granja Solidão para ser esse espaço de autoarquivamento, e ao longo desses quatro anos de pesquisa fiz visitas frequentes a esse lugar, e a cada visita descobri um pouco do Edvaldo do Ó, como cada espaço foi pensado e idealizado por ele, um lugar frio, mas aconchegante, e capaz de gerar muita imaginação quanto a quem viveu lá, desde suas visitas, conversas, de vista belíssima para Campina Grande.

Assim diz Artières (1998) sobre arquivar a própria vida: para ele os arquivos são importantes em nossa vida e para a construção de uma memória. E esse ato de juntar, organizar e arquivar sua vida deve partir dos documentos.

Nessa esteira Edvaldo do Ó arquivou sua vida na Granja Solidão, “[...] o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é uma muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto” (ARTIÈRES, 1998, p. 29). Nessa linha de pensamento, percebemos que o ato de arquivar a vida é um processo simbólico, mas que reúne peças necessárias para a própria defesa de sua imagem, e não é de forma desinteressada.

Então, ao chegarmos nessa finalização da pesquisa, temos o momento da morte de Edvaldo do Ó não como fim, mas sim uma etapa de sua vida. Nosso personagem induziu seus herdeiros intelectuais para a elaboração de sua memória e na elaboração de uma construção de sua posteridade, construindo um lugar de memória, e que seja conferido a sua imortalidade.

No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir das construções póstumas. Máscaras mortuárias, discursos por ocasião do enterro e biografias são algumas das formas de manter viva a memória do indivíduo. Memória que, diga-se de passagem, é construída item por item. (ABREU, 1996, p.67).

Memória, ou ato de (re)lembrar é, assim, uma forma de construir significações/ressignificações de um tempo pretérito em um tempo presente, seja enquanto atividade individual ou coletiva. Como escreve Cartoga (2009), a memória

É formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das representações (ou das representificações) do pretérito.

Da mesma forma, autobiografias ou memórias individuais têm relação tensa com a escrita da história. Nesse sentido, Loriga (2011) se pergunta se a vida de uma pessoa pode esclarecer o passado e quais critérios têm os historiadores na escrita biográfica para definir a hierarquia de importância e de significação dos acontecimentos. Essas questões, para a autora, criaram uma aliança entre “convicção política e reflexão metodológica” na utilização de materiais biográficos com o intuito de iluminar a “capacidade de iniciativa pessoal dos atores históricos”.

Edvaldo do Ó organiza um arquivo pessoal, induzindo a elaboração de sua posteridade, que por intermédio da memória tem conferido a imortalidade de sua

história. Pertencente a um grupo de intelectuais que defendem a educação de nível superior, atuando como difusor incansável a cidade de Campina Grande, participando de vários projetos desenvolvimentistas, assim podemos definir Edvaldo do Ó.

Do conjunto de documentos e livros que compõem o arquivo privado pessoal e a biblioteca de Edvaldo do Ó, emerge um agrupamento inumerável de proposições, imagens e representações. Delas, tentou-se trabalhar algumas, muitas outras restaram, podendo ser objeto de futuras pesquisas.

Com este trabalho, procurou-se contribuir para as reflexões já realizadas sobre Edvaldo do Ó, buscando-se inspiração nos estudos empreendidos nos campos da biografia, da história dos intelectuais, dos arquivos privados, da biblioteca e das correspondências. Muitas foram as referências que sugeriram interpretações e permitiram deduções. Nestas considerações finais, busca-se portanto, retomar algumas interpretações, inquirindo os próprios limites desta pesquisa e identificando aspectos que sugerem novas vias de investigação.

Um dos primeiros objetivos enunciados era o de pensar uma história da intelectualidade definida a partir da análise dos espaços de sociabilidade que os eruditos fundam e nos quais convivem. Procurou-se elaborar uma definição de intelectual que se baseasse não apenas na produção de uma obra publicada, mas também, e principalmente, no reconhecimento granjeado por um indivíduo nos diversos espaços de sociabilidade intelectual existentes no seu tempo.

No caso de Edvaldo do Ó, um dos espaços de sociabilidade que ganhou imediatamente destaque foi o engajamento político social em que se envolveu em projetos de desenvolvimento campinense em foco que seria a Educação Superior.

Em texto de Silva (1999, p.79), relata-se que “[...] muita gente se referia a Edvaldo do Ó, como o REALIZADOR [...]”, numa autorrepresentação do intelectual como um indivíduo de ação, de atuação em várias atividades da sociedade, notadamente no campo educacional, sendo assim, torna-se inegável seu empenho e engajamento intelectual. Edvaldo do Ó arquivou sua vida em sua biblioteca pessoal, nos documentos que lá encontramos, no arquivamento do seu “eu”. Nesses documentos percebemos que surge a imagem de um indivíduo reservado, porém atuante, distante da vida mundana, mas integrado às discussões no campo intelectual. Assim nos confirma Artières (1998, p.29):

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é uma muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Os desafios de estudar uma trajetória não estão apenas nos riscos do reducionismo provocados pela admiração do personagem – ao mesmo tempo um perigo e uma necessidade para a realização da pesquisa – mas, também, em se ater apenas às questões do plano individual. Nesta experiência de escrita procuramos imbricar o personagem a uma dada configuração histórica.

Desse modo, a trajetória intelectual de Edvaldo do Ó foi sendo construída a partir do diálogo com a historiografia de cada momento histórico específico. Procuramos compreendê-lo em sua multiplicidade, dando novos sentido a temas amplamente conhecidos e também naturalizados por alguns estudiosos.

Nesse sentido, acreditamos que os estudos em torno da trajetória político-intelectual de Edvaldo do Ó necessariamente perpassaram pela história cultural, social e política. O avanço da pesquisa e da análise dos documentos propiciou algumas mudanças de perspectivas ao longo da elaboração da tese. Nesse âmbito, as relações entre saber e poder se tornaram fundamentais no que concerne a encontrar fios que se interrelacionassem com o personagem e com as temáticas que envolvessem as demandas sociais campinenses.

Ao contrário de muitos intelectuais contemporâneos a Edvaldo do Ó que publicavam em livros, romances, textos jornalísticos seus trabalhos, seus posicionamentos, nosso personagem fez um percurso diferente. Temos aqui um indivíduo que se arquivou, e assim deixou no seu ambiente de trabalho possibilidades de constituição de si. Em sua biblioteca, nos deparamos com um acervo documental sobre a história de sua vida, além, também, de subsídios para a história de Campina Grande.

Nesse ponto, Edvaldo do Ó arquivou cartas, documentos, notas de jornais, fotografias com os quais se pôde inferir, entrever, suas práticas de relacionamento social, político e profissional. Por meio desses itens arquivados surge a imagem de um indivíduo reservado, porém atuante, mas integrado ao campo intelectual.

No percurso da pesquisa encontramos cartas que nos explicavam o seu espaço de sociabilidade, e foi na prática epistolar que conseguimos tecer junto à trajetória de

Edvaldo do Ó aspectos relevantes quanto a suas relações de sociabilidades, gerando uma rede de amigos. E ao nos depararmos com as cartas, tivemos a confirmação da fabricação de si, pois sua trajetória está implicada em desejos, necessidades e vontades.

Nesse processo, temos o encontro com o arquivo, e o mesmo faz um feitiço que exerce, decorrente da suposta capacidade de oferecer uma via direta de acesso à intimidade, aos pensamentos e à própria memória das pessoas, bem como a esperança de encontrar, nos vestígios fragmentários de uma trajetória, o indivíduo desnudado, de forma que nos arquivos podemos encontrar “tesouros escondidos”.

Um ponto suscitado nesta pesquisa foi a relação que se estabeleceu entre a formação acadêmica e a atuação profissional de Edvaldo do Ó. Buscou-se pensar em que medida seu percurso escolar e universitário conformou sua trajetória profissional e seu engajamento político social, desencadeando sua atuação como intelectual.

Outro aspecto proposto nesta investigação dizia respeito à construção de um intelectual campinense que assume um papel de protagonista nas tramas sociais em que se envolveu ao longo de sua trajetória, mas que fica demarcado na construção memorialística a partir dos projetos, sonhos, desejos que partiram do “EU” Edvaldo do Ó e se ampliaram como um projeto educacional para o Ensino Superior, assim como em outros órgãos nos quais também atuou. Todas as referências deveriam construir a representação de um Edvaldo do Ó referente a seu engajamento desde a União Universitária até a reitoria da Universidade Regional do Nordeste – URNE, e nessa representação nosso personagem está implicado numa rede de conexões, engajamentos com amigos, políticos, através de mediações intelectuais enquanto cursava e vivia suas experiências

A essa representação, o acervo acumulado por Edvaldo do Ó e sua biblioteca particular somava ainda outra: a do intelectual erudito, atualizado, conhecedor das últimas novidades em voga nos principais centros educacionais e desenvolvimentistas. Vimos assim o itinerário e as práticas de leitura e escrita nas tramas do arquivo de Edvaldo do Ó e nos documentos que permitiram investigar as relações entre suas práticas de uma rede de sociabilidade e de mediações intelectuais.

Um último objetivo enunciado visava compreender como Edvaldo do Ó se consolidou como o intelectual engajado, empenhado no desenvolvimento de sua cidade. Nesse sentido, temos um intelectual particularmente preocupado com os

aspectos singulares da realidade educacional campinense. Compreendendo-se as condições da sua atuação, buscou-se identificar a contribuição do nosso personagem para a transformação da educação campinense a partir da trajetória de produção intelectual na qual se inseria.

O pensamento de Edvaldo do Ó sempre exaltava palavras como “progresso”, “crescimento”, “desenvolvimento”, permitindo que a cidade angariasse e desenvolvesse uma expansão não apenas material, mas principalmente educacional. Nesse projeto de cidade estava incluso um investimento intelectual e cultural associado a uma cidade politizada e aos espaços de sociabilidades em que nosso personagem circulava, bem como as ideias de representar Campina Grande em constante dinâmica política e educacional.

Ao empreender esta tese, procurou-se ao longo dessas páginas deixar que Edvaldo do Ó expusesse suas preocupações e interesses, enfim, que apresentasse sua visão dos fatos de seu tempo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Um homem de letras. *In*: ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996. p.137.

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959)**. Campina Grande (PB): EDUFPG, 2006.

AGRA DO Ó, Alarcon. Projetos em cena: uma eleição municipal em Campina Grande, em 1959. **Saeculum**. Revista de História, João Pessoa, n. 6/7, p. 153-170, jan.-dez. 2001.

AGULHON, Maurice. Depoimento. *In*: NORA, Pierre (Org.). **Ensaio de ego-história**. Lisboa: Direi, 1989.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajeto**: Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da História. Bauru (SP): EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.) **Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 15-38.

ALEIXO, Ramon de Alcântara. **A construção do “novo nordeste” no concerto do Ensino Superior: Intelectuais, Política e Educação na URNe**. 338 f. 2018. Orientador: Jean Carlo de Carvalho Costa. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001. p. 15-33.

ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel. Memória da Comunicação Campinense: A Gazeta do Sertão. **Retalhos Históricos de Campina Grande**. Campina Grande (PB), out. 2020. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2015/10/#.YOEaLuj0nIU>. Acesso em: 24 jul. 2019.

ARENDT, Hannah. O caso Dreyfus. *In*: ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 111-146.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da História, Escrita Biográfica: limites, tensões e possibilidades. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 20.: História e Liberdade. Franca (SP), 06-10 set. 2010. **Anais...** Franca (SP): ANPUH/SP; UNESP, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. **Oralidade**, São Paulo, ano 1, n. 2, p.45-60, jul.-dez. 2007. Disponível em: https://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/2019-09/Oralidade%202_0.pdf. Acesso em: 30 jan. 2021.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.) **Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BIANCIOTTI, Hector. **O que a noite conta para o dia**. São Paulo: Siciliano, 1995.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: UNESP, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 211.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **O Mercado de Bens Simbólicos**. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Escrita dos movimentos interiores: Escrita de si e Construção de uma trajetória de intelectualidade e Distinção em A. Tito Filho (1971-1992)**. Orientadora: Prof. Dr^a. Sílvia Cortez Silva. 2012. 264 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 2012.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Paul Ricoeur e Michel de Certeau: a hermenêutica da falta como produção de sentidos ou a hermenêutica dos rastros do Outro. **Revista de Teoria da História (UFG)**, Goiânia, ano 2, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28945>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens**: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Orientador: Prof. Dr. Ariosvaldo da Silva Diniz. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Nossa história**. Recife: Unicap, [2016]. Disponível em: <https://portal.unicap.br/nossa-historia>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-400.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009. (Repensando a Geografia).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. Vol. 1. Petrópolis (RJ): Vozes, 1980.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 13, p.97-113, 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1973>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CHARTIER, Roger. História Intelectual e História das Mentalidades. *In*: CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 22-60.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Topoi**, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p. 7-16, jun.-dez. 2009.

DERRIDA, Jacques. **O Animal que logo sou (A seguir)**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DOSSE, François. A oposição história/memória. *In*: DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2004. p. 169-193.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1993.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Silvana Torquato. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande**: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980). Orientador: Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa Souza. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB), 2011.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAUDÊNCIO, B. R. A. **Da Academia ao Bar**: círculos intelectuais e cultura impressa em Campina Grande -PB (1913-1953). 1. ed. Campina Grande: Leve, 2019.

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: O historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**: Arquivos pessoais, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 121-128, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GONTIJO, Rebeca. História, Cultura, Política e Sociabilidade Intelectual. *In*: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2005. p. 259-284.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da História. *In*: SOUZA, Adriana Barreto. **Duque de Caxias**: o homem por trás do Monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.19-26.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Ação Educar. Campina Grande (PB): Secretaria de Educação de Campina Grande, 2000.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.

HEYMANN, Luciana. **As obrigações do poder:** relações pessoais e vida pública na correspondência pessoal de Filinto Muller. Rio de Janeiro: PPGAS; Museu Nacional; UFRJ, 1997.

KOSELEK, Reinhart. **Futuro-Passado:** Uma contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória.** 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1992.

LEMONS, Plínio. *In:* CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Acervo:** Dicionário. Verbete Biográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/lemons-plinio>. Acesso em: 8 jul. 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In:* FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. *In:* RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LEVY, Giovani. Usos da Biografia. *In:* AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abuso da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.167-182.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões socioeconômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984).** Orientador: Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda. 2004. 300 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIMA, Damião de. **O processo de industrialização via incentivos fiscais:** expansão e crise em Campina Grande. Orientador: Prof. Dr. José Heleno Rotta. 1996. 118f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Economia Rural e Regional, Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba – Campus II – Campina Grande (PB), 1996.

LIMA, Rômulo de Araújo. **A luz que não se apaga:** a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico. Campina Grande (PB):EdUepb, 2010.

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande:** Uma Experiência Tecnológica do Nordeste. Campina Grande (PB): Tecnal, [1990].

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. *In:* REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**. Da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MALATIAN, Maria Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). *In*: MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTENEGRO, Rosilene Dias et al. (Orgs.). **Escola Politécnica**: Memórias do Ensino Superior em Campina Grande. Campina Grande (PB): EDUFCG, 2018. E-book.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: Uma Polêmica. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

OKABAYASHI, Silvia Cristina da Silva. A profissão do economista. **ReFAE**: Revista da Faculdade de Administração e Economia, São Paulo, v.1, n. 2, p. 29-32, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ReFAE/article/view/1839/1841>. Acesso em: 23 set. 2019.

PANIZZOLO, Claudia. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. **Ponto e vírgula**, São Paulo, v. 10, 2012. p.74-88. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/articulate/viewFile/13901/10225>. Acesso em: 10 out. 2017.

PERROT, Michelle. (Org.) Introdução. *In*: PERROT, Michelle. **História da Vida Privada**: da Revolução à Primeira Guerra. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p.11.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**: Teoria e História, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 23 jul. 2019.

REGO, Vital do. *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Acervo**: Dicionário. Verbete Biográfico. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-vital-do-rego>. Acesso em: 8 jul. 2019.

RIBEIRO, Rafael Porto. **“Uma Luz Que Não Se Apaga”**: A elite de Campina Grande e a construção da Escola Politécnica da Paraíba (1950-1962). Orientadora:

Rosilene Dias Montenegro. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papirus, 1997.

ROCHA, Dom Jaime Vieira. Declaração dos Bispos do Nordeste. *In*: ROCHA, Dom Jaime Vieira (Org.). **Sob os signos da Esperança e da responsabilidade social: Anais do I e II Encontros dos Bispos do Nordeste** (Campina Grande, 1956; Natal, 1959). Campina Grande (PB): EDUEPB, 2016. p. 85-119.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1970)**. 22. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

SÁ, Marisa Braga de. A Paisagem Recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. *In*: GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande**. Campina Grande (PB): Ação Educar; Secretaria de Educação de Campina Grande, 2000.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Atuação do Centro Estudantil Campinense: Movimento Estudantil, Projetos Educacionais e Culturais Políticas em Campina Grande (1945 – 1964)**. Orientador: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado. 2020. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SANTOS, Fabricio Pereira dos. **Representações sobre o Prefeito Severino Cabral dentro de uma Cultura Política Modernizante na Cidade de Campina Grande (1958-1963)**. Orientador: Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande (PB), 2014.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade. 1965-2002**. 2008. Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. 233 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis**, Caxias do Sul (RS), v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. *In*: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SEAWRIGHT, Leandro A. Teoria da História – a escrita, o lugar do morto e do assombro: diálogos com Michel de Certeau. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 375-401, maio/ago. 2017.

SILVA FILHO, Leonides Alves da. **SUDENE**: 50 anos. Uma abordagem política, institucional e administrativa. Recife: COMUNIGRAF, 2009. Disponível em: http://www.inad.com.br/publicacao/arquivos/20120730143856p_sudene_50_anos.pdf f. Acesso em: 17 out. 2019.

SILVA, Daniela Medeiros da. **Cartografias da Infância**: Discursos institucionais, pedagógicos e curriculares da pré-escola campinense. Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes do Nascimento. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB), 2009.

SILVA, Daniela Medeiros da. **Infância**: uma invenção histórica. Orientadora: Profa. Dra. Ofélia Maria Barros. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande (PB), 2004.

SILVA, Daniela Medeiros da. **Governo sobre os infantes**:: discursos escolares/psi/ pedagógicos sobre a Infância. Orientador: Profa. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Historiografia e Ensino de História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB), 2006.

SILVA, Eduardo Gomes. O esboço como exercício biográfico ou Otto Maria Carpeaux, biógrafo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 340-358, maio/ago. 2019.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em Questão. In: LOPES, Marcos Antônio. **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragments da História Intelectual**: Entre Questionamentos e Perspectivas. Campinas (SP): Papirus, 2002 (Coleção Textos do Tempo).

SILVA, Itan Pereira da. **UEPB**: Uma Universidade Emergente. Retalhos de uma História de 30 anos. Campina Grande (PB): Gráfica da SEC (PB), 1996.

SILVA, Itan Pereira. **Edvaldo do Ó**: Um tropeiro da Borborema (tópicos da sua caminhada). Campina Grande (PB): Prefeitura Municipal de Campina Grande; Fundação Edvaldo de Souza do Ó; Edições Caravela, 1999.

SIRINELLI, Jean François. As elites culturais. *In*: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais do final do século XX. *In*: AZEVEDO, Cecília (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 47-58.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 2003. p. 231-270.

SOB O SOL da Toscana. Direção: Audrey Wells. Produção: Tom Sternberg; Audrey Wells. Intérprete: Diane Lane; Sandra Oh; Lindsay Duncan; Raoul Bova. Roteiro: Audrey Wells, baseado em livro de Frances Mayes. Fotografia de Geoffrey Simpson. Direção de Arte de Gianfranco Fumagalli; Gianni Giovagnoni. Estados Unidos; Itália: Buena Vista Pictures, 2003. 01 (um) DVD.

SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande (1920-1945)**. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Hunold Lara. 2001. 371 f. Tese (Doutorado em) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2001.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. A Criação das Escolas de Ensino Superior em Campina Grande. **Jornal de Campina**, Campina Grande (PB), p.05, 18 ago. 1952.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. **História da Universidade Regional do Nordeste**. Vol. I. Campina Grande (PB): Grafset, 1986.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. **Palavras do Presidente da Bolsa**. Campina Grande (PB): Bolsa de Mercadorias de Campina Grande, 1993.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. **Politécnica: Primeira Escola Superior de Campina Grande**. Campina Grande (PB): Editora Campina Grande, [1982a].

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. **PETRAI: Programa Especial de Trabalho sobre Industrialização em Campina Grande**. Campina Grande (PB): Editora Campina Grande, 1982b.

SOUZA DO Ó, Edvaldo de. **Sanesa: História de um bem comum**. Campina Grande (PB): Editora Campina Grande, 1982c.

SOUZA DO Ó, Edvaldo. A Criação das Escolas de Ensino Superior em Campina Grande. **Jornal de Campina**, Campina Grande (PB), p. 5, 18 ago. 1952.

SOUZA DO Ó, Edvaldo. A União Universitária Campinense, uma semente. *In*: LUIZ JR., José; CARTAXO, Marcos (Orgs.) **História da Universidade Regional do Nordeste**. v. II. Campina Grande (PB): Grafset, 1994. p. 23-26.

SOUZA, Danilo Rodrigues. **O ideário de industrialização e desenvolvimentismo nas representações do Diário da Borborema (1957-1979)**. Orientador: Prof. Dr. Severino Cabral Filho. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2016.

SOUZA, Fabiano Badú de. **Modernidade à conta gotas: por uma história do abastecimento de água em Campina Grande-PB (1950-1958)**. Orientador: Severino Cabral Filho. 2013. 168 f. (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB), 2013.

TORRES, José Valmi Oliveira. **Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como pólo tecnológico (1952-1973)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB), 2010.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 (Coleção História e Historiografia, 14).

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arquivo & Administração**, Porto Alegre, v. 10-14, n. 2, 1986. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21184>. Acesso em: 19 abr. 2021.

VIEIRA, Carlos Eduardo. História Intelectual e História dos Intelectuais. Diálogos acerca da escrita da História da educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete; OSINSKI, Dulce (Org.). **História Intelectual e Educação**. Jundiaí: Paco, 2015. p. 11-26.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e Intelectuais – sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá (PR), v.8, n. 1 [16], p. 64-85, jan.-abr. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>. Acesso em: 12 set. 2017.

WADI, Yonissa M.; SOUZA, Keila R. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.) **Memórias e Narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 93-130.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campina (SP), v. 3, n. 1[5], p.125-167, 2003.